



Câmpus de São José do Rio Preto

Michele Cristina Barquete Ueda

O *ethos* das obras de autoajuda para terceira idade

São José do Rio Preto  
2014

Michele Cristina Barquete Ueda

O *ethos* das obras de autoajuda para terceira idade

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anna Flora Brunelli  
Co-orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Denise Gasparini Bastos

## São José do Rio Preto

Ueda, Michele Cristina Barquete

O *ethos* das obras de autoajuda para terceira idade/ Michele Cristina Barquete Ueda. -- São José do Rio Preto, 2014.  
105 f.: il., tab.

Orientador: Anna Flora Brunelli

Coorientador: Sandra Denise Gasparini Bastos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise Linguística (Linguística) 3. Análise do Discurso. 4. Ethos. 5. Modalidade( Linguística). 6. Autoajuda. 7. Idosos. I. Brunelli, Anna Flora. II. Gasparini-Bastos, Sandra Denise. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. O *ethos* das obras de autoajuda para a terceira idade.

CDU - 412

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE  
UNESP- Câmpus de São José do Rio Preto

## Comissão Julgadora

### Titulares

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anna Flora Brunelli  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientador

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa  
UEM – Maringá

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves  
UNESP – São José do Rio Preto

### Suplentes

Profa. Dra. Fernanda Mussalim  
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa  
UNESP- São José do Rio Preto

São José do Rio Preto  
19 de agosto de 2014

## AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 19 de agosto de 2014

MICHELE CRISTINA BARQUETE UEDA

## AGRADECIMENTOS

São tantas as coisas que gostaria de dizer às pessoas que, de alguma forma, me ajudaram na realização desta pesquisa, que acabo por ficar sem meios linguísticos para expressar minha gratidão. Por isso, escrevo um simples, mas simbólico discurso, com o qual espero demonstrar, de forma mínima, o quanto sou grata a essas pessoas.

Inicialmente, agradeço a Deus, por minha existência, por minha saúde e por todas as bênçãos que Ele tem me concedido ao longo de minha vida.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais, os maiores amores da minha vida, que sempre me incentivaram, me ampararam e me apoiaram em todas as minhas escolhas, lutando, ao meu lado, todas as minhas lutas.

Agradeço muitíssimo às minhas duas orientadoras, Anna Flora Brunelli e Sandra Denise Gasparini Bastos. À Anna Flora, por ser uma pessoa sempre tão querida e receptiva. Por demonstrar, a todo tempo, uma paciência e uma afetividade quase maternas por todos os seus orientandos. Por ter me ensinado muito sobre Análise do Discurso. Por sempre dirigir a mim, ainda que diversas vezes sem perceber, palavras otimistas e motivadoras, mais eficazes do que as que encontramos em muitos livros de autoajuda (talvez pelo fato de serem vindas realmente do coração). À Sandra, por toda a preocupação, atenção e ajuda que me ofereceu durante todo o mestrado. Por ter sido uma orientadora com a qual eu pude contar em todos os momentos, ainda que esses momentos tivessem sido os finais de semana. Por ter me dado verdadeiras aulas particulares sobre modalidade e por, muito mais do que me ensinar a classificar e definir os elementos modais, me mostrar que organização e perfeccionismo são duas qualidades que só vêm a somar em nossas vidas.

Agradeço também aos meus amigos, por sempre trazerem alegria e leveza aos meus dias.

E, por fim, agradeço à CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

*“Qual seria sua idade se você não soubesse  
quantos anos tem?”*

(Confúcio)

## Resumo

Neste trabalho, analisa-se o *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade. Para tanto, adota-se o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas reflexões de Dominique Maingueneau sobre a noção de *ethos* discursivo. De acordo com o autor, o *ethos* diz respeito à imagem que o sujeito enunciador do discurso projeta de si pelo modo como enuncia. O *corpus* da pesquisa é composto por três obras de autoajuda para a terceira idade que foram escritas originalmente em língua portuguesa. Como o *ethos* pode ser apreendido por diversos indícios presentes na superfície textual, neste estudo, analisa-se o *ethos* especialmente por meio de itens lexicais modais. A opção pela análise da modalidade se deve ao fato de essa categoria estar relacionada a uma expressão de subjetividade do enunciador, o que favorece a análise da imagem que o sujeito enunciador projeta de si. A análise dos itens modais, que está baseada em trabalhos funcionalistas sobre o tema, especialmente o de Hengeveld (2004), conta com o levantamento e com a classificação dos itens lexicais modais presentes nas obras do *corpus*, considerando-se, para a classificação, dois critérios, isto é, o domínio semântico e o alvo de avaliação de cada item modal. A análise do *ethos*, que também leva em conta outros aspectos da superfície do discurso de autoajuda para a terceira idade, como ocorrências de verbos no imperativo e emprego do item lexical “velho”, revela que o tom autoritário predomina nesse discurso. A análise ainda evidencia que o discurso de autoajuda para a terceira idade é menos um discurso otimista que oferece aos idosos fórmulas para alcançar uma velhice feliz e mais um discurso autoritário que se destina a ensinar a sociedade a ajudar e a entender a pessoa idosa.

Palavras-chave: Discurso. Autoajuda. Terceira Idade. *Ethos*. Modalidade.



## Abstract

This paper aims to analyze the *ethos* of self-help books targeting the third age, considering grammar and lexical items contained in the text. The considerations with regard to *ethos* described and followed in this research belong to the French Discourse Analysis, with special emphasis on Dominique Maingueneau's reflections in this regard. According to him, *ethos* is about the image projected by the subject of enunciation considering the way they enunciate. The corpus of the research is composed of three self-help books for the third age that were originally written in Portuguese. The *ethos* can be captured through many evidences contained in the text. Thus, in this study we chose to analyze the *ethos* mainly through modal elements found in the corpus. The analysis of modality was chosen as this category is related to enunciator's subjectivity expression regarding their enunciate. Therefore, modal elements are a privileged focus of linguistic-discursive investigation in order to analyze the *ethos*. The study of modality was carried out mainly based on Hengeveld's functional considerations (2004) about the theme. The choice of functional component to analyze data is justified because this line of research provides relevant information on the subject and considers, in its analyses, the discursive context with modal elements. The analysis of *ethos* also takes into account other aspects of the surface of self-help discourse for the third age, like the occurrences of verbs in the imperative and the employment that the lexical item "old" reveals about the authoritative tone that dominates this discourse. The analysis also shows that the self-help discourse for the elderly is less an optimistic speech that offers seniors formulas to achieve a happy old age and more authoritarian discourse that is designed to teach the society to help and understand the elder.

Keywords: Discourse. Self-Help. Third Age. *Ethos*. Modality.

## SUMÁRIO

Página

<b>Lista de Tabela.....</b>	<b>7</b>
<b>Lista de Quadros.....</b>	<b>8</b>
<b>Lista de Figuras.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 – O aparato teórico-metodológico .....</b>	<b>16</b>
Introdução.....	16
1. Estudos linguísticos e a construção da imagem do sujeito no discurso.....	16
2. O <i>ethos</i> discursivo. ....	19
2.1. O <i>ethos</i> retórico .....	19
2.2. <i>Ethos</i> discursivo: as contribuições de Maingueneau .....	21
2.2.1. <i>Ethos</i> e as cenas de enunciação .....	24
2.2.2. O <i>ethos</i> pré-discursivo .....	26
2.2.3. <i>Ethos</i> dito vs <i>Ethos</i> mostrado.....	28
2.2.4. <i>Ethos</i> e os índices textuais.....	30
3. O conceito de modalidade.....	32
3.1. A questão da modalização dos enunciados.....	34
3.2 A manifestação dos modalizadores na superfície textual.....	35
3.3 A classificação das modalidades.....	37
3.4 A orientação da modalidade.....	42
<b>Capítulo 2 - O discurso de autoajuda e o discurso sobre a terceira idade .....</b>	<b>46</b>
Introdução.....	46
1. O discurso de autoajuda .....	46
2. O discurso sobre a terceira idade .....	53
2.1. Um panorama histórico sobre a discursivização da velhice .....	54
2.2. Estereótipos associados à velhice .....	55
2.3 O discurso atual sobre o idoso .....	58
<b>Capítulo 3- Análise da modalidade das obras do cópuz .....</b>	<b>62</b>
Introdução.....	62
1. Análise das ocorrências de modalizadores na obra <i>Envelhecer e ser feliz</i> .....	63
2 Análise das ocorrências de modalizadores na obra <i>Os segredos da terceira idade</i> .	68
.....	68
3. Análise das ocorrências de modalizadores da obra <i>A arte de envelhecer com sabedoria</i>	70
.....	70
4. Relação entre modalidade deôntica e formas verbais imperativas .....	74
<b>Capítulo 4- Análise do ethos do discurso de autoajuda para a terceira idade..</b>	<b>76</b>
Introdução.....	76
1. Análise do ethos do discurso de autoajuda para a terceira idade: modalidades e tons.....	76
1.1. Análise da obra <i>Envelhecer e ser feliz</i> .....	76
1.2. Análise da obra <i>Os segredos da terceira idade</i> .....	79
1.3. Análise da obra <i>A arte de envelhecer com sabedoria</i> .....	81
2. Análise do ethos do discurso de autoajuda para a terceira idade: capas, temas e léxico.....	84
2.1. O emprego dos vocábulos velho e idoso no discurso de autoajuda para a terceira idade.....	93
<b>Conclusões.....</b>	<b>97</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>101</b>
---	------------

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Ocorrências de modalizadores nas obras do corpus.....	62
---	----

## **Lista de Quadros**

Quadro 1- relação entre domínio semântico e alvo de avaliação.....	43
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A constituição do <i>ethos</i> efetivo.....	30
Figura 2- Capa da obra <i>Envelhecer e Ser Feliz</i> .....	86
Figura 3- Capa da obra <i>Os Segredos da Terceira Idade</i> .....	88
Figura 4- Interior da obra <i>Os Segredos da Terceira Idade</i> .....	89







## Introdução

Nesta pesquisa, adotando o ponto de vista da Análise do Discurso francesa, desenvolvemos uma análise do *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade. Nosso objetivo principal, mais exatamente, é traçar a imagem do sujeito enunciador desse tipo de discurso.

Para tanto, analisamos a expressão lexical da modalidade. A opção<sup>1</sup> pela análise dos modalizadores deve-se ao fato de que representam uma inscrição de subjetividade no discurso. Desse modo, analisando os elementos modalizadores, podemos identificar a postura que o sujeito enunciador assume ao proferir seus enunciados, o que não deixa de ser uma forma de avaliarmos a imagem que projeta de si no seu discurso.

Além da modalidade, também analisamos outros itens lexicais, como os vocábulos usados para fazer referência à pessoa idosa, pois chamou-nos atenção, nesses livros, a grande quantidade de vezes que o vocábulo *velho* foi empregado, como forma de referência ao público da terceira idade. Conforme vamos verificar no decorrer do trabalho, o modo como o sujeito enunciador do discurso de autoajuda se refere ao seu público alvo revela também uma certa imagem de si.

Nossa escolha pelo *ethos* se justifica dada a importância dessa dimensão do discurso. Segundo Maingueneau (2008), o *ethos* está diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, da sua capacidade de suscitar a crença, daí nosso interesse por esse tipo de investigação. Com a análise do *ethos*, pretendemos identificar a imagem relacionada ao sujeito enunciador desse discurso, de forma a contribuir com trabalhos já realizados acerca do discurso de autoajuda, como os de Brunelli (2004), sobre o discurso de autoajuda convencional,<sup>2</sup> e o de Sobral (2006), relacionado à autoajuda de cunho “coletivista cósmico”<sup>3</sup>.

Em sua pesquisa, Brunelli (2004) considera o *ethos* do discurso de autoajuda como o de um “homem seguro, autoconfiante e autocentrado, que está voltado para os seus objetivos e que age em busca de seu próprio bem” (BRUNELLI, 2004, p. 141).

<sup>1</sup> No capítulo 1, retomamos essa opção, apresentando de modo mais consistente o papel dos modalizadores.

<sup>2</sup> Entendemos por autoajuda convencional as obras destinadas ao público em geral. São os livros cujo discurso tem como principal objetivo fazer com que o leitor conquiste determinado sonho que, normalmente, está associado a algum tipo de conquista material.

<sup>3</sup> As obras de autoajuda que recebem tal denominação são aquelas que, segundo Sobral (2006), defendem que o alcance de determinado objetivo está diretamente ligado à união entre todas as pessoas e entre todas as coisas do universo, de modo que se crie uma espécie de “energia positiva cósmica” que faria o universo conspirar a favor da vitória do sujeito.

Concordando com as considerações de Brunelli (2004), Sobral (2006) classifica o *ethos* do discurso de autoajuda coletivista cósmico como o *ethos* do sujeito que inspira confiança e até mesmo sentimento de confidencialismo em seu leitor. Assim, tendo por base as considerações do autor, podemos pensar que o *ethos* desse discurso também é o de um homem seguro, já que, nas palavras do autor, o sujeito enunciador desse discurso se mostra “inegavelmente capaz de propor o que propõe” (SOBRAL, 2006, p. 256).

Desse modo, tomando conjuntamente os resultados de Brunelli (2004) e de Sobral (2006), podemos considerar a confiança no modo de enunciar como uma das características do discurso de autoajuda. Trata-se, então, de verificarmos se essa também é uma das características do discurso de autoajuda para a terceira idade.

### **Sobre o corpúsculo: escolha do tema de pesquisa e apresentação das obras**

Nossa escolha pelo segmento editorial da autoajuda como objeto de estudo se deve ao fato de essa linha editorial ter alcançado grande evidência no mercado de vendas, no Brasil e no mundo. Nos dias atuais, as obras de autoajuda têm ocupado posição de destaque nas prateleiras das livrarias, já que, em quase todas elas, é possível encontrar uma seção destinada somente a livros desse gênero, sendo, inclusive, bastante comum encontrar essas obras nas prateleiras referentes aos livros mais vendidos. Como exemplo de obras de grande comercialização dessa linha editorial, podemos citar alguns fenômenos de venda como *O Monge e o Executivo* que, até dezembro de 2009 (cinco anos após o lançamento de sua primeira edição), havia vendido mais de 3,5 milhões de exemplares em todo mundo.

No Brasil, Brunelli (2004) cita autores como Lair Ribeiro, cujas obras já ultrapassam a marca de 1,5 milhão de exemplares vendidos, e Lauro Trevisan, autor que já vendeu mais de 5 milhões de livros; uma de suas obras, destinada aos idosos, compõe o corpúsculo desta pesquisa.

Ainda quanto ao objeto de análise, nossa decisão de analisar obras destinadas à terceira idade se justifica pelo fato de se tratar de um tipo de corpúsculo ainda não investigado pelos estudos sobre o discurso de autoajuda. O lançamento de obras de autoajuda destinadas a esse público pode ser justificado pelo aumento significativo de pessoas pertencentes ao grupo da faixa etária em questão nas últimas décadas. Pesquisas realizadas pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>4</sup> apontam para o fato de que, no atual cenário nacional, os

---

<sup>4</sup> Dados referentes ao ano de 2002, retirados do site <http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/idosos>. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

brasileiros com mais de 60 anos já representam 7,3% da população do país. Além disso, segundo o IBGE, previsões permitem inferir que, em cerca de 25 anos, os indivíduos pertencentes à referida faixa etária representarão o equivalente a 15% da população brasileira. Esse aumento de cidadãos inseridos no grupo em questão é atribuído às melhores condições de saúde e de alimentação que estão sendo vivenciadas pela sociedade atual.

Outro fator que pode explicar o grande crescimento do público alvo em pauta é o ascendente desenvolvimento econômico pelo qual vem passando o Brasil nos últimos anos. Estudos indicam que o crescimento da população idosa de determinado país é proporcional ao seu desenvolvimento econômico e social. Assim sendo, o aumento no número de pessoas inseridas na faixa etária em questão seria consequência da atual projeção de destaque do Brasil no cenário econômico mundial, já que, atualmente, o país ocupa a sétima posição. Segundo O IBGE, enquanto no ano 2000 a expectativa de vida do brasileiro era de 68,6 anos, em 2013 esse número saltou para 74,8 anos.

Ainda que grande parte dos livros de autoajuda tenha como público específico pessoas com menos de sessenta anos, as obras de autoajuda destinadas à terceira idade também têm ganhado reconhecimento das editoras e da crítica literária. Como prova, podemos citar o “Prêmio José Veríssimo”, atribuído pela Academia Brasileira de Letras à obra de autoajuda *Envelhecer e ser feliz*, do autor brasileiro Saldanha Coelho. O crescimento do setor parece confirmar o pensamento de Veras (2002), de que viver mais não é suficiente, é necessário que a qualidade de vida acompanhe a longevidade.

Dentre os títulos de obras de autoajuda para os idosos que estão sendo comercializados atualmente, podemos citar, além dos pertencentes ao corpus desta pesquisa, títulos como *Fui moço, agora sou velho, e daí?* (CÉSAR, 2000), *Terceira idade, ainda é tempo de semear* (GOUVEA, 2002) e *Livres na terceira idade* (GUDRUN, 2011). Todas essas obras pretendem, de alguma forma, oferecer recomendações que ajudem os idosos a superarem os desafios da velhice.

Além de obras de recomendações aos idosos de modo geral, há obras destinadas a essa faixa etária com assuntos específicos como, por exemplo, o divórcio nessa idade, retratado no livro *Começar de novo: o divórcio na terceira idade* (DEIRDRE, 2010). Há também obras que abordam a vida sexual e amorosa dos idosos, como é o caso do livro *Sexo e amor na terceira idade* (BUTLER, 2005).

---

Para o desenvolvimento deste trabalho, selecionamos três obras de autoajuda destinadas à terceira idade, a saber: *Envelhecer e ser feliz*, de Saldanha Coelho (2001), *Os segredos da terceira idade*, de Lauro Trevisan (2012) e *A arte de envelhecer com sabedoria*, de Abrahão Grinberg (2000).

Em relação às obras do corpus desta pesquisa, a que se denomina *Os segredos da terceira idade* (TREVISAN, 2012) é uma obra curta, constituída por enunciados que, na maioria das vezes, tendem a elevar a autoestima dos cidadãos inseridos nessa faixa etária e que promete, em seu prefácio, desvendar os segredos de se viver bem na terceira idade por meio da afirmação: “Agora sim você descobrirá os segredos que fazem realmente da terceira idade a melhor idade.” (TREVISAN, 2012, p. 12).

A obra *Envelhecer e ser feliz* (COELHO, 2001), por sua vez, traz recomendações de como o idoso pode viver melhor na sociedade moderna, não deixando, no entanto, de explicitar os problemas físicos e psíquicos que a velhice pode trazer. O objetivo dessa obra é fazer com que os idosos consigam manter a boa qualidade de vida apesar dos obstáculos impostos pela sociedade, e pelo próprio corpo na velhice, como pode ser constatado pelo prefácio da obra: “Nosso desejo é que você perceba que as dificuldades da idade não devem desanimá-lo e que é possível driblar todo e qualquer tipo de problema.” (COELHO, 2001, p. 8)

Do mesmo modo, a obra *A arte de envelhecer com sabedoria* (GRINBERG, 2000) traz enunciados encorajadores que discorrem sobre a necessidade de se saber enfrentar as dificuldades dessa fase da vida. A obra se apresenta da seguinte maneira:

*A Arte de Envelhecer com Sabedoria* é um livro prático e de fácil leitura que trata do assunto mais importante do gênero humano: a vida. É dedicado aos idosos motivados em participar de uma existência feliz e de boa qualidade. (GRINBERG, 2000, p.13)

Todas as obras integrantes do corpus são de autores brasileiros e são escritas originalmente em língua portuguesa, o que evita, na pesquisa proposta, termos de considerar questões relativas à tradução, principalmente no que se refere à questão dos modalizadores. Além desse critério de seleção, para que a análise possa revelar as características do discurso de autoajuda para a terceira idade tal como se encontra circulando atualmente, as obras selecionadas são obras ainda disponíveis no mercado editorial.

## **Sobre a organização da dissertação: apresentação dos capítulos e esclarecimentos metodológicos**

No capítulo 1 desta pesquisa, dedicado ao aparato teórico-metodológico, discorreremos sobre os conceitos de *ethos* e de modalidade. Para tratarmos do conceito de *ethos* discursivo, apoiamo-nos especialmente nas reflexões de Dominique Maingueneau a respeito do tema. Segundo essas reflexões, de modo geral, o *ethos* é a imagem que o sujeito enunciator projeta de si a partir de seu próprio discurso. Além disso, discorreremos sobre a relação entre o *ethos* e a cena de enunciação que o discurso constrói, considerando a enunciação como a instauração progressiva de seu próprio dispositivo de fala.

Após as considerações relativas ao *ethos*, tratamos do conceito de modalidade, com base, especialmente, em pesquisas funcionalistas como a de Palmer (1996) e a de Neves (2006), dentre outros. De modo geral, de um ponto de vista funcionalista, podemos afirmar que a modalidade está ligada à atitude do falante em relação ao seu enunciado. Essa atitude pode indicar, entre outras coisas, (i) maior ou menor certeza do falante em relação ao conteúdo que enuncia; (ii) atitudes que revelam uma postura de maior ou menor autoridade por parte do enunciator.

Ainda nesse capítulo, apresentamos a proposta de classificação que adotamos para analisar as ocorrências dos itens lexicais modais presentes no corpus. Trata-se da proposta de Hengeveld (2004). Selecionamos essa proposta para o tratamento de nossos dados porque, no trabalho em questão, o autor classifica as modalidades considerando dois critérios: o domínio semântico das modalidades e o alvo da avaliação modal, o que nos permitiu observar os vários efeitos de sentido relativos aos itens lexicais modais.

No capítulo 2, tratamos do discurso de autoajuda, discorrendo sobre algumas de suas principais características. Com base em trabalhos como os de Rüdger (1996) e de Sobral (2006), podemos dizer, de um ponto de vista mais geral, que o discurso de autoajuda tem, como objetivo principal, a função de fornecer ao leitor informações sobre como o sujeito pode viver melhor na sociedade em que está inserido.

Na segunda parte desse mesmo capítulo, tratamos do discurso relativo à velhice, com base em estudos sociológicos e antropológicos, como o de Pereira (2005) e o de Silva (2008). Considerando esses trabalhos, podemos verificar como a velhice foi discursivizada ao longo da história: na maior parte das vezes, o tema foi tratado de uma forma negativa. Nos dias atuais, porém, já circulam com mais frequência discursos que consideram a velhice de um outro modo, como o discurso geriátrico, por exemplo.

Ainda nesse capítulo, apoiados em Falcão e Dias (2006), discorreremos sobre a questão dos estereótipos e dos preconceitos relativos aos idosos. Conforme vamos apresentar, esses estereótipos estão ligados aos papéis que os idosos desempenham na sociedade.

O capítulo 3 está dedicado à análise dos itens modais encontrados no *cópus*. A esse respeito, cabe esclarecermos a metodologia que empregamos na análise. Assim, inicialmente, fizemos o levantamento de todos os itens modais de cada obra do *cópus*, os quais foram classificados com base nos subtipos modais propostos por Hengeveld (2004). O resultado desse trabalho de levantamento e classificação dos itens modais é disposto em tabelas, que consideram tanto o tipo modal como a orientação da modalidade (se para o participante, para o evento ou para a proposição, conforme proposta de Hengeveld (2004)). O alvo de orientação está relacionado ao elemento “atingido” pelo modalizador empregado. Assim, por exemplo, dada uma ocorrência de modalidade que expressa ordem, analisamos sobre quem (ou sobre o que) a ordem contida no enunciado recai. Por fim, comentamos os resultados contidos na tabela, apresentando exemplos de cada tipo de modalidade analisada.

No capítulo 4, apresentamos uma análise do *ethos* de cada obra que compõe o *cópus*. Para tanto, consideramos os resultados da análise da modalidade de cada uma delas separadamente. Além disso, observamos outros aspectos do discurso de autoajuda para a terceira idade, como alguns enunciados presentes nas obras e as próprias capas dessas obras, de modo a ajudar na identificação do *ethos* de cada obra.

Por fim, no fechamento do trabalho, com base nos resultados obtidos no capítulo 4, tecemos algumas considerações mais gerais sobre o *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade e também sobre o próprio discurso em questão, tomando como parâmetro o discurso de autoajuda convencional, conforme descrito no trabalho de outros autores que se dedicaram ao tema.

## CAPÍTULO 1- O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este capítulo está dedicado à apresentação do aparato teórico-metodológico que rege o desenvolvimento deste trabalho. Assim, na primeira parte, tratamos da noção de *ethos* discursivo e, na segunda parte, do conceito de modalidade. O tratamento da noção de *ethos* discursivo se inicia com uma breve apresentação das contribuições de alguns estudos que também trataram, cada um a sua maneira, da construção da imagem do sujeito enunciador no discurso. Em seguida, discorremos sobre o modo como a noção de *ethos* foi concebida pela Retórica de Aristóteles, o primeiro quadro teórico a elaborá-la conceitualmente. Posteriormente, apresentamos a concepção de *ethos* adotada neste trabalho, de acordo com as reflexões desenvolvidas por Maingueneau (2005; 2006; 2008) sobre o tema. Na segunda parte deste capítulo, referente aos estudos modais, apresentamos o conceito de modalidade com base na definição de vários autores que abordaram o assunto e, em seguida, abordamos questões referentes à manifestação, classificação e orientação dos elementos modais.

### 1. Estudos linguísticos e a construção da imagem do sujeito no discurso

Antes de apresentar a noção de *ethos* discursivo, recuperamos alguns dos estudos que também trataram da inscrição do sujeito no discurso e/ou da construção da sua imagem, assim como faz Amossy (2005), na introdução da obra que organiza sobre o tema.

A esse respeito, a autora menciona, inicialmente, a linguística da enunciação, que discorreu sobre a inscrição do sujeito no discurso, conforme as reflexões que Émile Benveniste desenvolveu sobre a enunciação. Benveniste (1989), ao introduzir a noção de quadro figurativo, supunha a enunciação como uma forma de discurso no qual estavam presentes duas figuras: uma que seria a origem da enunciação, o locutor, e a outra que seria o destino, o alocutário. O autor aborda a oposição entre as pessoas do discurso *eu/tu* e a pessoa *ele*. As pessoas *eu/tu* são categorias discursivas cuja plenitude depende da existência de um falante. Além disso, a existência do *eu* supõe sempre a também existência de um *tu*. Essas pessoas são as protagonistas da enunciação e estabelecem relações intersubjetivas por meio do discurso. Assim, Benveniste (1989) afirma que é na enunciação que se faz presente a subjetividade, entendida por ele como a capacidade do sujeito de se colocar como locutor.

Partindo para a perspectiva interacional, é à pragmática ampliada que cabe o mérito de desenvolver a imagem do sujeito no discurso, dado o seu interesse pelas formas segundo as

quais o sujeito age sobre seu parceiro de interação. Como ressalta Amossy (2005), nessa perspectiva, como o próprio nome sugere, passa-se a considerar a interação, e não a apenas a interlocução. Desse modo, na perspectiva interacional, os participantes do discurso passam a ser vistos como interactantes. Por isso, “dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro” (Amossy, 2005, p. 12).

Ainda tratando da perspectiva interacional, a autora menciona as repercussões do trabalho do sociólogo Erving Goffman (1974) na análise da conversação. Para o sociólogo, a interação social faz com que os participantes do discurso forneçam, consciente ou inconscientemente, uma imagem de si mesmos que contribua para influenciar o parceiro da maneira esperada. Goffman (1974) utiliza o termo *representação* para descrever o que ele considera como um conjunto de atividades praticadas pelo sujeito, em determinado contexto enunciativo, com a finalidade de influenciar o outro participante.

Outra contribuição do autor sobre esse tema é a noção de *face*, que ele concebe como a imagem do *eu* definida de acordo com os atributos sociais considerados positivos e partilháveis. Assim, o autor afirma, por exemplo, ser possível passar uma imagem positiva de sua profissão quando se causa uma boa imagem de si mesmo. Mais tarde, Kerbrat-Orecchioni (2006) redefine o conceito de *face* como um conjunto de imagens valorizantes que, durante a interação, o sujeito enunciador tenta construir de si mesmo e “vender” ao outro participante do discurso.

Embora os estudos mencionados tenham, cada um a sua maneira, contribuído para as reflexões sobre a construção da imagem do sujeito falante no discurso, como bem observa Amossy (2005), Ducrot (1987) foi o verdadeiro responsável pela introdução da noção de *ethos* nas ciências da linguagem.

De acordo com o autor, o discurso fornece instruções sobre os “autores” da enunciação. Como se sabe, na sua “teoria polifônica da enunciação”, Ducrot (1987) postula uma separação entre o ser empírico extralinguístico, que se situa no mundo real, e as figuras do discurso, ficções discursivas que se representam em diversos níveis. Desse modo, há o locutor, ser que no enunciado é apresentado como seu responsável, e os enunciadores, encenações de pontos de vista, de perspectivas diferentes no interior do enunciado.

Os enunciadores são seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que se lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas. Embora os enunciadores não falem efetivamente, a enunciação permite expressar seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não suas palavras, no sentido material do termo. Nesses termos, o locutor, por meio do enunciado de



que é responsável, pode dar existência a enunciadores, na medida em que organiza seus pontos de vista e atitudes.

Ducrot (1987) distingue ainda o locutor enquanto tal (L) e o locutor enquanto pessoa do mundo ( $\lambda$ ). “L” é o responsável pela enunciação, considerado unicamente por essa propriedade. “ $\lambda$ ”, por sua vez, é uma pessoa completa, que tem, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado.

Essa diferença entre os tipos de locutores não os impede de serem entendidos apenas como seres do discurso, constituídos no sentido do enunciado. Desse modo, seu estatuto metodológico é completamente diferente daquele do sujeito falante propriamente dito. Conforme exemplificado pelo próprio autor, quando alguém diz “Ai de mim!” ou “Ah!”, está “colorindo” a sua fala, respectivamente, de tristeza ou de alegria. Desse modo, se a fala permite que se reconheçam esses sentimentos, é somente na medida em que ela mesma é triste ou alegre.

Considerando a diferença entre “L” e “ $\lambda$ ”, Ducrot afirma que o ser a quem se atribui o sentimento, em uma interjeição é “L”, o locutor visto em seu engajamento enunciativo. Por outro lado, é a “ $\lambda$ ” que se atribui um enunciado como “Estou muito triste” ou “Estou muito alegre”, nos quais os sentimentos aparecem como exteriores à enunciação, isto é, apenas como objetos da enunciação, diferentemente das interjeições, que os situam na própria enunciação. No caso das interjeições, inclusive, a enunciação é apresentada como o efeito imediato do sentimento que elas expressam. Assim, é a “ $\lambda$ ” que são atribuídos os enunciados declarativos, isto é, ao ser do mundo que, entre outras propriedades, tem a de enunciar sua tristeza ou sua alegria.

Ao postular essas diferenças entre os dois tipos de locutores, Ducrot (1987) recorre à noção de *ethos*, esclarecendo que o *ethos* está ligado a L, o locutor como tal (*eu* tomado como sujeito da enunciação e não como sujeito do enunciado, de quem se fala). Dessa forma, entende-se que o *ethos* se “mostra” no ato de enunciação (não é simplesmente dito no enunciado, na qualidade de objeto da enunciação). Assim, não podemos relacionar o *ethos* com a pessoa física do locutor, mas apenas com a imagem que ele cria no ato de sua enunciação.

## 2. O *ethos* discursivo

A noção de *ethos* é bastante antiga e remonta da época clássica. Antes de discorrer sobre o modo como a noção é empregada neste trabalho, apresentamos, em linhas gerais, como a Retórica clássica concebeu essa noção.

### 2.1. O *ethos* retórico

Os estudos clássicos de Aristóteles, em sua *Retórica*, constituem os primeiros registros formais que se tem sobre o conceito de *ethos*. O filósofo afirmava que o *ethos* era o responsável pela boa impressão que o orador poderia passar ao seu auditório que, considerando o discurso do orador, construía determinada imagem a seu respeito.

Na época clássica, a oratória era entendida como um componente da retórica e se referia ao conjunto de técnicas utilizadas pelo orador para compor seu discurso. Como observa Sousa (2000), discursos de caráter persuasivo sempre estiveram presentes na época antiga. Como exemplo, o autor cita o caso de obras clássicas como a *Ilíada*, na qual os personagens militares dirigem palavras encorajadoras aos combatentes de guerra. No entanto, o autor acrescenta que foi apenas com o advento da democracia que a prática da oratória ganhou mais evidência, pois, com o surgimento das assembleias legislativas, muitos cidadãos, com o intuito de ocupar algum cargo político, utilizavam-se da oratória para persuadir os eleitores.

Desse modo, do ponto de vista da Retórica, como observa Maingueneau (2008), com o *ethos*, o sujeito tentava criar uma imagem de si que fosse capaz de persuadir o público de seu discurso. Ou seja, o orador adaptava sua fala de acordo com o público ouvinte. É por isso que, desse ponto de vista, cabe a ele, orador,

escolher as diferentes paixões que deverá suscitar. Como a virtude não é considerada da mesma maneira em todos os lugares e por todas as pessoas, é em função de seu auditório que o orador se construirá uma imagem, conforme o que é considerado virtude. (MAINGUENEAU, 2008, p. 15).

Maingueneau (2008), apoiando-se em Declercq (1992), afirma que o *ethos* retórico envolve tudo aquilo que ajuda o orador a construir a imagem desejada. Assim, a construção do *ethos* se relaciona, entre outras coisas, ao tom de voz, à modulação da fala, à escolha das palavras e aos próprios argumentos, aos gestos e às mímicas, ao olhar e até à postura pessoal

do orador. Todos esses elementos servem, segundo o autor, para mobilizar a afetividade do auditório.

Com o intuito de caracterizar melhor a concepção de *ethos* da Retórica, Maingueneau (2008) retoma uma fórmula de Gibert, escritor que viveu no século XVIII, a respeito da constituição do que é considerado como o triângulo da retórica antiga. Esse triângulo correlaciona os três aspectos considerados nos estudos retóricos: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. O *logos* se relaciona aos argumentos usados no discurso, o *pathos* se liga às paixões que o orador deve despertar em seu público e o *ethos* corresponde aos costumes do próprio orador. A fórmula de Gibert, que resume bem o triângulo da retórica antiga, afirma que se instrui pelos argumentos (*logos*), que se comove pelas paixões (*pathos*) e que se insinua pelas condutas (*ethos*).

Maingueneau (2008) afirma também que o sucesso do *ethos*, na época clássica estava na dependência de três atributos: a *phronesis* (prudência), a *aretê* (virtude) e a *eunóia* (benevolência). Segundo Eggs (2005), *phronesis* está relacionada ao *logos*, a *aretê* se liga ao *ethos* e a *eunóia* pertenceria ao *pathos*. Desse modo, Maingueneau (2008), ainda se referindo ao pensamento de Aristóteles, afirma que, se o orador altera a veracidade de seu discurso, está desrespeitando um dos três atributos mencionados ou os três ao mesmo tempo. O orador pode, então, ser imprudente e não pensar de maneira justa, ou pode pensar de maneira justa e omitir, por malevolência, sua opinião, deixando de lado a virtude.

Mainguenau (2008) observa que o *ethos* retórico, na sua verdadeira acepção, está relacionado ao próprio ato discursivo; não deveria ser, portanto, entendido como uma instância relacionada às características reais do orador. No entanto, segundo Amossy (2005), na oratória romana, o *ethos* estava relacionado aos traços de caráter do orador. A esse respeito, a autora recupera o pensamento do filólogo romano Quintiliano, que acreditava que as ações praticadas pelo homem tinham uma importância maior do que as palavras proferidas por ele. Também Cícero considerava que a construção da boa imagem estaria relacionada ao caráter moral positivo do homem em conjunto com sua boa capacidade de manejar as palavras.

Por outro lado, segundo Le Guern (apud AMOSSY, 2005), o bom funcionamento do discurso depende exclusivamente dos elementos presentes na oratória, descartando a ideia de que as características reais do falante deveriam ser consideradas na construção do *ethos*. Essa perspectiva exclusivamente discursiva sobre o *ethos* é a que norteia os estudos da Análise do Discurso de linha francesa a respeito do tema, conforme esclareceremos melhor no próximo item.

Em relação ao conceito de *ethos* na época clássica, como foi possível observar, ainda que a oratória romana levasse em consideração os traços do caráter do orador enquanto pessoa do mundo real, como afirma Maingueneau (2008), a real acepção desse conceito relaciona-se exclusivamente ao discurso do falante. Desse modo, tanto a *phronesis*, quanto a *areté* e a *eunóia* poderiam ser respeitadas ou violadas por meio do ato discursivo do orador.

## 2.2. *Ethos* discursivo: as contribuições de Maingueneau

Conforme já mencionamos, nesse trabalho, adotamos a noção de *ethos* tal como reelaborada por Maingueneau (2008). Para o autor, o discurso proferido tem o poder de projetar uma determinada identidade do sujeito enunciador. Assim, o autor afirma que o *ethos* é depreendido no ato da enunciação, mas não é dito no enunciado, já que não deve constituir o objeto do discurso propriamente dito. Ou seja, o *ethos* não se reduz ao conteúdo do enunciado; não se confunde com o que sujeito enunciador diz sobre si mesmo, mas refere-se à imagem que o público faz do sujeito enunciador por meio de seu discurso.

Amossy (2005) afirma que, em todo e qualquer discurso, o locutor cria, ainda que inconscientemente, uma imagem de si próprio por meio da maneira de dizer, não sendo necessário, para isso, que fale explicitamente sobre si mesmo. Dessa forma, segundo a autora:

Não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. **Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.** Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (AMOSSY, 2005, p. 9; grifo nosso).

Como observa Maingueneau (2008), caso o sujeito enunciador se utilize de conteúdos elogiosos à sua própria pessoa, corre o risco de “chocar” o auditório e de criar para si uma imagem negativa.

Apoiando-se em Ducrot (1984 apud MAINGUENEAU 2008) afirma que o *ethos* está mesmo relacionado ao sujeito enquanto enunciador e não enquanto pessoa física do mundo. Desse modo, o destinatário atribui a ele traços extradiscursivos, que são, em realidade, intradiscursivos, pois estão associados a uma maneira de dizer.

No entanto, ainda que Maingueneau (2008) considere que o *ethos* deva ser depreendido da própria enunciação, o autor não deixa de mencionar o fato de que alguns

dados exteriores à fala, como os gestos e as vestimentas, também podem intervir na apreensão do *ethos* pelo destinatário.

Desse modo, podemos constatar que a construção do *ethos*, ainda que seja ligada fundamentalmente ao discurso, pode receber influências de elementos extra-discursivos, desde que esses elementos estejam ligados, de alguma maneira, ao momento da enunciação. Assim, por exemplo, quando alguém profere um discurso com um tom mais autoritário, pode ter a imagem de “sujeito de autoridade” reforçada ao trajar vestimentas mais formais.

De acordo com o autor, a noção de *ethos* permite refletir sobre o processo de adesão dos sujeitos a determinados tipos de discurso. Isso ocorre com discursos como os do gênero publicitário, por exemplo, que precisam ganhar a adesão de um público-alvo que pode decidir entre aceitar, ou não, a mensagem contida na publicidade. Já os discursos ditos “funcionais”, como os presentes em manuais, gozam de uma adesão imediata do público a que se destinam.

Além disso, Maingueneau (2008) afirma que o *ethos* não pode ser entendido como algo estático e bem definido, pois, pelo fato de ser construído *no e por meio* do discurso, ele implica um dinamismo que acompanha as alterações do próprio discurso. O autor chega, inclusive, a postular a existência de um *ethos* híbrido, como produto da ocorrência de diversos *ethe*. Como exemplo, Maingueneau (2008) cita o caso de um texto que promove a divulgação de um evento cultural ligado a tradições da zona rural. Nesse texto, misturam-se, segundo o autor, o *ethos* de um mediador cultural e um *ethos* rural convencional. O *ethos* de mediador cultural se deve ao fato de o texto conter enunciados que remetem à divulgação cultural do evento, como ocorre, por exemplo, com os trechos em que o leitor é convidado a conhecer a exposição fotográfica sobre a vida rural que acontecerá durante o evento. Já o *ethos* rural convencional justifica-se, principalmente, pela imagem que acompanha o texto, na qual se pode observar algumas vacas espalhadas em um vasto pasto verde.

Considerando casos como o citado, o autor afirma que o discurso é capaz de criar *ethe* que não remetem a um modo de dizer socialmente atestado<sup>5</sup> e que, no entanto, têm eficácia social, pois definem certas cenas de enunciação<sup>6</sup> nas quais os atores sociais dão sentido a suas respectivas atividades.

Ainda segundo Maingueneau (2008), qualquer texto, seja oral ou mesmo escrito, é dotado de uma vocalidade específica. Trata-se de um tom que remete a uma caracterização do corpo do enunciador que, por meio desse tom, atesta o conteúdo do que diz. Essa

---

<sup>5</sup> Para o exemplo citado, veja-se que não é fácil imaginar uma realidade social na qual os sujeitos pudessem mesmo se exprimir espontaneamente, combinando traços de um registro campesino a outros próprios a um registro mais elevado, relativo ao discurso de um profissional da produção cultural.

<sup>6</sup> Esse conceito será apresentado no item 2.2.1 deste capítulo.

caracterização, a qual Maingueneau chega a se referir como “corpo anunciante”, é denominada por ele de *fiador* e não deve, segundo o mesmo autor, ser concebido como um estatuto, ou seja, um ser do mundo real, mas deve ser entendido como uma imagem que, por ser produto da enunciação, está sempre relacionada ao fiador e nunca à pessoa empírica.

Esse corpo está associado não só a um certo caráter (conjunto de traços psicológicos), mas também a uma certa corporalidade, isto é, a uma constituição física e a uma maneira de se vestir. Certamente, o grau de precisão do caráter e da corporalidade varia de acordo com o discurso. Seja como for, Maingueneau (2008) afirma que o *ethos* sempre implica uma maneira de se movimentar no espaço social, ligada a algum estereótipo social.

Ao associar o tom a um certo caráter e a uma certa corporalidade, como ele próprio ressalta, Maingueneau (2008) opta por uma concepção “encarnada” do *ethos*, já que ela abrange não apenas a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas vinculadas ao *fiador*. Trata-se, conforme já dito, de estereótipos sociais que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. Assim, o fiador deve ser entendido como uma voz associada a um corpo que enuncia algo e que está inserido em determinado momento histórico. É por isso que o autor afirma que o *ethos* implica

uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confortar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica. (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Ainda a esse respeito, Maingueneau (2008) considera que o fiador implica um “mundo ético” que diz respeito a situações estereotípicas associadas a certos comportamentos. Um exemplo dado pelo autor a esse respeito é o mundo ético das celebridades, que inclui cenas como a subida dos degraus do palácio do Festival de Cannes, seções de filmagem, entrevistas à imprensa, seções de maquiagem etc. Outros exemplos citados pelo autor são o mundo ético dos ricos emergentes e o mundo ético dos executivos dinâmicos. A esses exemplos, podem-se acrescentar outros, como o mundo ético das mulheres modernas, dos jovens “descolados”, dos atletas, etc.

Conforme já dito, o *ethos* está diretamente associado ao processo de adesão dos sujeitos ao discurso. Para explicitar o papel do *ethos* nesse processo, Maingueneau (2008) introduz a noção de *incorporação*, que designa a integração entre um discurso e seu *ethos*,

mediada pela enunciação. Essa incorporação atua sobre três registros articulados da seguinte forma:

- a enunciação da obra confere uma "corporalidade" ao fiador, ela lhe *dá corpo*;
- o destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo* da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso. (MAINGUENEAU, 2008, p. 18; grifos do autor).

Conforme observa Maingueneau (2008), a incorporação não é um processo uniforme, mas se apresenta de diferentes maneiras de acordo com os gêneros e os tipos de discurso.

### 2.2.1. *Ethos* e as cenas de enunciação

De acordo com a Análise do Discurso, que é a perspectiva a partir da qual Maingueneau desenvolve suas reflexões sobre a imagem do sujeito enunciador, o *ethos* não se confunde com um recurso de persuasão. Na verdade, é tomado como um elemento constitutivo da cena de enunciação, “com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência” (MAINGUENEAU, 2005, p. 75). Segundo Maingueneau (2005), a cena de enunciação, integra, na verdade, três cenas, que ele denomina *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia*.

A cena englobante é aquela que confere ao discurso seu estatuto pragmático e que corresponde ao tipo de discurso: discurso publicitário, administrativo, filosófico, religioso, etc. A cena genérica, como o próprio nome sugere, insere o discurso em um gênero ou em um sub-gênero discursivo, que pode ser, entre outros, o do sermão, o da consulta médica e o do editorial.

Já a cenografia é a cena que se constrói pelos elementos presentes no texto. Como observa o autor, um sermão, por exemplo, pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável, etc. A cenografia, nesses termos, é a cena pressuposta pelo discurso para poder ser enunciado, mas o discurso, por seu turno, deve validá-la na sua própria enunciação para se tornar legítimo. Segundo o autor, “qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente” (MAINGUENEAU, 2005, p. 75).

Além disso, conforme Maingueneau (2008), é na cenografia que estão inscritos o discurso, o enunciador, o co-enunciador, o local e o momento da enunciação. O autor atenta para o fato de que a cenografia não deve ser entendida como uma simples cena de enunciação, como um quadro estável no qual se desenrola o ato enunciativo.

Diante do exposto, entendemos que a cenografia não é um “espaço” independente do discurso, como se o discurso realmente pudesse ocorrer num espaço já construído. Trata-se, na verdade, da cena que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala. Assim, a cenografia, com o *ethos* ao qual está associada, implica, segundo consta em Maingueneau (2006), um processo de enlaçamento paradoxal:

desde sua emergência, a fala é carregada de um certo *ethos*, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância. (MAINGUENEAU, 2006, p. 68).

A cenografia é, então, um quadro e um processo ao mesmo tempo. Como tal, é indissociável do conteúdo do discurso. Para exemplificar essa imbricação, Maingueneau (2006) menciona a cenografia da obra *Discurso do método*, do filósofo Descartes. Nessa obra, há um sujeito que se coloca como detentor da razão e como um homem honesto que não se liga a nenhuma instituição religiosa ou escolar. Esse sujeito afirma a excelência do “método”, do encadeamento dos argumentos, dirigindo-se a um leitor que ele pressupõe ter uma única qualidade, que é a de ser uma pessoa de bom senso, ou seja, o discurso coloca as pessoas sensatas na posição de árbitro autorizado.

Desse modo, o discurso em questão se legitima por meio de uma cenografia que é uma dimensão do conteúdo da obra, ao mesmo tempo em que o conteúdo se constitui dos próprios argumentos que legitimam a cenografia. Daí a afirmação de Maingueneau (2006) de que “o cartesianismo não é somente uma doutrina, é a instauração de certas cenografias através das quais é delineada a doutrina” (MAINGUENEAU, 2006, p. 48).

Maingueneau (2006) também esclarece que a cenografia implica não só um *ethos*, mas um certo uso da linguagem. Tanto um quanto o outro são indissociáveis da cenografia e é por meio deles que se configura o mundo que os valida, legitimando, desse modo, o próprio discurso.



Observando a instauração das cenografias no discurso, Maingueneau (2008) afirma que os gêneros discursivos podem ser divididos em três conjuntos, de acordo com a possibilidade ou não de variação de suas cenografias. Desse modo, há os gêneros do discurso que se reduzem à cena englobante e à cena genérica, como é o caso do guia telefônico, das receitas médicas, dos dicionários etc. Nesses casos, em qualquer um desses gêneros, a cena será sempre a mesma, pois se trata de gêneros que, de certa forma, estão inseridos em um contexto de maior funcionalidade.

O autor acrescenta que outros gêneros discursivos, ao contrário, exigem escolhas de cenografias que podem até ser bem variadas. Como exemplo, o autor cita o caso do discurso publicitário: há propagandas que apresentam cenografias de conversação, outras de discurso científico, etc.

Por fim, o autor menciona o caso dos gêneros que, embora susceptíveis de cenografias variadas, frequentemente mantêm sua cena genérica rotineira. Assim, há a cena genérica rotineira do manual universitário; no entanto, o autor de um manual como esse sempre tem condições de enunciar por meio de uma outra cenografia, podendo, por exemplo, enunciar o conteúdo didático por meio de um romance de aventura.

Diante do exposto, no capítulo de análise, vamos verificar se as obras de autoajuda para a terceira idade se valem de alguma cenografia específica associada ao *ethos* ou se seguem apenas a rotina típica do gênero de obras de autoajuda

### **2.2.2. O *ethos* pré-discursivo**

Quando Goffman (1974) discorreu sobre o que chamou de “papel ou cota de rotina”, estava se referindo a um modo de agir preestabelecido que pode ser seguido durante as interações sociais. O papel de rotina constitui, então, um modelo de comportamento prévio que, por exemplo, uma enfermeira pode adotar durante o contato com um doente. Esse modelo de comportamento leva à formação de uma determinada imagem social, que depende de fatores como, por exemplo, a profissão, ainda que não se saiba mais nada a respeito da pessoa.

Como sabemos, a Análise do Discurso também considera a relevância das imagens pré-estabelecidas.<sup>7</sup> Maingueneau, (2008) por sua vez, também trata da questão nas reflexões que desenvolve sobre o *ethos*. Segundo o autor, embora o *ethos* seja uma imagem que se

---

<sup>7</sup> A esse respeito, podem-se citar, por exemplo, as reflexões de Pêcheux (1969) sobre o conceito de condições de produção.

atrela ao próprio discurso, há casos em que o público dispõe de uma imagem do sujeito enunciador antes mesmo do ato da enunciação, sendo possível, assim, falar em *ethos pré-discursivo*.

O *ethos* pré-discurso está presente em alguns discursos como os relativos ao domínio político, nos quais é possível ter uma noção prévia do *ethos* do fiador do discurso, ainda que não se saiba o que será enunciado. Assim, podemos dizer que mesmo que se trate de alguém totalmente desconhecido, o simples fato de seu discurso estar situado no âmbito político, já é suficiente para a emergência de uma imagem prévia. Um outro caso citado por Maingueneau (2008) que também cria expectativas em matéria de *ethos* são as obras de romance, nas quais o leitor, antes mesmo de iniciar a leitura, já sabe o que esperar do livro. Nas palavras do autor:

De fato, mesmo que o co-enunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*. (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Haddad (2005), por sua vez, também se refere à imagem pré-construída do enunciador como *ethos* prévio. Segundo o autor, o *ethos* prévio é capaz de condicionar a construção do *ethos* discursivo. Assim, a existência de uma imagem prévia negativa relacionada ao enunciador pode diminuir a eficácia de sua argumentação. Nesse caso, o enunciador precisa, por meio de seu discurso, reconstruir seu *ethos*, de modo a tentar desfazer essa imagem negativa. Como exemplo de tentativas de se romper com o *ethos* pré-discursivo, Haddad (2005) cita o caso do escritor francês Romain Rolland, que após lançar a obra biográfica de grande sucesso *Jean Christophe*, considerada sua obra-prima, sofreu com a imagem desfavorável que lhe foi atribuída por conta do livro.

Rolland foi visto como simpatizante da cultura alemã em uma época de guerra entre a Alemanha e a França, durante a batalha do Marne. De modo a tentar desfazer essa imagem negativa, Rolland publica um artigo intitulado *Au-dessus de la mêlée*, no qual tece elogios a todos os jovens combatentes da guerra, atribuindo o adjetivo *heroico* aos soldados que participam da guerra, incluindo os franceses. O escritor se utiliza também de enunciados como “*meus* jovens companheiros franceses”, no qual o pronome *meus* pode ser entendido como uma tentativa de aproximação entre o escritor e os combatentes franceses. Desse modo, Haddad (2005) afirma que, assim como ocorreu com Rolland, é possível que, a partir de sua imagem pré-estabelecida, o locutor elabore o discurso de maneira a transmitir a imagem pretendida.

Maingueneau (2008) também menciona a possibilidade de ocorrência do que denomina de fracassos em matéria de *ethos*, pois, segundo o autor, alguém que queira passar determinada imagem pode ser tomado de outra forma. O autor cita como exemplo o caso do político que acaba por ser visto como demagogo ao pretender passar a imagem de sujeito simpático e receptivo.

Dessa maneira, é possível observarmos que o *ethos* nem sempre corresponde ao *ethos* que realmente se depreende do discurso. Assim, segundo o autor, existe o problema “da distância entre o *ethos* que o texto, em sua enunciação, pretende que seja elaborado por seu destinatário e aquele que eles<sup>8</sup> querem efetivamente elaborar, em função de sua identidade ou das situações em que se encontram” (MAINGUENEAU, 2008, p. 68).

Diante do que foi exposto sobre o *ethos* pré-discursivo, entendemos que não há garantias de que todas as expectativas relativas a esse *ethos* sejam efetivamente cumpridas, pois, como já dito, ainda que determinados tipos discursivos provoquem certas expectativas em matéria de *ethos*, é possível que haja um *ethos* discursivo diferente daquele que se espera.

No caso das obras do *corp*us, podemos dizer que a expectativa que se forma em termos de *ethos* diz respeito à própria função das obras. Como obras de autoajuda, portanto destinadas a elevar a autoestima do leitor e a orientá-lo na resolução de seus problemas, esperamos encontrar, nessas obras, um tom ora otimista, ora autoritário, à semelhança do que se encontra em obras de autoajuda mais tradicionais, conforme vamos apresentar no próximo capítulo, quando apresentamos as características desse discurso.

### 2.2.3. *Ethos* dito vs *ethos* mostrado

Conforme já apontamos, o *ethos* depende essencialmente do discurso e de suas propriedades. Mas há casos em que o enunciador fala de si próprio ou de sua própria maneira de enunciar, constituindo, assim, o que Maingueneau (2008) denomina de *ethos* dito. Um exemplo dado pelo autor para esse caso é um enunciado como “é um amigo que lhes fala”, que se constitui como uma ocorrência de *ethos* dito, já que o sujeito enunciador evoca sua própria enunciação.

De acordo com Maingueneau (2008), o *ethos* dito pode ser evocado diretamente, como no caso do *ethos* do exemplo citado, ou pode ser constituído de forma indireta, por meio de metáforas ou de alusões a enunciações anteriores. Para exemplificar essa última

---

<sup>8</sup> O pronome em questão corresponde, no caso, aos enunciadores, que, muitas vezes, elaboram um *ethos* diferente do *ethos* que seria a pretensão do texto elaborar.

possibilidade, o autor cita o seguinte caso: o 21º presidente da França, François Mitterand, em 1988, ao escrever uma carta ao povo francês, compara seu discurso com o discurso de um pai de família presente à mesa da família. Nesse caso, o sujeito enunciativo, ainda que não atribua diretamente a si mesmo certos adjetivos, faz uma comparação que pode ser entendida como uma tentativa de construir uma determinada imagem para si.

Nesse caso de haver referência a uma outra cena, Maingueneau (2008) observa que ela pode ser apresentada como um modelo ou como um antimitelo. Mais exatamente, segundo o autor, essa cena é uma cena “validada”, em que “validada” significa “já instalada na memória coletiva”, seja como antimitelo, seja como modelo valorizado.

O repertório das cenas validadas varia de acordo com o grupo visado pelo discurso. Assim, uma comunidade como uma escola filosófica ou um grupo religioso, por exemplo, certamente possui sua própria memória, mas, de maneira geral, há um estoque de cenas validadas que podem ser compartilhadas e “oferecidas” a qualquer público, por mais vasto e heterogêneo que seja.

Já o *ethos* mostrado, diferentemente do *ethos* dito, é aquele no qual a construção do *ethos* do locutor se faz por meio do próprio discurso, independente de comentários ou comparações direcionados a si mesmo. É esse último tipo de *ethos*, o *ethos* mostrado, que investigaremos nesta pesquisa, pois nos interessa, neste estudo, depreender o *ethos* por meio de marcas linguísticas presentes na superfície do discurso, pelo fato de acreditarmos que a maneira de dizer do sujeito, e as próprias escolhas lexicais feitas por ele, podem nos fornecer, de forma mais confiável, a definição do *ethos* desse sujeito.

Maingueneau (2008) afirma, no entanto, que há uma interação entre as instâncias do *ethos* dito e as do *ethos* mostrado e que ambos se inscrevem nos extremos de um contínuo, pois não é possível definir com muita clareza onde termina o “dito” sugerido e o “mostrado” não explícito. Conforme observa o autor, as metáforas, inclusive, podem estar relacionadas tanto ao *ethos* dito quanto ao *ethos* mostrado, dependendo da maneira pela qual são geridas no discurso. O esquema a seguir, encontrado em Maingueneau (2008, p. 71), explicita a constituição do que o autor chama de *ethos efetivo*, que é o produto da interação entre os “subtipos” de *ethos*:

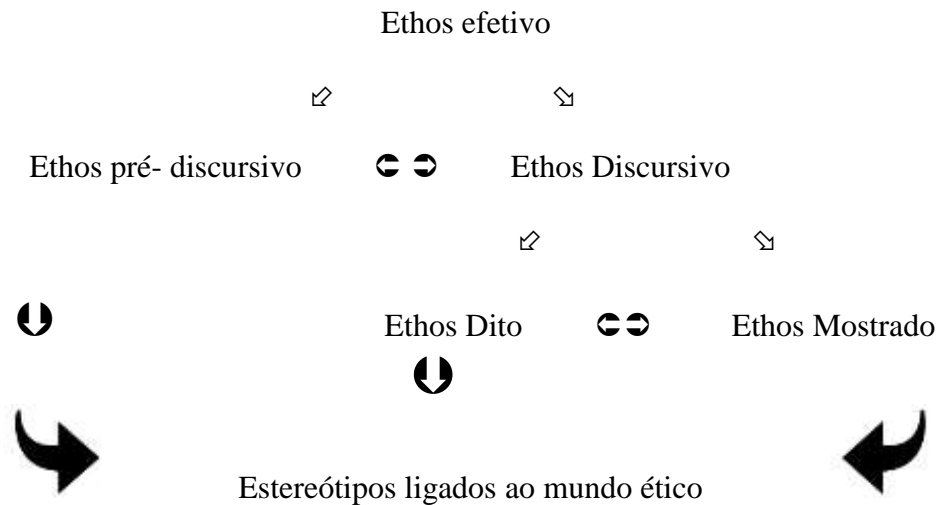


Figura 1: A constituição do *ethos* efetivo (extraído de MAINGUENEAU, 2008, p.71)

Como podemos notar, ocorre interação até mesmo entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo, pois, como já apontamos, o *ethos* pré-discursivo cria certas expectativas relacionadas ao *ethos* discursivo que podem se cumprir ou não. O *ethos* efetivo, isto é, aquele que, pelo discurso, será construído pelos leitores/ouvintes, em sua diversidade, é um produto da interação entre as diversas instâncias apresentadas, cujo peso varia consideravelmente, de discurso para discurso.

#### 2.2.4. *Ethos* e os índices textuais

Como já visto, na Análise do Discurso, o *ethos* é a imagem do sujeito enunciador construída por meio de seu discurso. Por isso é que Maingueneau (2008) afirma que os índices sobre os quais se apoia o leitor na apreensão dessa imagem vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual. Ou, como afirma Mussalim (2008), o *ethos* é uma representação que o leitor faz do enunciador “a partir de índices textuais de diversas ordens – léxico, estrutura sintática” (MUSSALIM, 2008, p. 71). No trabalho citado, a autora toma esses índices textuais de que fala Maingueneau como marcadores de modos de enunciação, considerando-os, inclusive, como lugares privilegiados da manifestação do estilo nos textos.

Seguindo os passos de Maingueneau (2005; 2006; 2008) e de Mussalim (2008), neste trabalho, o *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade será analisado a partir de

certos índices textuais considerados relevantes para a apreensão dessa imagem. A esse respeito, podemos, inclusive, adotar o modelo de outros trabalhos, como os de Koch (2000/2002) e de Orechionni (1997) que, inscritos em outras disciplinas da Linguística, também trataram de observar, cada um a sua própria maneira, a relação que há entre o emprego de certos recursos de expressão e a manifestação da subjetividade do enunciador.

De acordo com Koch (2002), por exemplo, as atitudes, os posicionamentos, os julgamentos, até as modulações afetivas do sujeito da enunciação em relação ao seu dizer e ao dito se manifestam na língua por diferentes estruturas lexicais, morfológicas e sintáticas. Koch (2000) afirma que alguns elementos, como os operadores argumentativos, as marcas de intenções, as pressuposições e os modalizadores, são capazes de estabelecer relações entre o texto e a própria enunciação. Dentre esses elementos, destacamos aqui os modalizadores, que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz.

Também Kerbrat-Orechionni (1997) afirma que, pelo emprego de certos *procedimentos linguísticos*, o locutor pode expressar sua marca nos enunciados. Dentre esses procedimentos, menciona os termos avaliativos, os *shifters* e os modalizadores. Os termos avaliativos são adjetivos e substantivos que expressam algum tipo de avaliação por parte do falante. Já os *shifters*, de uma maneira simplificada, dizem respeito aos elementos de dêixis discursivos; os modalizadores, por sua vez, são os elementos que indicam atitude do falante com relação ao que enuncia.

Diante do exposto, neste trabalho, para operacionalizar a análise do *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade, optamos pela análise de elementos modalizadores que são expressos lexicalmente. Nossa opção pelos modalizadores deve-se a que tais elementos, como já apontado por Koch (2000; 2002) representam uma inscrição de subjetividade do falante no discurso.

Desse modo, por meio dos elementos modalizadores, podemos identificar a postura que o sujeito enunciador assume ao proferir seus enunciados, assim como fez Brunelli (2004) em sua pesquisa acerca do discurso de autoajuda convencional. Para analisar o *ethos* do discurso de autoajuda, a autora analisou a manifestação lexical da modalidade em obras de autoajuda ligadas à temática do sucesso profissional e financeiro e constatou que, nessas obras, dentre outras coisas, não há modalizadores que manifestem incerteza assumida pelo sujeito-enunciador, o que corrobora para a construção da sua imagem de sujeito convicto, certo do que diz.

Diante do exposto, passamos a tratar da modalidade. Para tanto, apresentamos inicialmente o conceito de modalidade, com base em estudos clássicos e outros de orientação

funcionalista. Além disso, apresentamos a classificação das modalidades proposta por Hengeveld (2004), que vamos adotar neste trabalho.

### 3. O conceito de modalidade

Em face das várias conceitualizações a respeito da modalidade, definir essa categoria com precisão é um trabalho extremamente complicado. Tentaremos, aqui, delimitar algumas considerações e classificações de modalidade de acordo com diferentes pesquisadores, em sua maior parte funcionalistas.

Lyons (1977) define modalidade como a forma pela qual o falante expressa sua opinião ou a sua atitude em relação à proposição. Coracini (1991) entende o termo como a expressão de subjetividade do enunciador com relação ao que enuncia. A autora postula que, em todo enunciado, o falante compromete-se em maior ou menor grau com a proposição enunciada, influenciado pelas normas da comunidade na qual está inserido. Cervoni (1989), seguindo essa linha de pensamento, define a modalidade como o ponto de vista do sujeito falante sobre o conteúdo enunciado na proposição. Segundo esse autor, a modalidade deve ser separada do conteúdo proposicional (ou, nas palavras do autor, do *dito*), já que o conteúdo proposicional se relaciona apenas com a informação contida no enunciado e não com a atitude do falante em relação a essa mesma informação. Quirk et al. (1985) também se referem à modalidade como o julgamento do falante sobre a verdade da proposição expressa.

Palmer (1986) compara a definição de proposição e de modalidade com a ideia de atos locucionários e ilocucionários proposta por Austin (1962), presentes em sua teoria dos Atos de Fala. Segundo essa teoria, no ato locucionário, o falante apenas diz alguma coisa, enquanto no ato ilocucionário o falante é capaz de realizar uma ação já que, por meio da ilocução, o falante pode fazer um julgamento, uma promessa, anunciar um veredito, dar um aviso. Palmer (1986) afirma ainda que a modalidade relaciona-se aos elementos não-proposicionais de uma sentença, o que poderia incluir fatores como tempo, aspecto e negação.

Cervoni (1989), por sua vez, descarta por completo a relação entre modalidade e figura de linguagem, defendendo que a modalidade deve ser inserida, fundamentalmente, no âmbito da denotação, já que, segundo o autor, os elementos modais não recebem nenhum acréscimo conotativo de significado.

De uma perspectiva discursiva, Maingueneau (1990) descreve a modalidade como a relação entre o enunciado e o sujeito enunciador. O autor, no entanto, não se aprofunda nos estudos sobre os elementos modais.

Ainda que haja diferenças na definição de modalidade, é possível observar que todas as concepções do termo incluem a atitude do falante com relação à proposição contida no enunciado, sendo possível afirmar, desse modo, que a modalidade estabelece uma relação de maior ou menor proximidade entre o enunciador e seu enunciado.

Apesar de ser muito discutida e estudada nos dias atuais, a categoria de modalidade data da época clássica. Conforme atesta Cervoni (1989), nessa época, o conceito de modalidade servia para distinguir a forma e a matéria dos enunciados, termos, que, na teoria da enunciação de Charles Bally, foram referidos como *modus* e *dictum* (o modo de dizer x o propriamente dito), estando a modalidade relacionada à forma (*modus*) e não à matéria (*dictum*).

De acordo com Neves (2006), as primeiras modalidades, denominadas aléticas ou aristotélicas, foram apresentadas pelos lógicos por meio do quadrado lógico proposto por Aristóteles, que postulava como fundamentais as modalidades relativas ao eixo da possibilidade e da necessidade e, a partir dessas modalidades, definia-se, por negação, o eixo do impossível e do contingente.

Nos estudos clássicos, a modalidade alética relacionava-se a enunciados considerados verdadeiros, sem marcas explícitas modais. Koch (1993) afirma que a modalidade alética está relacionada ao eixo existencial, determinando o valor de verdade da proposição. No entanto, a pesquisadora aponta a advertência de Aristóteles de que os enunciados, até mesmo os considerados científicos, nem sempre são entendidos como verdadeiros, pois, segundo o filósofo, podem formular-se apenas como necessariamente verdadeiros ou como possivelmente verdadeiros. Desse modo, tanto a possibilidade quanto a necessidade podem modificar o sentido da verdade da proposição e ambas podem ser definidas em conjunto com a negação. Acerca da negação, Aristóteles considerava a existência de dois tipos: a que nega toda a proposição (interna) e a que nega apenas o operador modal (externa).

Blanché (1969, apud KOCH 1993) faz críticas ao quadrado lógico proposto por Aristóteles para os elementos modais. Para o autor, ainda que o esquema proposto pelo filósofo seja coerente em alguns aspectos, ele apresenta problemas como o fato de o termo “possível” ser usado para expressar o que é indiscutivelmente necessário ou verdadeiro ao invés de se relacionar com o que pode ou não ser. Coracini (1991) também critica a modalidade alética proposta nos estudos lógicos. Para a autora, os lógicos, em seus estudos, utilizavam-se de regras abstratas para determinar a verdade ou a falsidade das proposições, já que só seriam consideradas verdadeiras as proposições que expressassem raciocínio válido,



ou, nas palavras da autora, “se a verdade das premissas for inconsistente com a falsidade da conclusão” (CORACINI, 1991, p. 112). A autora afirma que os lógicos acabavam por esquecer que até mesmo as verdades ditas científicas eram, na realidade, conclusões aceitas como verdades universais por determinada comunidade, o que faria com que pudessem, dessa forma, ser contestadas. Segundo Neves (1996) o fato de a modalidade alética se relacionar com a verdade inquestionável é uma característica que faz com que essa modalidade não se preste à análise linguística, pois, de acordo com a autora, nenhum enunciado é totalmente neutro em relação ao julgamento do falante. Conforme a autora, todo conteúdo proferido está, de algum modo, adequado às intenções e às necessidades do falante.

Ainda que os estudos linguísticos atuais sobre modalidade carreguem conceitos lógicos fundamentais, como aqueles relativos ao eixo da possibilidade e da necessidade (representados, nos estudos linguísticos, pelas modalidades epistêmica e deôntica, como veremos mais adiante), não podemos negar, como consta em Neves (2006), que os objetivos da Linguística e da Lógica a respeito do tema são diferentes. Como afirma a autora, os estudos lógicos preocupavam-se apenas com a estrutura formal das modalidades em termos de valores de verdade, desconsiderando, com isso, o enunciador do discurso. Nos estudos linguísticos, diferentemente, está sempre presente a figura do falante, pois, para a Linguística, é importante não apenas classificar o tipo de modalidade da frase, mas saber sobre quem ou sobre o que recai a modalidade contida no enunciado.

### **3.1. A questão da modalização dos enunciados**

Neves (2006) discute a questão da existência de enunciados não modalizados. Segundo a autora:

(...) pode-se dizer que, se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca. (NEVES, 2006, p. 152).

Teóricos como Culioli (1990) defendem que todo enunciado é, de alguma forma, modalizado, já que toda sentença carregaria, ainda que de modo implícito, uma marca atitudinal do locutor. Cervoni (1989) também defende esse ponto de vista, pois considera que

todo enunciado contém uma modalidade implícita, denominada por ele de modalidade inerente da frase. Tais modalidades correspondem às modalidades de frase e subdividem-se em assertativa, interrogativa, exclamativa e imperativa. Já as modalidades relacionadas ao eixo da possibilidade, da probabilidade e da certeza são classificadas pelo autor como modalidades explícitas.

A separação proposta por Cervoni (1989) relaciona-se, de certa, forma, à diferença que pode ser estabelecida entre os termos *modalidade* (referente apenas a frases) e *modalização* (um conceito mais amplo). No entanto, assumimos, neste trabalho, a postura de Castilho (2002), que defende que não deve haver distinção entre os conceitos de *modalidade* e de *modalização*, pois, segundo o autor, todo enunciado, ao ser proferido, passa pela avaliação do falante. Nas palavras do autor:

(...) há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc. Por isso, resolvemos não distinguir modalidade de modalização e, neste texto, esses termos serão empregados sinonimamente. (Castilho 2002, p. 201)

Embora consideremos a impossibilidade de se encontrarem enunciados neutros, que não passem pelo julgamento do falante, o que torna a modalidade como um elemento característico de todo enunciado, para efeito de operacionalização, trabalharemos, nesta pesquisa, somente com enunciados que apresentam algum tipo de modalizador presente em sua superfície textual.

### 3.2. A manifestação dos modalizadores na superfície textual

Os modalizadores podem manifestar-se na superfície textual por meio de diversos elementos linguísticos. Nesta pesquisa, optamos por utilizar as considerações de Neves (1996) a respeito do assunto, dada a abrangência dos elementos linguísticos considerados pela pesquisadora. De acordo com a autora, a modalidade pode ser expressa por<sup>9</sup>:

- verbos de significação plena, que se referem a opiniões, crenças ou saberes, como *crer, achar, considerar e pensar*:

---

<sup>9</sup> Os exemplos apresentados para ilustrar os elementos modais foram retirados do corpus de nossa pesquisa.

(01) **Creio** que a velhice não deva ser bem aceita por mais de 90% das pessoas de todo o mundo. Todos querem envelhecer, mas ninguém quer ser velho. (ECS, ano, 2012, p. 75)

- verbos auxiliares modais, como *poder e dever*:

(02) Não **se deve** acabar com o auxílio doença, mas sim, com as fraudes. (ESF, 2001, p. 43)

- advérbios, como *realmente, provavelmente, certamente, logicamente*, etc, que, como menciona a autora, podem estar ligados a um verbo auxiliar modal:

(03) **Provavelmente**, o parente poderá evitar os maus-tratos que poderiam deixar marcas, se o acompanhante é uma criatura que esteja se comportando mal. (AEECS, 2000, p. 42)

- por adjetivos em posição predicativa, como *é certo que, é (im)provável que, é (im)possível que*, etc:

(04) **É certo que** nem sempre a velhice é acompanhada, ao contrário, muitas vezes é solitária e marginalizada. (ESF, 2001, p. 61)

- substantivos, como *verdade, realidade*:

(05) A **verdade** é que a escada, pelos seus degraus, representa, reflete e grava o que vai se passando na vida do seu ocupante. Fica claro que cada degrau ocupado representa um ano vivido pela pessoa. Cada parte da escada representa um ano. (STI, 2012, p. 14)

- pelas próprias categorias gramaticais de tempo, aspecto e modo do verbo, que não constituem categorias modais por si só, mas podem se associar a outros elementos modais:

(06) A velhice **deveria ser** o tempo do descanso, da falta de preocupações, e não o tempo das lamentações. (ESF, 2001, p. 14)

Com relação ao tempo verbal, Neves (1996) menciona o fato de que o uso do tempo futuro pode vir associado a advérbios que expressam dúvida, como o advérbio epistêmico *provavelmente*, constituindo, assim uma proposição de modalidade epistêmica, como mostra o exemplo a seguir:

(07) Essa pessoa **provavelmente será** um cliente futuro. (D2-SP-360:1114-1115, retirado de NEVES 1996, p. 168)

Neves (2006) acrescenta, ainda, a possibilidade de uso das formas de unipessoalização, como *é preciso*, no exemplo a seguir, que acaba por minimizar a participação do falante na proposição do enunciado:

(08) **É preciso** assegurar a qualidade da longevidade. (ESF, 2001, p. 12)

Outro fator sintático relacionado por Neves (2006) à atitude do falante é a apassivação. Segundo a autora, esse recurso também funciona como atenuante da participação do sujeito na ação, já que tal construção verbal retira o falante da posição de sujeito, como mostra o exemplo:

(09) Não **se deve** fazer da velhice um período de ócio, pois a falta do que fazer destrói o psicológico do ser humano em qualquer idade. (ESF, 2001, p. 43)

Além dos meios gramaticais descritos, Neves (2006) acrescenta que a modalidade pode ser expressa por meio de recursos prosódicos, como a entonação.

Considerando todas as formas possíveis de expressão das modalidades, optamos por restringir nosso trabalho à análise dos elementos modais expressos lexicalmente. Assim, limitaremos nosso estudo aos verbos modais (auxiliares e plenos), adjetivos, advérbios e substantivos localizados nas obras de autoajuda que compõem o *córpus* da presente pesquisa.

### 3.3. A classificação das modalidades

A denominação dada à classe dos modalizadores, bem como a própria consideração sobre o que é ou não modalidade, sofre algumas variações a depender do autor.

Lyons (1977) considera dois tipos de modalidade: a modalidade epistêmica e a modalidade deôntica. Segundo o autor, a modalidade epistêmica se relaciona ao eixo do conhecimento e engloba características que se referem ao certo, provável, contestável e excluído. Já a modalidade deôntica, segundo autor, está sempre relacionada a alguma fonte ou causa, que pode ser uma pessoa, uma instituição, um conjunto de princípios morais ou legais ou uma própria compulsão interna do sujeito. Lyons (1977) postula que essa modalidade se

aplica à necessidade ou à possibilidade dos atos realizados por agentes moralmente responsáveis.

Palmer (1986) considera quatro tipos de domínios modais: a modalidade deôntica, a epistêmica, a dinâmica e a volitiva. A modalidade deôntica, segundo o autor, divide-se em possibilidade e necessidade. Conforme aponta Palmer (1986), a possibilidade deôntica é expressa na língua inglesa por meio do verbo *can*, ou, em menor frequência, pelo verbo *may*. Em português, podemos traduzir ambos os verbos pelo verbo *poder*. A necessidade deôntica é materializada linguisticamente por meio do verbo *must*, traduzido em português pelo verbo *dever*.

A possibilidade deôntica é indicativa, segundo Palmer (1986), de permissão ou de ordem. Já na necessidade deôntica, o falante claramente impõe uma ordem.

Palmer (1986) acrescenta que a modalidade deôntica não pode ser usada no tempo passado (já que é impossível ordenar que algo seja feito no passado). Nas frases interrogativas, segundo o autor, os modais deônticos são usados pelo falante com o intuito de saber se a pessoa a quem o enunciado é dirigido concede a permissão do pedido contido na proposição.

A modalidade dinâmica, segundo Palmer (1986), relaciona-se a alguma habilidade, e pode ser representada em inglês pelo verbo *can* (traduzido em português também por *poder*) ou pela expressão *be able to* (*ser capaz de*). O autor reconhece que tal categoria não envolve atitude ou opinião do falante com relação ao que enuncia, o que poderia justificar sua retirada da categoria das modalidades. Entretanto, opta por mantê-la como um subtipo modal pelo fato de julgá-la importante para o estudo do significado dos verbos modais.

A modalidade epistêmica, segundo o autor, envolve as noções de possibilidade e de necessidade, indicando o grau de comprometimento do falante com relação ao que diz. Já a modalidade volitiva está relacionada ao desejo do falante. O autor associa esse tipo de modalidade ao que é desejável e ao que é esperado, relacionando ambas as classificações com os termos irreal e real em sentenças condicionais, como ocorre nos seguintes exemplos, nos quais a primeira oração representa uma espera (real), e a segunda se relaciona com o desejo (irreal) do enunciador com relação ao que é expresso na proposição:

(10) Eu **espero** que John venha amanhã<sup>10</sup> (PALMER, 1986, p. 117);

(11) Eu **queria** que John viesse amanhã<sup>11</sup> (PALMER, 1986, p. 117).

<sup>10</sup> *I hope John (will come/ comes) tomorrow* (PALMER, 1986, p. 117).

<sup>11</sup> *I wish John would come tomorrow* (PALMER, 1986, p. 117).

Perkins (1983) também considera como categorias modais, além da deôntica e da epistêmica, a modalidade temporal (referente à temporalidade), a modalidade avaliativa (relacionada a julgamentos), a modalidade causal (ligada a causas) e a modalidade probabilística (relacionada a probabilidades), assim como a própria modalidade alética. Narrog (2012), além das modalidades deôntica, epistêmica e volitiva (denominada *bulomaica* pela autora) e dinâmica (classificada como *modalidade interna ao participante*), também considera como modalidade as seguintes categorias:

- modalidade teleológica: aquela na qual uma proposição é marcada como uma necessidade ou uma possibilidade com relação aos objetivos de alguém:

(12) Você **precisa ter/tem que ter/necessita** ter esse CD.<sup>12</sup> (NARROG, 2012, p. 8)

- modalidade preferencial: a proposição é marcada como uma necessidade ou uma possibilidade em relação às preferências de alguém:

(13) Você **deveria** exercitar-se ao menos 20 minutos por dia.<sup>13</sup> (NARROG, 2012, p. 9)

- modalidade circunstancial: a proposição é marcada como uma necessidade ou uma possibilidade com relação a determinada circunstância:

(14) Se você pegar o atalho do beco, você **pode** estar lá ao menos 10 minutos antes.<sup>14</sup> (NARROG, 2012, p. 10)

- modalidade existencial ou quantificacional: o estado-de-coisas é quantificado em termos de possibilidade ou de necessidade:

(15) As postagens da Internet **podem** levar a ações judiciais.<sup>15</sup> (NARROG, 2012, p. 10)

---

<sup>12</sup> You **must** have this CD. (NARROG, 2012, p. 8)

<sup>13</sup> You **should** exercise at last 20 minutes a day. (NARROG, 2012, p. 9)

<sup>14</sup> If you take the short cut the alley, you **can** be there at least ten minutes earlier. (NARROG, 2012, p. 10)

<sup>15</sup> Internet posting **can** lead to lawsuits. (NARROG, 2012, p. 10)

Como podemos observar, não há unanimidade relacionada ao que é ou não considerado como pertencente ao domínio modal. Ainda que haja divergências dos autores quanto aos tipos de modalidades existentes, observamos que todos os pesquisadores mencionados consideram, como pertencentes ao domínio modal, as modalidades epistêmica e deôntica, provenientes da lógica clássica.

Frente às várias classificações existentes, optamos por seguir, nesta pesquisa, a classificação de Hengeveld (2004) a respeito das categorias modais. Segundo o autor, há cinco tipos básicos de modalidade: modalidade facultativa, modalidade deôntica, modalidade volitiva, modalidade epistêmica e modalidade evidencial.

Hengeveld (2004) entende por modalidade facultativa aquela relacionada às capacidades intrínsecas ou adquiridas, conforme mostram os exemplos retirados do *cópus* desta pesquisa:

(16) O velho **pode** e deve fazer projetos, acalentar esperanças, alimentar ilusões. (ESF, 2001, p. 65)

(17) Os idosos **podem** realizar muitas das obras que desejarem, usando a criatividade, experiência, competência, a vontade férrea que os acompanha. (ECS, 1999, p. 32)

Nesses exemplos, o emprego do verbo *poder* está associado a uma faculdade, que expressa capacidade ou condição de fazer algo. A modalidade facultativa corresponde à modalidade dinâmica proposta por Palmer (1986).

De acordo com Hengeveld (2004), a modalidade deôntica é aquela que se associa ao que é legal, moral e socialmente permitido. Relaciona-se, dessa forma, a obrigações e permissões e se liga sempre, de acordo com NEVES (2006) ao traço de ([+controle]) por parte do enunciador, conforme mostram os exemplos:

(18) Os idosos **precisam** aprender a ser tolerantes. Mas esta palavra precisa ser bem compreendida. A tolerância tem limites. (ECS, 2004, p. 61)

(19) O exame dos olhos também **deve** ser periódico. O oftalmologista examina o fundo do olho, a pressão ocular e verifica os graus dos óculos de perto e de longe. A pressão arterial **deve** ser sempre controlada. (ECS, 2004, p. 32)

Nesses exemplos, os verbos *precisar* e *dever* expressam necessidade e pressupõem a existência de alguém com controle para executar a ação prevista.

A modalidade volitiva está relacionada, segundo Hengeveld (2004), ao que é desejável. Esse tipo de modalidade é denominada por autores como Narrog (2012) e Perkins (1983) de modalidade bulomaica. Narrog (2012) afirma que, nessa modalidade, a proposição é marcada como uma possibilidade ou uma necessidade a respeito do desejo ou da intenção de alguém. Vejamos o exemplo:

(20) Não **queremos** induzir ninguém a se comportar dessa ou daquela maneira, no mundo paralelo em que vide ou que irá viver um dia. (ESF, 2001, p. 69)

No exemplo, o verbo *querer* representa um caso de modalidade volitiva, já que há a expressão de um desejo ou querer do enunciador.

A modalidade epistêmica, de acordo com Hengeveld (2004), se relaciona ao que se sabe sobre o mundo. Nessa modalidade, segundo NEVES (2006, p. 160), “o conhecimento do falante sobre o mundo é representável como um conjunto de proposições”. Neves (1996) afirma que, na modalidade epistêmica, o falante se posiciona em relação à avaliação do valor de verdade da proposição contida no enunciado. Lyons (1977) considera como epistemicamente modalizado todo enunciado no qual o falante qualifique explicitamente, na superfície linguística, seu comprometimento com a verdade da proposição por ele enunciada. Vejamos os exemplos:

(21) **Realmente**, atraímos o que pensamos e acreditamos. (ESF, 2001, p. 22)

(22) **Talvez** você deseje ser melhor do que é. Possuir mais vitalidade e memória do que tem, ser mais vigoroso e exuberante do que lhe acontece. (STI, 2102, p.10)

Nos exemplos apresentados, os advérbios *realmente* e *talvez* representam a modalidade epistêmica, servindo o primeiro à expressão da certeza e o segundo, à expressão da dúvida por parte do enunciador, o que exemplifica, respectivamente, um comprometimento mais forte (certeza) e um comprometimento mais fraco ou descomprometimento (dúvida ou possibilidade).

A modalidade evidencial, segundo Hengeveld (2004), refere-se à fonte da informação contida no enunciado. Um exemplo de evidencialidade pode ser visto em:

(23) **Segundo o dr. Deepak Chopra**, da Universidade de Boston, autor do “best-seller” mundial *Conexão Saúde*, desde que o fluxo de mudança dentro de nós continue se renovando, seremos perfeitamente saudáveis, pois o envelhecimento é a estagnação do fluxo. (ESF, 2001, p. 68)



Como é possível perceber, nesse exemplo, o falante não se coloca como fonte da informação, mas atribui o conteúdo de seu enunciado a uma terceira pessoa, no caso, o doutor Deepak Chopra. Nesse enunciado, o fato de o enunciador atribuir sua informação a alguém da área médica que é, inclusive, autor de um *best seller* sobre saúde, pode ser entendido como uma estratégia, por parte do falante, de conferir maior credibilidade a seu enunciado, pois o fato de a afirmação sobre o processo de envelhecimento vir de alguém cientificamente entendido no assunto diminui as possibilidades de questionamento acerca do conteúdo asseverado.

### **3.4. A orientação da modalidade**

No trabalho que desenvolve sobre as modalidades, além de propor uma classificação relacionada ao domínio semântico das modalidades, o que permite que sejam separadas em epistêmica, deôntica, volitiva, facultativa e evidencial, Hengeveld (2004) propõe, também, uma classificação com base no alvo da avaliação modal. Por essa classificação, os modais podem ser orientados para três tipos de alvos diferentes: para o participante da proposição, para o evento referido na proposição e para a própria proposição.

A modalidade orientada para o participante diz respeito à relação entre o participante do evento e a realização potencial desse evento. A modalidade orientada para o evento afeta a descrição do evento presente no enunciado e diz respeito à avaliação objetiva do *status* de realização do evento. Já a modalidade orientada para a proposição afeta o conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, a parte do enunciado relativa a visões e crenças do enunciador, especificando o grau de comprometimento do falante em relação à proposição apresentada (HENGEVELD, 2004).

A partir da combinação dos dois parâmetros propostos – domínio semântico e alvo da avaliação – Hengeveld (2004) propõe o seguinte quadro:

Alvo \ Domínio	Participante	Evento	Proposição
Facultativo	+	+	-
Deôntico	+	+	-
Volitivo	+	+	+
Epistêmico	-	+	+
Evidencial	-	-	+

Quadro 1: Relação entre domínio semântico e alvo de avaliação (Hengeveld, 2004, p. 1193)

Como se pode verificar na relação entre alvo e domínio de avaliação, a modalidade facultativa pode estar dirigida para o participante ou para o evento. Quando voltada para o participante, descreve a habilidade do participante em realizar o evento contido no predicado. O exemplo a seguir, extraído do *córpus*, ilustra um caso de modal facultativo (verbo *poder*), dirigido para um participante de terceira pessoa (*os filhos*, representados pelo pronome demonstrativo *esses* em função de sujeito):

(24) Quando o pai ou a mãe estão protegidos pelos filhos, sentem-se seguros, gozam de regalias e do afeto que faz bem à alma e ao coração. Esses **podem** e querem proporcionar aos filhos e netos muita atenção, carinho e amor. (ECS, 2004, p. 26)

Já quando orientada para o evento, caracteriza o evento “em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam a sua ocorrência” (Hengeveld, 2004, p. 1195). Observemos o exemplo a seguir, em que o alvo da modalidade recai sobre o evento “a época da aposentadoria”:

(25) A época da aposentadoria, se não for bem aproveitada, **é capaz de** tornar o idoso uma pessoa acomodada e pouco ativa. (ECS, 2001, p. 12)

A modalidade deôntica pode estar orientada para o participante, quando a obrigação ou a permissão recai sobre o sujeito da proposição, como ocorre no exemplo a seguir:

(26) O velho **não pode** desistir de viver, desinteressar-se de tudo, afastar-se do convívio dos amigos. (ESF, 2001, p. 32)

Pode também estar orientada para o evento. Nesse caso, a obrigação e a permissão se relacionam com o estado-de-coisas e não com um participante específico, como se pode observar no exemplo a seguir, marcado pela impessoalidade:

(27) **Não se deve ter** medo de envelhecer. (ESF, 2001, p. 20)

A modalidade volitiva pode estar orientada para o participante, descrevendo seu desejo de realizar o evento contido na proposição. Nesse caso, a fonte da atitude é o próprio falante:

(28) Há vários segredos que fazem a maravilha da sua idade. Mas, **quero** revelar-lhe o mais fantástico: Deus ama sua idade mais do que as outras. (STI, 2012, p. 31)

A modalidade volitiva pode também estar orientada para o evento, descrevendo-o como desejável ou indesejável, como ocorre no exemplo a seguir:

(29) **É esperado que** a terceira idade venha acompanhada de sabedoria de vida e de paciência para com os problemas supérfluos do cotidiano (...). (ESF, 2001, p. 43)

Embora o modelo teórico proposto por Hengeveld (2004) preveja a existência de uma modalidade volitiva orientada para a proposição, a existência desse tipo de estrutura nas línguas naturais é questionável, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008). Dessa forma, não oferecemos exemplos para esse tipo modal.

A modalidade epistêmica pode ser classificada tanto como objetiva, quando orientada para o evento, quanto como subjetiva, quando orientada para a proposição. A modalidade epistêmica orientada para o evento descreve a possibilidade ou a impossibilidade de ocorrência do evento descrito na proposição, como ocorre com o evento *morte* no exemplo a seguir:

(30) A morte **pode** ser a única saída para os idosos solitários e depressivos. (ESF, 2001, p. 23)

Quando orientada para a proposição, relaciona-se com a atitude subjetiva do falante em relação ao que está contido na proposição, como o advérbio *talvez* no exemplo seguinte, que contribui para que o enunciador expresse dúvida com relação ao que está sendo dito:

(31) **Talvez** você deseje ser melhor do que é. Possuir mais vitalidade e memória do que tem, ser mais vigoroso e exuberante do que lhe acontece. (ESF, 2001, p. 25)

Já a modalidade evidencial está sempre orientada para a proposição:

(32) **É evidente** que as fraudes não respondem pela totalidade de “rombo” da previdência. (STI, 2012, p. 56)

A respeito da evidencialidade<sup>16</sup>, cabe-nos observar que muitos estudos atuais classificam-na como uma categoria semântica não pertencente à categoria modal. Ainda que autores como Palmer (1986) considerem que a evidencialidade esteja englobada no domínio da modalidade epistêmica, já que estaria relacionada ao conhecimento e à crença do falante, outros estudiosos como Nuyts (1993) defendem que a modalidade epistêmica e a evidencialidade constituem duas categorias semânticas diferentes, pois, segundo o autor, a primeira se relacionaria com a avaliação do falante sobre a probabilidade de um estado-de-coisas, enquanto a segunda estaria ligada com a avaliação do falante sobre a natureza ou a qualidade da fonte de sua evidência.

De acordo com Dall’Aglio-Hattner (2007), que estudou as formas de manifestação da evidencialidade no português, ainda que a modalidade epistêmica e a evidencialidade constituam duas categorias diferentes, em alguns casos, pode haver ambiguidade na identificação, como ocorre no exemplo a seguir, analisado pela autora, no qual o verbo *parecer* pode tanto assumir um valor epistêmico como um valor evidencial:

(33) as artistas... **parecem** cansadas né? (DID/SP234, retirado de DALL’AGLIO-HATTNER, 2007, p. 58)

Segundo Dall’Aglio-Hattner (2007), o grau de complexidade relativo à delimitação semântica entre essas qualificações (modal epistêmica e evidencial) aumenta ainda mais quando se leva em conta a diversidade de meios de expressão dessas duas categorias em diversas línguas naturais.

Embora a classificação proposta por Hengeveld (2004) mostre-se perfeitamente adequada para a análise que propomos, optamos por desconsiderar a evidencialidade como um subtipo modal. Ao fazermos essa delimitação, estamos em consonância com trabalhos realizados a respeito de elementos modais (como, por exemplo, BRUNELLI e GASPARINI-BASTOS, 2011 e 2012), que apesar de considerarem a classificação proposta pelo autor, não incluem a evidencialidade entre os subtipos modais analisados. Ressaltamos que essa opção não interfere nos resultados da análise que realizamos, pois os elementos evidenciais foram muito raros no nosso *corpus*.

---

<sup>16</sup> Para um estudo mais detalhado sobre a expressão da evidencialidade nas línguas naturais, ver Willet (1998).

## CAPÍTULO 2 – O DISCURSO DE AUTOAJUDA E O DISCURSO SOBRE A TERCEIRA IDADE

Neste capítulo, antes de analisarmos o discurso de autoajuda para a terceira idade propriamente dito, apresentamos as características do discurso ao qual se filia, isto é o discurso de autoajuda. Para tanto, retomamos alguns trabalhos que foram desenvolvidos sobre o tema, tais como o de Rüdger (1996), o de Sobral (2006) e o de Cortina (2007). Além disso, considerando que vamos analisar o discurso de autoajuda para a terceira idade, vamos tratar também do modo como a velhice foi discursivizada ao longo da história da humanidade, o que fazemos com base nos trabalhos de autores como Pereira (2005) e Silva (2008). Nessa exposição, incluímos observações sobre os estereótipos do idoso que circulam atualmente na sociedade. Nosso objetivo, nesse capítulo, é apresentar o tipo de discurso que vamos analisar bem como a temática de que trata, para que, posteriormente, possamos verificar se ele cumpre ou não as expectativas que suscita, ora por se tratar de discurso de autoajuda, ora pela sua temática específica, isto é, a terceira idade.

### 1. O discurso de autoajuda

Segundo afirma Sobral (2006), no trabalho que desenvolve sobre a intergericidade no discurso de autoajuda, a partir do conceito de gênero do discurso de Bakhtin, a expressão “*self-help*” começou a circular por volta de 1770, nos Estados Unidos. O autor afirma que, nessa época, o emprego da expressão estava relacionado a iniciativas em que o sujeito é entendido como agente detentor do direito a buscar a felicidade, independentemente dos órgãos governamentais.

Como observa Sobral, a iniciativa de buscar a felicidade tinha por base a ideologia que pregava a igualdade entre toda a população e a liberdade de iniciativa dos cidadãos, ideologia que foi predominante durante a consolidação da independência dos Estados Unidos. Ainda de acordo com Sobral, a expressão *self-help* ganhou evidência após a instituição da democracia política. Na língua portuguesa, o vocábulo foi traduzido sob o rótulo de *autoajuda*.

Segundo Rüdger (1996), que realizou, de uma perspectiva histórica e social, um estudo de obras de autoajuda que circularam na década de 90, *Self-help*, lançada em meados dos anos de 1800, é considerada marco do gênero de autoajuda. Nessa obra, o médico escocês

Samuel Smilles fornece exemplos de homens da época que conquistaram o sucesso por meio da perseverança, da moral e do caráter. Rüdger afirma, no entanto, que não se pode comparar a obra de Smilles com textos de autoajuda surgidos posteriormente, pois, segundo o autor, o médico escocês não entendia as conquistas como fenômenos relacionados à satisfação dos desejos individuais, como prega o discurso de autoajuda atualmente, conforme vamos apresentar mais adiante.

Para Smilles, a busca pela satisfação pessoal deveria estar pautada na moralidade tradicional e no dever do cidadão para consigo próprio e para com a sociedade na qual estivesse inserido. Assim, nas primeiras considerações sobre o tema, “o primeiro sentido, ou o sentido originário, de autoajuda é o de formação de um caráter individual que tem, no entanto, cunho comunitário, mas não de submissão ao Leviatã do Estado” (SOBRAL, 2006, p.224).

De acordo com Sobral (2006), o segundo sentido associado à expressão também é atribuído a Smilles, e se relacionava à autoeducação na realização dos mais diversos tipos de ofícios, que iam desde atividades como a jardinagem até lições de como criar seus próprios filhos. O último sentido de autoajuda é o de reflexão acerca da própria existência de sujeito, com o intuito de transformar sua realidade para melhor.

Como relata Rüdger (1996), foi somente no início do século XX, com o advento do Novo Pensamento,<sup>17</sup> que o discurso de autoajuda começou a associar o pensamento positivo ao alcance do sucesso e da riqueza pessoal. Rüdger afirma que, na década de 50, o pastor Norman Vicent Peale deu relevância ao pensamento positivo na conquista das metas, conforme pode ser conferido em sua obra intitulada *O Poder do Pensamento Positivo*, lançada em 1952.

Ainda que algumas obras reconhecidas como de autoajuda já tivessem sido publicadas na primeira metade do século XX, como observa Marthe (2002), foi somente na década de 90 que esse discurso ganhou evidência editorial. Segundo o autor, nessa década, dos 200 livros de maior vendagem editorial, 22% eram classificados como de *autoajuda*. O crescimento dessas obras foi ainda maior no final da década mencionada, pois, enquanto o número de publicações de livros de autoajuda correspondeu ao total de 400.000 exemplares no ano de 1994, ao final da década, em 1999, esse total atingiu a marca de 2.000.000 de títulos publicados, um crescimento de mais de 400% em relação aos números anteriores.

Outras considerações acerca do aumento no número de publicações desse gênero podem ser encontradas em Cortina (2007), que constatou que a venda do gênero autoajuda

---

<sup>17</sup> Movimento espiritual surgido nos Estados Unidos, no final do século XIX, que compartilhava de um conjunto de crenças metafísicas pautadas no poder do pensamento positivo.

correspondeu, durante o período de 1966 a 2004, a 40% do total de vendas das obras mais vendidas no Brasil.

O grande sucesso desse tipo de obra pode ser explicado pelo fato de o discurso de autoajuda abordar os mais variados tipos de conflitos internos vividos pelo homem na sociedade moderna, como afirma Bertuolo (2011):

Os livros de autoajuda envolvem uma única realidade, a dificuldade do homem moderno de enfrentar os paradigmas de seu tempo. Dentre tantas estruturas e interrogações, a literatura surge com o compromisso de reproduzir o cotidiano do leitor e tornar fácil tudo o que parece, à primeira vista, ser difícil para a maioria. (BERTUOLO, 2011, p. 77).

Segundo Aguiar (2011), o homem da atualidade encontra-se envolto em uma crise existencial, na qual se encontra desamparado na instabilidade do mundo. O maior objetivo desse homem é, de acordo com o autor, criar uma identidade própria e se fixar como indivíduo, assim, esse sujeito procura por mecanismos capazes de aliviar suas dores e procura no discurso de autoajuda um pensamento reconfortante, um estímulo ou até mesmo uma sugestão que possa aliviar a pressão social que a sociedade moderna lhe impõe.

Rüdger (1996) afirma que o discurso de autoajuda permite aos sujeitos lidarem com as questões colocadas pela modernidade, enfrentando problemas ligados a relacionamentos e até mesmo à própria identidade. Para o autor, a ideia de transformação subjetiva define o discurso de autoajuda como um conjunto de orientações cujo objetivo é fazer com que as pessoas sejam capazes de transformar sua subjetividade, de modo a construir um “eu” reflexivo, que lhes permita enfrentar qualquer problema imposto pela sociedade.

Ainda de acordo com o autor, o princípio que norteia esse discurso é o de que todos têm, em si, as ferramentas necessárias para a obtenção do sucesso na busca por seus objetivos e pela própria felicidade. Rüdger afirma que os manuais e tratados que, por meio de uma linguagem prescritiva, fornecem ensinamentos de como vencer na vida e como crescer pessoalmente, são “ferramentas” usadas pela população urbana para um processo que o autor denomina de “conversão ao individualismo”.

A esse respeito, Sobral (2006) afirma que o discurso de autoajuda tem o poder de fazer o sujeito refletir sobre sua própria existência, de modo a entendê-la com o intuito de poder, assim, transformá-la para melhor. Para Sobral (2006, p. 227), o discurso de autoajuda pode ser entendido como um “conjunto de reflexões e sugestões para o ‘bem viver’”.

No entanto, a pesquisa de Brunelli (2004) acerca de obras de autoajuda voltadas ao sucesso financeiro e profissional, realizada sob a perspectiva discursiva, se opõe à tese

defendida por Sobral de que o discurso de autoajuda seja composto por enunciados que façam o leitor refletir sobre si mesmo. Segundo a autora, os enunciados da autoajuda contêm verdades inquestionáveis que devem ser seguidas pelo leitor a fim de que ele modifique sua vida. Tal afirmação se justifica, segundo Brunelli, pelo fato de o discurso da autoajuda ser composto por enunciados assertivos que não deixam margem para dúvidas e questionamentos. Assim, para a autora, o discurso da autoajuda está relacionado mais a um conjunto de regras a serem seguidas do que a um conjunto de sugestões e reflexões que podem ou não ser acatadas pelo leitor, o que lhe confere um tom autoritário. Vejamos:

[...] o discurso de auto-ajuda é mais um conjunto de orientações, de direcionamentos do que um convite à reflexão [...]. Espécie de manual de sobrevivência para o homem pós-moderno, o discurso de auto-ajuda dispensa as discussões de suas teses ao apresentá-las, conforme dito, como verdades inquestionáveis. No lugar da reflexão acerca do que propõe, o discurso de auto-ajuda oferece ao seu interlocutor "verdadeiras receitas contra a angústia, o medo, a incerteza, a falta de confiança própria e outros obstáculos que, somados, resultam no 'atraso de vida' " (Prado, 1995, contracapa). [...] Nesse sentido, podemos dizer que a maneira como o discurso de auto-ajuda apresenta suas teses implica uma atitude a-crítica. Além disso, **esse modo de enunciar "objetivo" [...] vai quase autoritariamente ao socorro do indivíduo pós-moderno tão carente de aconselhamentos [...].** (BRUNELLI, 2004, p. 50-1; grifo nosso).

Sobral (2006) afirma que o discurso de autoajuda, na atualidade, se direciona a uma amplitude tamanha de público que é possível encontrar obras de autoajuda destinadas às próprias profissões que fornecem ajuda, como a psicologia, a psiquiatria, sendo possível encontrarmos livros que se destinam até mesmo à religião.

Cortina (2007), ao realizar, de uma perspectiva semiótica, um estudo das obras de autoajuda mais vendidas entre os anos de 1996 e 2004, afirma que obras representativas desse discurso se valem de enunciados que pretendem transmitir determinados tipos de saberes. Assim, de acordo com o autor, no discurso de autoajuda, há duas figuras presentes, a do enunciadador, que é detentor do saber, e a do enunciatário, que seria o receptor do conhecimento. O enunciatário é a pessoa que está em estado de falta com determinado saber e busca o saber partilhado pelo enunciadador para modificar esse estado. Como afirma Cortina, com o discurso de autoajuda, “os insatisfeitos consigo próprios podem aprender como superar suas dificuldades e adquirir a competência necessária para enfrentar ‘objetivamente’ seus problemas” (CORTINA, 2007 p.47).

Do mesmo modo que Rüdger, Cortina também considera que o discurso de autoajuda promove a ideologia do individualismo. Quanto a esse aspecto, o autor afirma: (i) que o



discurso de autoajuda se caracteriza como “um discurso que fala individualmente para sujeitos individuais” (CORTINA, 2007, p. 47); (ii) que, segundo o discurso de autoajuda, a infelicidade vivida pelo sujeito provém de dentro si mesmo, sem relações com questões externas ao indivíduo, como problemas sociais ou políticos.

O autor também observa que, para o discurso de autoajuda, o alcance da felicidade depende da capacidade de cada indivíduo de colocar em prática os ensinamentos disponibilizados por esse discurso. Nas palavras do autor, “trata-se da expressão mais clara da leitura como produto de consumo e como reflexo do narcisismo social reinante, cujo valor mais característico é o utilitário, isto é, lê-se livros para se atingir um bem-estar” (CORTINA, 2007, p.48). Em seus estudos acerca das características da literatura de massa contemporânea, na qual as obras de autoajuda estão inseridas, Cortina (2011), sob a perceptiva da análise dialógica do discurso, ainda afirma que, normalmente, o sujeito enunciador do discurso de autoajuda é alguém que já goza de certo reconhecimento alcançado por meio de publicações anteriores sobre o tema, ou então, alguém que ocupe um lugar social que lhe autorize a discorrer sobre o assunto, como um médico ou um estudioso do assunto tratado na obra. Desse modo, para Cortina, não é possível uma separação completa entre o enunciador textual como figura discursiva e como pessoa do mundo.

Sobral (2006) discorre sobre a importância de não se confundir as obras de autoajuda com as obras de alguns profissionais detentores de saberes científicos que podem melhorar a qualidade de vida do indivíduo. Segundo o autor, o discurso de autoajuda deve ser entendido como um discurso no qual as “sugestões” devem ter como princípio a própria experiência de vida do enunciador e não os conhecimentos científicos adquiridos por meio de algum tipo de estudo.

Conforme observa o mesmo autor, os livros de autoajuda surgidos depois da Segunda Guerra Mundial voltam-se principalmente para o alcance de sucesso, material ou sentimental, por meio da mudança de personalidade do leitor. No entanto, o autor afirma que nos anos seguintes, o discurso ganhou uma “inclinação coletivista cósmica”, já que algumas das obras de autoajuda começaram por disseminar a crença numa vitória coletiva guiada por forças cósmicas, que fogem à compreensão do homem e que está pautada na tese de que há unidade entre todos os sujeitos e entre todas as coisas. Apesar disso, o autor observa que a ideia de que o *eu* é agente de todas as mudanças ainda continua a ocupar a base do discurso presente nessas obras.

Sobral (2006) observa ainda que, no discurso de autoajuda, a ideia de autoajuda está relacionada a vários tipos de psicoterapias nas quais o sujeito deveria se apoiar. Assim, nesse

discurso, há um apelo ao que o autor se refere como “hetero-ajuda terapêutica”, que se relaciona a trabalhos de adaptação e de respeito ao mundo e cuja finalidade seria a de se autoajudar. Desse ponto de vista, o discurso de autoajuda não é apenas um discurso difusor da ideologia do individualismo.

Segundo Rüdger (1996), as obras de autoajuda se dividem em duas categorias; uma delas é a que se destina ao desenvolvimento de capacidades objetivas nas quais se enquadram as obras voltadas ao alcance de sucesso nos negócios, na comunicação em público e na conquista ou manutenção de patrimônio. Já a segunda se relaciona a capacidades subjetivas de como, por exemplo, aumentar a autoestima, saber envelhecer, vencer a depressão, etc. Como podemos notar, nessa segunda categoria, estão incluídos os livros de autoajuda destinados ao público idoso.

Em seu trabalho desenvolvido a partir de um *cópus* constituído por obras de autoajuda que tematizam o sucesso financeiro e profissional, Brunelli (2004), por meio da análise da modalidade, conclui que o discurso de autoajuda é marcado por um tom de certeza e convicção, sem espaço para manifestações de incerteza e dúvida por parte de seu sujeito enunciatário. Nas palavras de Brunelli:

Como se trata de uma questão de acreditar, de não duvidar, entendemos que os autores de auto-ajuda, enquanto sujeitos desse discurso, também devem manifestar em seus textos, com relação às teses que propõem, essa mesma crença/confiança que pregam para os seus leitores. Além disso, se as teses que apresentam são verdadeiras, se as fórmulas e orientações realmente funcionam, e se tudo é realmente uma questão de acreditar, então a incerteza e a dúvida devem mesmo ser manifestações excluídas e/ou rejeitadas nos textos desse discurso. (BRUNELLI, 2004, p.8).

Brunelli conclui que o sujeito enunciatário do discurso de autoajuda é um sujeito que acredita plenamente em si e que expressa total confiança acerca do que afirma. Esse sujeito enunciatário seguro de si emprega seu discurso convicto para socorrer o seu enunciatário, que é, de acordo com a autora, um sujeito em crise. Apoiando-se em Hall (1998) e Chagas (1999), a autora considera que esse sujeito em crise é o sujeito da pós-modernidade, sujeito cujas referências foram abaladas pelas rápidas transformações (sociais, culturais, econômicas, políticas e técnico-científicas) que criaram um mundo essencialmente instável, responsável pela produção de sérios efeitos na vida psíquica dos indivíduos. As conclusões de Brunelli reforçam a ideia de que ser sujeito enunciatário desse discurso é assumir um lugar de “saber” sem, no entanto, deixar de lado o tom otimista na elaboração de seus enunciados, já que,

segundo a autora, Brunelli (2004), o discurso de autoajuda também é marcado por um tom otimista e de esperança. A esse respeito, a autora afirma que esse discurso, com enunciados que descartam qualquer referência aos problemas do mundo, cria uma atmosfera de confiança, que combate o mundo efêmero e instável das sociedades pós-modernas e na qual os interlocutores podem encontrar um amparo para a insegurança que os aflige.

Nos dados divulgados por Marthe (2002), relativos a uma pesquisa realizada no ano de 2001, notamos, curiosamente, que 55% do público consumidor do discurso de autoajuda, nessa época, era composto por homens. Além disso, 40% dos participantes da pesquisa, entre homens e mulheres, tinham mais de 40 anos.

Em relação às classes sociais, Marthe (2002) relata que mais de 40% dos entrevistados pertenciam à classe A, enquanto 34% faziam parte das classes B e C. Esses dados permitem-nos verificar que o discurso de autoajuda é “consumido” de maneira quase igual tanto pelas classes mais altas quanto pelas classes mais baixas. Também é possível constatar, curiosamente, que grande parte dos leitores do discurso de autoajuda estão situados em uma faixa etária acima dos 40 anos, idade em que, normalmente, o sujeito já constituiu família e já conquistou uma certa estabilidade financeira. Esses dados parecerem reforçar a tese de que, de modo geral, o indivíduo moderno é um sujeito cheio de dúvidas existenciais e carente de orientação, independente de seu sexo, sua faixa etária ou sua classe social.

Em síntese, o discurso de autoajuda, marcado tanto pelo tom autoritário quanto pelo de otimismo, funciona como um guia de orientação para o sujeito pós-moderno, que vive em um mundo de referências abaladas, o que colabora para que seja popular entre todas as classes sociais e seja consumido por ambos os sexos, já que no mundo moderno, problemas familiares, profissionais e de relacionamento são assuntos discutidos em todos os níveis sociais e culturais e fazem parte da rotina tanto dos homens quanto das mulheres.

## 2. O discurso sobre a terceira idade

Segundo as considerações da Organização Mundial de Saúde<sup>18</sup>, nos países desenvolvidos, a terceira idade começa aos 65 anos, enquanto, nos países em desenvolvimento, os cidadãos já são considerados idosos a partir dos 60 anos. Essa diferença na faixa etária relacionada à inserção do indivíduo na terceira idade, justifica-se pela diferença na expectativa de vida dos países desenvolvidos em relação aos países em desenvolvimento. No Brasil, de acordo com a lei 8.842<sup>19</sup>, a terceira idade inicia-se a partir dos 60 anos de vida.

Segundo Veras (2002), a expectativa de vida dos idosos tende a continuar aumentando nos próximos anos em todo o mundo, atingindo mundialmente, para ambos os sexos, a marca dos 80 anos. A esse respeito, Freitas (2004) afirma que até 2025 a população idosa no planeta alcançará o número de 1 bilhão e 2000 milhões de pessoas. Somente no Brasil, segundo o autor, o número de idosos passará de 33 milhões de pessoas, o que fará com que o país ocupe o sétimo lugar do mundo em número de idosos.

Veras (2002), por sua vez, afirma que o crescimento da população idosa faz surgir a preocupação com a qualidade de vida das pessoas, já que, de acordo como autor, não basta que se viva mais, é necessário também que se viva melhor. É nesse contexto que discursos dirigidos à terceira idade começam a circular com mais intensidade, incluindo aí o discurso de autoajuda.

Com o intuito de caracterizar um pouco melhor esse contexto de circulação do discurso de autoajuda para a terceira idade, na próxima seção, apresentamos um panorama geral sobre os modos como a velhice foi discursivizada ao longo da história da humanidade, desde a época clássica até os dias mais atuais. Nessa apresentação, incluímos os estereótipos que mais tipicamente estão associados ao tema.

---

<sup>18</sup> Dados retirados do site <http://www.paho.org/bra/sausedoidosos> . Acesso em: 12 de set. de 2012.

<sup>19</sup> A Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, contempla a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso.

## 2.1. Um panorama histórico sobre a discursivização da velhice

As considerações a respeito da velhice datam de milhares de anos. Como relata Pereira (2005), no ano de 1600 a.C., foi encontrado um registro escrito que continha recomendações diversas de como manter a juventude.

Pereira (2005) lembra que, no século V a. C., o pai da medicina, Hipócrates, considerava a velhice como um processo de ruptura do equilíbrio corporal que começava por volta dos 56 anos. Ele a comparava à estação mais fria do ano, o inverno. O autor também relata que, na era cristã, já era possível encontrar estudos a respeito de tratamentos relacionados a doenças ocorridas na velhice, como os de autoria de Galenus e Celsus.

Quanto à Idade Média, Pereira, no trabalho citado, destaca a obra intitulada *Da Conservação da Juventude e proteção da Velhice*, de Arnold Villanova, cujo conteúdo, como o próprio nome sugere, se relacionava a recomendações de “prevenção” da velhice. Nessa época, segundo Lemos *et al* (2007), exaltava-se o poderio militar, cujos cargos eram ocupados pelos cidadãos mais jovens; assim, a população idosa era vista como uma população de pouca serventia na sociedade e muitos idosos acabavam por formar parte da população escrava e servil.

Na época renascentista, segundo Silva (2008), a morte era entendida como um obstáculo que deveria ser superado, e a velhice era vista como um evento fantástico e mágico que ainda não havia encontrado uma explicação científica. Silva menciona, no entanto, que, com o avanço no campo da medicina na parte de fisiologia, anatomia e patologia, durante os séculos XVII e XVIII, a velhice e o envelhecimento passaram a ser considerados como certezas biológicas e processos invariáveis, e a morte começou a ser vista como consequência de doenças relacionadas à velhice.

Nos séculos XVIII e XIX, os avanços nos estudos da medicina propiciaram um aumento na expectativa de vida da população e, como consequência, houve significativo crescimento da população idosa. Esse fato, segundo Lemos *et al* (2007), contribuiu para a diminuição ainda maior dos mitos relacionados à velhice. No final do século XIX, surgem as disciplinas destinadas ao estudo da população idosa e dos efeitos do envelhecimento no corpo humano, isto é, a gerontologia e a geriatria.

De acordo com Silva (2008), a velhice é entendida, atualmente, como a fase da vida em que o corpo sofre degenerações irreversíveis. Esse discurso começou a ser socialmente difundido por meio dos primeiros estudos geriátricos, principalmente os do médico Ignatz

Nasher, a quem se atribui os primeiros trabalhos do campo geriátrico, por volta do ano de 1910.

Ainda de acordo com a autora, os primeiros estudos geriátricos, ainda que tenham colaborado para combater os mitos ligados à terceira idade, viam a velhice sob uma ótica negativa, relacionando-a com a época da decadência física. Entretanto, os estudos modernos relacionados à geriatria trabalham para desfazer essa imagem pessimista relacionada ao envelhecimento.

A esse respeito, Achenbaum (1995 apud PEREIRA 2005) considera que foi no início do século XX que uma filosofia mais “positiva” relacionada à velhice começou a surgir. A partir desse século, começaram a circular discursos científicos que continham informações de como amenizar os efeitos do tempo no corpo, como tentar evitá-los ou como erradicá-los totalmente, assim como pretendiam os estudos antigos, mas, agora, considerando a velhice como um estágio natural da vida, que deveria ser alcançado pela população.

Os estudos médicos atuais que se relacionam ao processo de envelhecimento pertencem ao campo da geriatria e não se restringem, conforme afirma Silva (2008), somente à área médica, mas se valem também de estudos sociológicos e psicológicos, fazendo com que a atual visão da geriatria sobre o envelhecimento se pautem também em uma visão psicossocial. Desse modo, podemos perceber que, mesmo no discurso científico, está presente a ideia de que a qualidade de vida física depende também da saúde psicológica do idoso.

Desse modo, podemos perceber que os estudos científicos atuais são os grandes responsáveis pela imagem mais positiva da velhice, já que, como visto, essa época da vida sempre esteve associada ao medo e ao repúdio por parte da população que viveu em séculos anteriores. No entanto, ainda que os estudos científicos modernos trabalhem para tentar amenizar o discurso negativo associado à terceira idade, ele ainda se faz bastante presente na sociedade atual.

## **2.2. Estereótipos associados à velhice**

Do ponto de vista da Psicologia Social, os estereótipos são tidos como crenças, isto é, como representações cristalizadas relativas aos membros de um grupo social. Trata-se, essencialmente, de esquemas culturais preexistentes, ligados a imagens fictícias, que expressam um imaginário social.

Segundo Lippman (1946, apud Amossy e Pierrot, 2001), pioneiro nesse tipo de investigação, os estereótipos mediatizam a relação com o real, pois é através deles que se

filtra a realidade. Os estereótipos são, assim, imagens indispensáveis para a vida em sociedade, que permitem compreender o real, categorizá-lo e agir sobre ele. Assim, segundo o autor, vemos justamente aquilo que nossa cultura definiu previamente.

Nesses termos, de acordo com o ponto de vista da Psicologia Social, a emergência dos estereótipos está atrelada a processos de categorização e generalização do real que o simplificam, o que produz uma visão esquemática e deformada que favorece a emergência de preconceitos.

Apesar disso, os estereótipos não são necessariamente totalmente arbitrários. Eles podem até ter uma base factual observável, o que não elimina os problemas, pois, ao estereotipar membros de um grupo social, os traços de seu *status* social e de seus papéis é que são representados como se fossem uma essência imutável. Sendo assim, o estereótipo é efeito de uma distribuição social de papéis, o que supera a questão da verdade e põe no centro das reflexões o uso que se faz dos estereótipos e o modo como afetam não só a vida social, como também a interação entre os grupos.

No caso dos idosos, ainda que a “terceira idade” tenha ganhado bastante espaço em vários campos de estudo, os idosos ainda sofrem preconceitos relacionados a um estereótipo negativo que, segundo Falcão e Dias (2006, p.322) “reduz a velhice a uma fase de declínios e perdas”.

O preconceito social relacionado à terceira idade é denominado atualmente de *ageísmo*. Segundo Falcão e Dias (2006), o termo começou a circular por volta do ano de 1969. Atualmente, como afirmam os autores, o ageísmo é considerado o terceiro grande “ismo” da sociedade moderna, perdendo apenas para outros dois casos de preconceito: o racismo e o sexismo.

No entanto, os autores observam que o ageísmo se difere dos outros tipos de preconceito social pelo fato de qualquer pessoa poder ser uma vítima futura de tal “fenômeno”, bastando, para isso, que se atinja a longevidade. De acordo com os autores, associados aos estereótipos negativos que se enquadram no ageísmo, é possível encontrar adjetivos como *solitário, inflexível, religioso, improdutivo, depressivo, doente, frágil*, dentre outros.

No trabalho mencionado, Falcão e Dias, retomando as considerações de Kuddy e Fisk (2002), afirmam que o ageísmo presente na sociedade atual tem origem na denominada *Teoria da Modernização*, embora a velhice nunca tenha sido realmente bem aceita em nenhum momento da história da humanidade. Segundo essa teoria, a desvalorização da imagem do idoso pode ser explicada por quatro fatores.

O primeiro deles relaciona-se ao aumento da população idosa na sociedade atual, levando à institucionalização da aposentadoria, o que, segundo os autores, contribuiu para o enfraquecimento da contribuição financeira dos idosos.

O segundo fator está relacionado ao uso constante da tecnologia no mercado de trabalho, que fez com que a maioria dos idosos perdesse espaço nesse meio, já que grande parte da população idosa não tem um domínio pleno de instrumentos tecnológicos adotados pelos estabelecimentos comerciais nos dias de hoje, principalmente o computador.

O terceiro fator se relaciona à questão da urbanização, que, segundo a teoria em questão, fez com que os jovens saíssem de suas casas mais cedo em busca de empregos nas cidades maiores, enfraquecendo o vínculo familiar entre diferentes gerações como, por exemplo, avós e netos.

O último fator que, segundo a teoria em pauta, colaborou para que os idosos perdessem espaço na vida social foi o surgimento da educação pública, responsável pela alfabetização da grande massa da população. Ao se responsabilizar pela disseminação do saber, a escola passou a ocupar um posto que anteriormente pertencia aos mais velhos.

Segundo Falcão e Dias (2006), além desses fatores, o ageísmo está relacionado à estereotipagem dos idosos, com a associação de certas características ao lugar que ocupam na sociedade. Desse modo, como explicitam os autores, pelo fato de a maior parte dos idosos ocupar o papel social de pessoas aposentadas, afastadas do trabalho, é comum que a sociedade lhes atribua características relacionadas, por exemplo, à passividade.

Dentre as formas de manifestação verbal do ageísmo, os autores citam o emprego de formas infantilizadas e paternalizadas no discurso dirigido aos idosos.

Outros discursos também podem se enquadrar no ageísmo, segundo os autores, como o discurso simplificado, o vagaroso e o de pouca complexidade. Esses tipos de discursos podem ser entendidos como uma forma de disseminação dos estereótipos negativos relacionados aos idosos, pois remetem a características consideradas negativas, tais como a fragilidade e a lentidão de raciocínio e entendimento.

Diante do exposto, podemos perceber que a desvalorização do idoso na sociedade atual está relacionada também a fatores econômicos, políticos e sociais como a institucionalização da aposentadoria, o êxodo urbano dos jovens e a própria disseminação do ensino público. Também podemos constatar que as formas de preconceito relacionadas ao idoso estendem-se a atitudes que, à primeira vista, podem soar como atitudes carinhosas, como o uso do ritmo de fala desacelerado na conversa com o idoso, mas que, no entanto, reforçam o discurso de que todo idoso é uma pessoa de raciocínio mais lento.



### 2.3. O discurso atual sobre o idoso

Nos dias atuais, o termo *velho* não é mais empregado com tanta frequência para fazer referência a pessoas com mais de 60 anos. Isso se explica, segundo Peixoto (1998), pelo fato de esse termo ter assumido um sentido pejorativo, associado à decadência física e à produtiva do ser humano. Como relata o autor, a partir da década de 1960, a palavra *velho* começa a perder espaço nos documentos oficiais franceses e passa a ser substituída pelo vocábulo *idoso*, que é, de acordo com o autor, um termo menos estereotipado.

No entanto, Peixoto acredita que o uso do termo *velho* ainda tem uma frequência de uso significativa na sociedade, sendo relacionado, principalmente, com pessoas de classes sociais menos favorecidas. O autor afirma que, quando se trata de cidadãos pertencentes às classes mais abastadas, o termo *idoso* é mais usual.

Segundo Peixoto, a partir da década de 1960, o estilo de vida dos idosos de classe média começa a ganhar evidência social, disseminando-se entre todas as classes sociais de aposentados. Desse modo, a época da aposentadoria passa a ser vista como um período em que é possível viver com qualidade de vida. Esse cenário faz surgir a expressão *terceira idade* em substituição ao termo estigmatizado *velhice*.

O surgimento dessa expressão contribuiu para a valorização da imagem social dos idosos já que, segundo Peixoto, essa expressão tornou pública a legitimação de um novo “tipo de sensibilidade” relativa aos idosos, que contribuiu para a veiculação de uma imagem mais positiva relacionada à velhice.

Lenoir (1979 apud Silva 2008) afirma que, atualmente, está circulando um discurso segundo o qual a terceira idade é considerada como uma categoria etária, situada entre a maturidade e a velhice, sem negar o estágio avançado de vida; ao contrário, afirmando-o. No entendimento do autor, os novos vocábulos que surgem em oposição aos anteriores, socialmente estigmatizados, dizem respeito a esse discurso que considera a autonomia dos participantes desse grupo. Dentre os vocábulos que colaboram, segundo o autor, para a afirmação dessa nova autonomia estão, além dos já mencionados termos *idosos* e *terceira idade*, expressões como *casa de repouso* (em oposição ao termo *asilo*) e *gerontologia* (em oposição ao termo *assistência social*).

Além disso, a própria institucionalização da aposentadoria forneceu à velhice o “status” de categoria política. Desse modo, como observa Silva (2008), a aposentadoria tem dois lados. Um deles é o lado negativo, pois contribuiu para reforçar a ideia de que o idoso tem

pouco poder financeiro e o coloca, no imaginário social, na posição de um ser socialmente improdutivo.

Já pelo lado positivo, o idoso passa a ser visto como um sujeito de direitos, detentor de privilégios sociais legalmente reconhecidos, podendo, dessa forma, reivindicar melhorias para sua faixa etária:

Se o movimento em torno das pensões/aposentadorias diferenciou o velho como especial, carente, dependente e improdutivo, ele também politizou essa parcela da população, criando uma posição de subjetividade radical, desde a qual uma pessoa pode exigir seus direitos sob o status do idoso. (KATZ apud Silva, 2008, p.67)

Como observa Silva (2008), o sistema de aposentadoria no Brasil surgiu em 1923, quando se destinava somente aos trabalhadores ferroviários. Somente no ano de 1960 é que se criou a Lei Orgânica de Previdência Social, que passou a contemplar todos os trabalhadores do país, inclusive os trabalhadores rurais; portanto, foi a partir dessa década que houve a efetiva popularização da aposentadoria no Brasil.

Navarro e Bazza (2012), no estudo que realizam sobre a subjetivação do idoso na mídia, por meio de propagandas que circularam durante os anos 90 e de propagandas que foram veiculadas a partir de ano de 2009, concluem haver uma diferença na maneira como os idosos foram retratados nos comerciais que circularam em cada uma dessas décadas. Na década de 90, por exemplo, as propagandas televisionadas reproduziam o estereótipo do idoso como uma pessoa de hábitos antigos e problemas auditivos. Para exemplificar essa forma de representar o idoso na publicidade, podemos citar uma das peças publicitárias analisadas pelos autores: trata-se de uma propaganda do banco Bamerindus, em que uma senhora idosa consegue um empréstimo para comprar uma vitrola que era um objeto de desejo seu e de seu marido desde que se casaram. Ao chegar em casa e contar a “conquista” a seu marido, ouve do idoso a expressão interrogativa *hei?*, como um sinal de que ele não havia conseguido entender o que foi dito por ela.

De acordo com os autores, essa propaganda reproduz uma imagem estereotipada dos idosos que circulou na sociedade por um bom tempo e que se relaciona à imagem do idoso de cabelo branco, que se veste de forma tradicional (saia/camisa; calça/camisa, gravata), e que circula apenas no ambiente do lar.

Por outro lado, uma propaganda de dentadura, que circulou no ano de 2011, exhibe uma idosa bastante confortável com sua opção de usar dentadura e que não muda seus hábitos

de vida por conta do uso da prótese dentária. Ao final desse comercial, a idosa é retratada no *shopping* em companhia das amigas, flertando com alguns idosos também presentes no local. Segundo Navarro e Bazza (2012), ainda que essa propaganda reproduza o estereótipo de idoso como alguém que sofre com problemas relacionados à dentição, há uma mudança favorável de comportamento do próprio idoso com relação à sua condição de saúde. Além disso, essa propaganda retrata o idoso como alguém que frequenta locais de passeios mais modernos como os *shoppings* e que praticam o ato da paquera. Assim, essa última propaganda retrata o que, segundo os autores, tem sido chamado de o “novo idoso”. A respeito da construção dessa identidade, os autores afirmam:

Para descrever o novo idoso, opera-se um trabalho discursivo de seleção dos elementos que farão parte desse discurso; nesse processo de incluir determinadas práticas e excluir outras, vai se “fabricando” uma identidade para esse sujeito. Apresentada como a verdadeira, propicia que os sujeitos sintam a necessidade de se identificarem com tal ou qual discurso. (NAVARRO; BAZZA, 2012, p.150)

Assim, o surgimento desse novo idoso na mídia se relaciona à propagação de um discurso acerca dos idosos que procura inseri-los em uma realidade mais otimista, na qual é visto como uma pessoa segura, independente e moderna. De acordo com os autores, ainda que haja uma memória discursiva relacionada a alguns estereótipos negativos do idoso (como o fato de ele não possuir mais seus dentes naturais), o discurso midiático atual dispensa a imagem do idoso como um ser frágil, com problemas de saúde sem tratamento (como ocorre na primeira propaganda) e apegado a hábitos antigos (como também ocorre na primeira propaganda com a compra da vitrola pela idosa). A mídia publicitária atual já inclui uma imagem mais positiva relacionada ao idoso.

No que diz respeito ao comércio, no Brasil, o aumento da população idosa, em conjunto com o reconhecimento do poder social do idoso, fez surgir uma diversificada gama de produtos e serviços destinados a esse tipo de público. Assim, empresas de turismo organizam excursões destinadas especificamente ao público “da terceira idade”, academias e clínicas de saúde lhes oferecem serviços especializados, instituições culturais passaram a fornecer diversos tipos de cursos aos idosos.

Além disso, o significativo aumento dessa população movimentou também o mercado de trabalho, pois contribuiu para o surgimento de uma nova categoria de serviço, o de cuidador de idoso. No âmbito legislativo, foram criadas leis que servem para facilitar o

cotidiano dos indivíduos idosos, como a lei que obriga todos os estabelecimentos a destinarem parte de suas vagas de estacionamento ao público idoso e a lei que fornece preferência de atendimento às pessoas com mais de 60 anos.

No entanto, ainda que tenha ganhado reconhecimento no mercado de consumo, o idoso se encontra inserido em um mundo onde a juventude é cada vez mais desejada. Prova disso é o aumento significativo nas vendas de produtos cosméticos destinados a “reparar” os danos causados pelo tempo à pele.

Segundo dados da Abihpec (Associação Brasileira de Produtor de Higiene, Perfumaria e Cosméticos), as vendas de produtos destinados ao preenchimento de rugas representava um total de vendas, no ano 2000, cerca de 27,5% do total de vendas de produtos faciais. Já no ano de 2004, esse percentual saltou para 34,8%, e estima-se que, em 2005, tenha havido um crescimento de 14% nas vendas em relação ao ano anterior.

Embora esses produtos também se destinem à melhoria da qualidade de vida pessoal, seu alto índice de consumo está relacionado a uma ideologia de valorização da juventude física. Desse modo, o sujeito idoso encontra-se no meio de um impasse: ao mesmo tempo em que goza de maior reconhecimento social e político, sofre com a ideologia dominante de repúdio à velhice.

Outro impasse vivido pelos idosos é mencionado por Freitas *et al* (2002). Segundo os autores, o idoso, ao mesmo tempo em que dispõe de maior tempo livre para se dedicar a diversos tipos de atividades, tem que se confrontar diariamente com o medo da morte. E a morte, como sabemos, especialmente para sociedades como as do mundo ocidental, é um grande tabu.

Assim, podemos definir o idoso atual como um sujeito de poder aquisitivo reconhecido pelo mercado de consumo, protegido legalmente e que dispõe de maior tempo e oportunidade para realizar atividades culturais e de cuidados com o corpo. Ao mesmo tempo, esse sujeito se encontra inserido num contexto social onde circulam discursos contraditórios: enquanto alguns os desvalorizam, há outros que veiculam uma imagem mais positiva de si.

### CAPÍTULO 3. ANÁLISE DA MODALIDADE NAS OBRAS DO CÓRPUS

Considerando a classificação das modalidades proposta por Hengeveld (2004), vamos analisar, neste capítulo, a expressão lexical da modalidade nas três obras que integram o corpus da pesquisa: *Envelhecer e ser feliz* (COELHO, 2001), *Os segredos da terceira idade* (TREVISAN, 2012), *A arte de envelhecer com sabedoria* (GRINBERG, 2000). Para tanto, apresentamos não só o resultado do levantamento das ocorrências de todas as manifestações de modalidade encontradas em cada uma das obras, como também uma análise de cada tipo de modalidade presente nessas obras.

O levantamento das ocorrências de itens lexicais modalizadores, em todas as obras do corpus, levou-nos aos seguintes resultados:

Modalidade/ Alvo da Avaliação \ Obra		<i>Envelhecer e Ser Feliz</i>	<i>Os Segredos da Terceira Idade</i>	<i>A Arte de Envelhecer com Sabedoria</i>	Total
Deôntica	Participante	45 (24,46%)	4 (14,29%)	45 (29,41%)	94 (25,73%)
	Evento	38 (20,55%)	1 (3,57%)	16 (10,46%)	55 (15,06 %)
	Proposição	-	-	-	-
	<b>Subtotal</b>	<b>83 (45,11%)</b>	<b>5 (17,86%)</b>	<b>61 (39,87%)</b>	<b>149 (40,82%)</b>
Epistêmica	Participante	-	-	-	-
	Evento	33 (17,94%)	8 (28,57%)	31 (20,26%)	72 (19,72%)
	Proposição	21 (11,41%)	4 (14,29%)	18 (11,77%)	43 (11,8%)
	<b>Subtotal</b>	<b>54 (28,35%)</b>	<b>12 (42,86%)</b>	<b>49 (32,03%)</b>	<b>115 (31,50%)</b>
Facultativa	Participante	23 (12,49%)	5 (17,86%)	19 (12,42%)	47 (12,87%)
	Evento	12 (6,63%)	3 (10,71%)	13 (8,50%)	28 (7,68%)
	Proposição	-	-	-	-
	<b>Subtotal</b>	<b>35 (20,02%)</b>	<b>8 (28,57%)</b>	<b>32(20,91%)</b>	<b>75 (20,55%)</b>
Volitiva	Participante	4 (2,18%)	3 (10,71%)	4 (2,61%)	11 (3,04%)
	Evento	8 (4,34%)	-	7 (4,57%)	15 (4,10%)
	Proposição	-	-	-	-
	<b>Subtotal</b>	<b>12 (6,52%)</b>	<b>3 (10,71%)</b>	<b>11 (7,19%)</b>	<b>26 (7,13%)</b>
	Participante	72 (39,13%)	9 (32,14%)	68 (44,44%)	149 (40,82%)
	Evento	91 (49,46%)	15 (53,57%)	67 (43,79%)	170 (46,58%)
	Proposição	21 (11,41%)	4 (14,29%)	18 (11,77%)	46 (12,60%)
<b>Total Geral</b>		<b>184 (100%)</b>	<b>28 (100%)</b>	<b>153 (100%)</b>	<b>365 (100%)</b>

Tabela 1: Ocorrências de modalizadores nas obras do corpus

## 1. Análise das ocorrências de modalizadores na obra *Envelhecer e ser feliz*

De acordo com os dados apresentados na tabela, a modalidade mais frequente na obra *Envelhecer e ser feliz* foi a deôntica. Como visto anteriormente, a modalidade deôntica pode estar orientada tanto para o participante quanto para o evento.

Quando orientada para o participante, descreve uma obrigação, uma permissão ou uma proibição que recai sobre o próprio sujeito participante engajado no evento, como ocorre nos seguintes exemplos:

(1) O velho não é um ser descartável, é um ser humano útil. Por isso **deve** permanecer ativo, exercitando a memória e o físico. (ESF, 2001, p. 51)

(2) O idoso **precisa** estar atento a qualquer mal estar físico, ainda que uma simples cólica abdominal. (ESF, 2001, p. 56)

Nesses exemplos, a obrigação contida no enunciado recai sobre o próprio participante, equivalente ao sujeito nesses casos, e correspondente ao *velho*, no exemplo (1) e ao *idoso* no exemplo (2). Logo, no primeiro exemplo, é o idoso que deve permanecer ativo física e mentalmente. Também no segundo, é o idoso que precisa estar sempre atento a qualquer tipo de mal estar físico.

Já nos casos de modalidade deôntica orientada para o evento, que representou 20,55% dos dados de modalizadores identificados nessa obra, a obrigação contida nos enunciados não recai sobre um participante sujeito específico, mas é expressa de maneira impessoal, como a primeira pessoa do plural *temos*, no exemplo (3), e a forma impessoal *deve-se*, no exemplo (4):

(3) **Temos** que enxergar a velhice como o prêmio da vida longa. (ESF, 2001, p. 45)

(4) **Deve-se ter** medo de ser um velho doente (ESF, 2001, p. 20)

A modalidade deôntica, como já mencionado anteriormente, pode expressar obrigação, necessidade ou proibição. Na obra *Envelhecer e ser feliz*, das 83 ocorrências de modais deônticos, 45 (54,21%) servem à expressão de obrigação, assim como acontece no seguinte enunciado, no qual o verbo *dever* instaura a obrigação de que os idosos sejam respeitados:

(5) **Devemos** tratar qualquer idoso com o mesmo respeito com que tratamos nossos avós. (ESF, 2001, p. 21)

Em outras 36 ocorrências (43,38%) do total de deônticos, há expressão de algum tipo de necessidade, como mostra o exemplo:

(6) O governo **precisa** olhar para o velho com mais atenção. Precisa enxergar que a velhice traz custos mais elevados na questão da saúde. (ESF, 2001, p. 55)

No exemplo acima, o verbo *precisar* instaura uma necessidade de que o governo se preocupe mais com a situação do idoso.

Em relação à modalidade deôntica que expressa proibição, identificamos, na obra, 2 ocorrências, que representam 2,41% do total, conforme exemplifica o enunciado a seguir:

(7) O idoso **não pode** nem pensar em pegar uma gripe forte. Por isso, deve estar sempre vacinado contra esse tipo de vírus, e outro mais. (ESF, 2001, p. 15)

Com relação ao alvo da modalidade deôntica, como podemos observar pela tabela apresentada, a maior parte dos modais deônticos na obra *Envelhecer e ser feliz* recai sobre o participante, que é, na maioria dos casos, alguém que convive com o idoso, pois, das 45 ocorrências de modais deônticos orientados para o participante, 28 têm como participante a sociedade de maneira geral, como os familiares dos idosos, os jovens de modo geral, o governo, etc. Já as outras 17 ocorrências têm como participante o próprio idoso e instauram algum tipo de obrigação, necessidade ou proibição que se direciona a esse idoso.

A modalidade epistêmica, nesse mesmo livro, foi o segundo tipo de modalidade mais recorrente, com um total de 54 ocorrências. Quando orientada para o evento, conforme já dito, descreve o evento em termos da (im)possibilidade de sua ocorrência de acordo com o conhecimento de mundo do falante. Os exemplos a seguir ilustram esse tipo de ocorrência:

(8) **É certo** que nem sempre a velhice é acompanhada, ao contrário disso, muitas vezes é solitária e marginalizada. (ESF, 2001, p. 61)

(9) A perda da esposa **pode** destruir o homem, do ponto de vista sexual, temporária ou permanentemente. (ESF, 2001, p. 32)

No primeiro exemplo, a certeza por parte do enunciador incide sobre o evento *nem sempre a velhice é acompanhada*. Já no segundo exemplo, a incerteza por parte do falante recai sobre o evento *perda da esposa*.

Quando a modalidade epistêmica está orientada para a proposição, a atitude de dúvida ou de certeza do falante incide sobre toda a proposição, como ocorre no seguinte caso:

(10) A **verdade** é que não podemos frear o envelhecimento, isso só seria possível se pudséssemos frear o tempo. (ESF, 2001, p. 35)

Nesse exemplo, a expressão de certeza representada por *a verdade é que* incide sobre a proposição *não podemos frear o envelhecimento*, indicando a certeza do enunciador em relação a esse conteúdo.

Como podemos notar, a modalidade epistêmica, na obra em análise, está, em sua maior parte, orientada para o evento. Esses resultados mostram que o posicionamento de dúvida ou de certeza do enunciador do texto incide, predominantemente, sobre determinado evento contido na proposição.

A modalidade epistêmica indicativa de certeza é predominante nessa obra. Das 54 ocorrências de modais epistêmicos, 43 (79,63%) indicam certeza por parte do enunciador, como o enunciado a seguir:

(11) Não há como precisar o tempo de vida de cada pessoa, mas, **certamente**, há como adotar atitudes que favoreçam a boa saúde e, conseqüentemente, ajudem na prevenção, ou até mesmo combate de algumas doenças. (ESF, 2001, p. 64)

Na obra em questão, 11 enunciados (20,37%) indicam atitude de dúvida do enunciador, como mostra o exemplo a seguir, em que a incerteza é marcada pelo advérbio *talvez*:

(12) A velhice seja, **talvez**, a maior benção concedida ao ser humano, pois é indicativa de que a saúde esteve presente na mocidade. (ESF, 2001, p. 44)

A modalidade facultativa foi o terceiro tipo de modalidade mais frequente na obra em questão. Quando orientada para o participante, como já visto, é indicativa de sua capacidade em realizar o evento contido na proposição, assim como ocorre nos exemplos a seguir:



(13) Você **pode** sim instalar uma indústria de bons pensamentos em sua mente, mas, para isso, você precisa deixar de lado as feridas que a vida lhe causou. (ESF, 2001, p. 56)

(14) O velho saudável **pode** fazer todas as atividades que faria se fosse jovem, desde que o ritmo seja menos intenso. (ESF, 2001, p. 58)

No exemplo (13), o verbo *poder* é indicativo da capacidade do idoso de controlar seus pensamentos, alimentando somente os pensamentos bons, desde que ele esteja disposto a se desapegar das dores do passado. Já o exemplo (14) indica a capacidade do idoso de realizar as atividades que praticava na época da juventude.

A modalidade facultativa orientada para o evento, por sua vez, caracteriza o evento em termos das condições físicas ou circunstâncias favoráveis para sua ocorrência, como ocorre nos exemplos a seguir:

(15) Propomos aqui mostrar que a velhice, se não pode ser evitada, **pode** e deve despertar a consciência de cada um para sua subordinação a ela. (ESF, 2001, p. 50)

(16) A terapia **pode** fazer com que o idoso repense seus verdadeiros valores em um mundo que idolatra exageradamente a juventude. (ESF, 2001, p. 43)

No primeiro exemplo, a modalidade facultativa tem como orientação a *velhice* e sua capacidade de despertar a consciência de cada um para subordinar-se a ela. No segundo exemplo, a orientação incide sobre o evento *terapia* e sua capacidade de fazer com o que o idoso repense seus valores.

Como notamos, a modalidade facultativa aparece, na maior parte das vezes, orientada para o participante, indicando que, na maioria dos enunciados relacionados a essa modalidade, a (in)capacidade de realizar a ação expressa pelo verbo recai sobre o participante. O participante da modalidade facultativa na obra *Envelhecer e ser feliz* é, na maior parte das vezes, o próprio idoso, pois dos 35 modais facultativos, 23 (65,71%) têm como participante a pessoa idosa, assim como ocorre no enunciado a seguir, em que os idosos são colocados como capazes de recordarem fatos históricos únicos:

(17) Costumam dizer que as pessoas de mais idade são esquecidas. Que bobagem. As pessoas mais velhas **são capazes** de lembrar de acontecimentos históricos que nenhum livro de história nos conta. (ESF, 2001, p. 33)

As outras 12 ocorrências (34,29%) são de modais cujo participante é algum membro da sociedade que não o idoso, assim como acontece no exemplo seguinte, em que os filhos dos idosos são colocados como capazes de realizar a ação de tranquilizar seus pais:

(18) Os filhos **têm um poder** único de tranquilizar o coração de seus pais, pois nada toca leva mais paz ao coração do idoso do que saber que suas crias estão bem. (ESF, 2001, p. 55)

A modalidade volitiva foi a que apresentou menor número de ocorrências, com um total de 12 ocorrências em toda a obra (6,52% do total). Essa modalidade pode, como já visto, estar orientada para o participante, descrevendo seu desejo de participar do evento contido na proposição, como acontece nos seguintes exemplos:

(19) Há vários segredos que fazem a maravilha da sua idade. Mas, **quero** revelar-lhe o mais fantástico: Deus ama sua idade mais do que as outras (ESF, 2001, p. 31)

(20) **Não** queremos induzir ninguém a se comportar dessa maneira ou daquela, no mundo paralelo em que vive ou que irá viver um dia. (ESF, 2001, p. 69)

No exemplo (19), o desejo do participante de revelar alguma coisa ao leitor está explicitado na superfície textual. Já no exemplo (20), apresenta-se a falta de desejo/vontade do participante sujeito plural. Quando orientada para o evento, a modalidade volitiva descreve esse evento como sendo desejável ou indesejável, como ocorre no seguinte exemplo, no qual uma aposentadoria que forneça ao idoso condições de tratar da saúde como um evento desejável por parte do falante:

(21) Uma aposentadoria que ofereça ao idoso condições de comprar seus medicamentos e tratar de sua saúde, sem que ele precise cortar seus gastos com as necessidades básicas, **é** extremamente **desejável** e urgente na sociedade brasileira atual. (ESF, 2001, p. 36)

Como podemos observar, a modalidade volitiva incide, majoritariamente, sobre o evento (8 ocorrências), indicando que, nessa obra, os modais volitivos se relacionam, na maior parte das vezes, a um desejo de realização do evento. Os outros 4 casos de modalidade volitiva voltam-se para o participante, nesse caso representado pelo próprio enunciador, demonstrando seu desejo de que a ação mencionada ocorra, como podemos observar no seguinte enunciado, em que o enunciador deseja que o idoso encontre paz de espírito:

(22) **Espero** que você realmente encontre a paz de espírito que todo homem merece depois de ter enfrentado tantas tribulações na vida. (ESF, 2001, p. 32)

## 2. Análise das ocorrências de modalizadores na obra *Os segredos da terceira idade*

Das três obras analisadas, o livro *Os segredos da terceira idade* foi a que apresentou o menor número de elementos modalizadores. A possível razão para esse baixo número de ocorrências pode ser atribuída ao pequeno número de páginas da obra, já que o livro contém apenas 33 páginas.

Apesar do número de ocorrências de modalizadores ser relativamente pequeno na obra em questão, julga-se pertinente observar quais as manifestações de modalidade presentes nesse texto, com o intuito de comparar os resultados encontrados nessa obra com os resultados obtidos na análise das obras do *cópus*.

Como podemos notar pela tabela apresentada, nessa obra os modalizadores que ocorrem com mais frequência são os epistêmicos (12 ocorrências, representando 42,86% do total), sendo 8 ocorrências orientadas para o evento (exemplo (23)) e 4 ocorrências orientadas para a proposição (exemplo (24)):

(23) A velhice **pode** ser um período bastante doloroso para quem deseja recuperar a juventude física a qualquer custo (...). (STI, 2012, p. 23)

(24) **Talvez** você não tenha certeza de que vale a pena relaxar e mentalizar. (STI, 2012, p. 28)

No exemplo (23), o verbo *poder* se relaciona a uma incerteza que recai sobre o evento *a velhice ser um período doloroso*, indicando a possibilidade de essa fase ser um período triste para quem deseja voltar a ser fisicamente jovem. Já no exemplo (24), o advérbio *talvez* incide sobre toda a proposição contida no enunciado, expressando a dúvida do enunciador com relação ao conteúdo *você não tem certeza de que vale a pena relaxar e mentalizar*.

Das 12 ocorrências de modalidade epistêmica na obra, o predomínio (9 ocorrências) é de modalizadores epistêmicos que indicam dúvida ou possibilidade, como mostra o exemplo a seguir, em que o verbo *poder* indica certa incerteza por parte do enunciador:

(25) Você **pode** estar achando que eu estou maluco em lhe falar essas coisas (...). (STI, 2012 p. 22)

A segunda modalidade mais frequente na obra em análise foi a facultativa orientada para o participante, indicando a capacidade de que ele realize, ou não, a ação expressa pelo verbo, assim como ocorre no seguinte exemplo:

(26) Todas as pessoas queriam ter mais tempo para desfrutar dos momentos de ócio. Mas muitas não **conseguem**, não têm tempo para mais nada além do trabalho. (STI, 2012, p. 32)

Nesse exemplo, o verbo *conseguir* é indicativo da incapacidade de algumas pessoas de desfrutarem dos momentos de ócio, por conta do trabalho. Dentre as 5 ocorrências de modalidade facultativa orientada para o participante, 3 têm como alvo o próprio idoso, colocado como o ser capaz de realizar a ação expressa no enunciado, como mostra o exemplo a seguir:

(27) Só você **tem o poder** de mudar seus pensamentos para melhor. Não pense que isso é tarefa para os outros. (STI, 2012, p. 22)

As outras duas ocorrências direcionam-se para os familiares do idoso, como podemos observar a seguir:

(28) **A família pode** fazer milagres pela saúde do idoso. (STI, 2012, p. 30)

A terceira modalidade mais recorrente na obra analisada foi a deontica, com apenas 5 ocorrências em toda a obra. Na sequência, apresentamos, respectivamente, um exemplo de modalidade deontica orientada para o participante (mais frequente) e um exemplo de modalidade deontica orientada para o evento:

(29) Você **precisa** se afastar de pessoas que só falam de problemas de saúde, caso contrário, você corre um sério risco de se tornar um idoso hipocondríaco. (STI, 2012, p. 16)

(30) A juventude **deve ser** a época da plantação para que a velhice seja abençoada com a colheita (...). (STI, 2012, p. 24)

No exemplo (29), o verbo *precisar* indica a necessidade de que o participante se afaste de pessoas que só falam de problemas de saúde. Nesse caso, é o idoso o próprio participante que deverá cumprir a ação prevista pelo verbo, pois é ele quem tem o controle para isso. No exemplo (30), a obrigação imposta pelo verbo refere-se ao evento *a juventude ser a época de plantar* e não recai sobre um participante específico.

Dos 4 casos de modalidade deôntica orientada para o participante, 3 têm como alvo o próprio idoso, indicando, que a ordem contida nos enunciados recai sobre a pessoa idosa, como já mostrado no exemplo (29).

A modalidade deôntica expressiva de obrigação representa 3 das 5 ocorrências desse tipo de modal na obra. Uma das ocorrências expressa proibição e a outra necessidade.

O tipo modal menos frequente nessa obra foi o volitivo, com apenas 3 ocorrências, todas orientadas para o participante. Vejamos um dos exemplos:

(31) Mas, **quero revelar-lhe** o mais fantástico: Deus ama sua idade mais do que as outras. (STI, 2012, p. 31)

Nessa e em todas as ocorrências de modalidade volitiva na obra em questão, a incidência da modalidade recai sobre o participante sujeito de primeira pessoa, pois é sempre ele quem deseja algo para seu interlocutor.

### **3. Análise das ocorrências de modalizadores na obra *A arte de envelhecer com sabedoria***

Na obra *A arte de envelhecer com sabedoria*, a modalização deôntica foi a predominante. Por meio da tabela apresentada, é possível observar que a necessidade, a obrigação ou a proibição imposta pelos modais incide, principalmente, sobre o participante, com um total de 45 casos (29,41 % do total), como observamos nos exemplos a seguir:

(32) Os idosos também **precisam**, nas situações difíceis, usar coragem e audácia. O atrevimento com bom senso costuma dar certo. (AECS, 2000, p. 47)

(33) Os idosos **não devem** procurar o objeto perdido em lugares mal iluminados. (AECS, 2000, p. 48)

No exemplo (32), a ordem expressa pelo verbo *precisar* se direciona ao participante que, nesse caso, são as pessoas idosas. Do mesmo modo, a proibição expressa pela locução verbal *não devem*, no exemplo (33) incide sobre o participante *os idosos*.

A modalidade deôntica orientada para o evento aparece em 16 ocorrências (10,46% do total), que podem ser ilustradas pelos exemplos a seguir:

(34) A terceira idade **não deve** ser encarada como a melhor idade da vida, pois não existe idade melhor do que a outra, cada uma possui seus benefícios e malefícios. (AECS, 2000. p. 31)

(35) O medo da morte **deve estar** presente em todas as fases da vida, já que o velho ditado “para morrer, basta estar vivo” é totalmente verídico. (AECS, 2000, p. 56)

No exemplo (34), a incidência do modal deôntico *dever* recai sobre o evento *não encarar a terceira idade como a melhor idade da vida*. Já no exemplo (35), o mesmo modal incide sobre o evento *o medo da morte estar presente em todas as fases da vida*.

Em 31 das 45 ocorrências de modalidade deôntica orientada para o participante, o participante não é o idoso, mas pessoas que formam parte da sociedade e que precisam se relacionar com o idoso de alguma maneira, como mostram os exemplos:

(36) **Não devemos** olhar para os idosos com piedade. A pena é um dos piores jeitos de ferir a alma do velho. (AECS, 2000, p. 44)

(37) **Os netos não devem** se esquecer de seus avós. **Devem** visitá-los sempre que possível. (AECS, 2000, p. 33)

Em relação aos subtipos de modais deônticos, do total de 61 ocorrências desses modais nessa obra, 44 relacionam-se a algum tipo de necessidade relacionada ao idoso ou à sociedade que com ele convive, como podemos notar nos seguintes exemplos:

(38) Você **deve** fazer apenas o que lhe agrada. Esqueça as pressões sociais para que você aprenda a tricotar ou a fazer palavras cruzadas (...). (AECS, 2000, p. 23)

(39) Os filhos **devem** sempre prestar atenção às queixas dos pais quando o assunto é saúde. (AECS, 2000, p. 43)

No exemplo (38), o enunciador expressa uma ordem à pessoa idosa para que ela faça apenas o que for de seu agrado, não deixando que seus gostos sejam influenciados pelo que a sociedade julga ser “atividade de idoso”. Já no exemplo (39), o enunciador fornece uma ordem aos filhos dos idosos para que eles estejam sempre atentos aos comentários dos pais em relação à sua saúde.

No que se relaciona à modalidade deôntica expressiva de ordem, há, na obra, 16 ocorrências desse subtipo modal. Observemos o seguinte exemplo:

(40) Você **não deve** se tornar uma pessoa amarga por conta dos problemas da idade (...). (AECS, 200, p. 32)

Nessa obra, encontramos apenas um enunciado deôntico que expressa proibição, relacionando-se a uma ordem sobre o que o idoso não deveria fazer, que no exemplo a seguir relaciona-se a uma proibição do idoso de alterar sua idade verdadeira:

(41) Você está **proibido** de mentir a sua idade (...). (AECS, 2000, p. 21)

A segunda modalidade mais frequente na obra *A arte de envelhecer com sabedoria*, foi a epistêmica orientada para o evento, exemplificada em:

(42) Os idosos **podem ser** criticados por isso ou por aquilo, com ou sem razão. (AECS, 2000, p. 42)

No exemplo (42), o verbo *poder* indica uma possibilidade que incide sobre o evento relacionado às críticas que os idosos podem sofrer de terceiros. No exemplo seguinte, a expressão modalizadora *a verdade é que* está orientada para a proposição:

(43) A **verdade** é que todos os idosos têm o direito de viver melhor e mais sossegados. (AECS, 2000, p. 34)

A modalidade epistêmica predominante nessa obra é a indicativa de certeza por parte do enunciador. Dos 49 casos de modalidade epistêmica, 29 (67,45 %) indicam atitude de certeza, como mostra o exemplo (44):

(44) Você **certamente** já ouviu falar nas aulas de dança para idoso, oferecidas em locais como universidades e igrejas (...). (AECS, 2000, p. 65)

Já outras 14 ocorrências (32,55%) trazem algum elemento lexical indicativo de dúvida, como mostra o seguinte enunciado, em que a dúvida é marcada pela expressão *pode ser que*:

(45) **Pode ser que** você esqueça uma ou outra coisa, mas, pergunte a si mesmo: você também não tinha lapsos de memória na juventude? (AECS, 2000, p. 21)

O terceiro tipo de modalidade mais recorrente em número de ocorrências foi a modalidade facultativa, com orientação predominantemente voltada para o participante, como mostram os exemplos:

(46) Quando o pai ou a mãe estão protegidos pelos filhos, sentem-se seguros, gozam de regalias e do afeto que faz bem à alma e ao coração. Esses **podem** e querem proporcionar aos filhos e netos muita atenção, carinho e amor. (AECS, 2000, p. 32)

(47) Alguns idosos não **conseguem** controlar o funcionamento periódico do aparelho urinário. (AECS, 2000, p. 28)

No exemplo (46), o verbo *poder* indica a capacidade do participante, no caso, o pai ou a mãe, de realizar o evento que, no contexto em questão, seria proporcionar amor e carinho aos filhos e netos. Já no exemplo (47), o verbo *conseguir* se relaciona justamente à falta de capacidade do participante que, nesse caso, são os próprios idosos, em controlar o aparelho urinário. Na maior parte dos casos, o participante dessa modalidade é o idoso. Dos 19 casos de modalidade facultativa orientadas para o participante, 12 colocam o idoso como o ser capaz de realizar a ação expressa pelo verbo.

Quanto às ocorrências de modalidade facultativa orientada para o evento, foram identificadas 13 ocorrências. Vejamos os exemplos:

(48) A velhice **pode** despertar a admiração dos mais entendidos e o desprezo dos ignorantes. (AECS, 2000, p. 63)

(49) O medo da morte **é capaz** de levar as pessoas a ficar vegetando em suas casas, sem experimentar um pouco o sabor da aventura. (AECS, 2000, p. 98)

No exemplo (48), o verbo *poder* indica a capacidade de despertar a admiração dos mais entendidos e o desprezo dos ignorantes que a velhice consegue ter. Já no exemplo (49), a capacidade expressa pela locução predicativa *ser capaz* relaciona-se ao *medo da morte*, que consegue deixar as pessoas presas em suas casas.

A modalidade com menor frequência de ocorrências na obra em questão foi a volitiva, com um total de 11 ocorrências em toda a obra, a maior parte orientada para o evento, como mostram os exemplos:



(50) Sim, na terceira idade, é **desejável** e necessário que os idosos se mantenham ativos fisicamente. (AECS, 2000, p. 76)

(51) **Quer-se** muito a beleza física, esquece-se da beleza da alma. (AECS, 2000, p. 89)

No exemplo (50), a oração predicativa *ser desejável* se relaciona ao evento *manter-se ativo fisicamente*. Já no exemplo (51), o verbo modal *querer* incide sobre o evento *beleza física*. Em ambos os casos, o desejo não é atribuído a nenhum participante específico, mas a toda uma sociedade.

A modalidade volitiva orientada para o participante apareceu em 4 ocorrências. Como exemplos, temos:

(52) **Gostaria de** lhe fazer acreditar que você não está no fim da vida, ninguém sabe quando será o fim da vida, a sua vida pode, ainda durar mais do que a vida de muitas pessoas na fase da juventude. (AECS, 2000, p. 114)

(53) **Quero** lhe dar o seguinte conselho: caminhe. Caminhe todos os dias. (AECS, 2000, p. 87)

Em ambos os enunciados, os verbos volitivos *gostar* e *querer* estão orientados para o participante, que, no caso, é o enunciador de primeira pessoa.

#### 4. Relação entre modalidade deôntica e formas verbais imperativas

A análise dos dados chamou nossa atenção para a alta frequência de modalizadores deônticos identificados no corpus, os quais apareceram em 149 ocorrências de um total geral de 365 ocorrências identificadas nas três obras. Como já apontamos, a modalidade deôntica está relacionada a obrigações e instruções que devem ser cumpridas pelo idoso ou pelas pessoas que a ele se relacionam na sociedade (filhos, netos, cuidadores, etc.).

A alta frequência da modalidade deôntica fez-nos atentar para outro tipo de forma de expressão de ordens e obrigações também frequente no corpus, a forma verbal imperativa.

Tradicionalmente, o modo imperativo caracteriza uma modalidade de frase e está associado à imposição de obrigações por meio de ordens ou instruções que alguém deve cumprir. Assim, podemos observar que, nos dados analisados, nos casos em que a obrigação não veio expressa por meio de modalizadores deônticos, ela se deu de forma direta, por meio do próprio imperativo.

Segundo Palmer (1986), o modo imperativo deve ser usado por alguém que ocupe um posto de total autoridade em relação ao seu enunciatário, caso contrário, pode haver questionamento da ordem contida na proposição por parte da pessoa a quem a ordem se destina. No caso do discurso da autoajuda, a posição de autoridade assumida pelo enunciador dessas obras justifica a frequente ocorrência de enunciados no modo imperativo, pois, retomando a afirmação de Cortina (2007), o enunciador da autoajuda é um sujeito detentor de determinado saber cuja função é transmitir tal sabedoria ao enunciatário, que é o sujeito que se encontra em falta com esse saber.

Fazendo uma análise das 3 obras que integram o *cópus* da nossa pesquisa, identificamos 176 ocorrências de enunciados imperativos, considerando-se apenas as formas verbais de imperativo afirmativo ou negativo, como ilustram, respectivamente, os exemplos a seguir:

(54) **Veja** os órgãos que estão a seu favor, sustentando sua vida, fazendo você se movimentar (...) (STI, 2012, p. 21)

(55) **Não espere** sua saúde chegar a um ponto crítico para começar a cuidar de si mesmo. (AECS, 2000, p. 52)

Considerando o próprio número de ocorrências da modalidade deôntica como referência (149), observamos que o número de enunciados imperativos é bastante significativo e serve para reforçar o caráter autoritário dessas obras, seja com relação ao próprio idoso, seja com relação às pessoas que com ele convivem.

Dessa forma, consideramos que as ocorrências de verbos no modo imperativo, associadas ao emprego da modalidade deôntica, servem como uma espécie de reforço do teor de orientação, ordem, aconselhamento, instrução que as obras de autoajuda voltadas para a terceira idade apresentam.

No próximo capítulo, faremos uma análise do *ethos* de cada obra da pesquisa considerando, para tanto, a análise da modalidade que apresentamos neste capítulo e outros fatores como as imagens presentes nas capas das obras e o léxico empregado na referência à pessoa idosa.

## **CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DO *ETHOS* DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA A TERCEIRA IDADE.**

Neste capítulo, analisamos o *ethos* das obras componentes do *cópus* desta pesquisa, com ênfase na identificação dos tons presentes nessas obras. Para tanto, inicialmente, consideramos os resultados obtidos com a análise desenvolvida no capítulo anterior sobre os itens lexicais modais. Em seguida, tratamos de outros aspectos que nos auxiliam a analisar o *ethos* das obras do *cópus*. Assim, analisamos as capas de duas dessas obras, isto é, *Envelhecer e ser feliz* e *Os segredos da terceira idade*, com o intuito de verificar se o mesmo tom assumido pelo sujeito enunciador (maior ou menor seriedade) na construção do discurso se combina com o tom que pode ser identificado na capa das obras. Cabe observarmos que nossa análise contemplará apenas as capas de duas obras, pois, em virtude da falta de elementos significativos para a análise, não julgamos relevante analisar a capa da obra *A arte de envelhecer com sabedoria*.

Além disso, analisamos alguns enunciados presentes nos três livros que compõem a pesquisa, de modo a verificar como o tom conferido pelas modalidades predominantes nas obras se articula aos temas abordados.

Ao final do capítulo, tratamos da ocorrência de dois elementos lexicais recorrentes em todas as obras, os vocábulos *velho* e *idoso*. Decidimos observar o emprego desses elementos lexicais como uma forma de avaliar a imagem que o sujeito enunciador do discurso de autoajuda tem do público a que se destina o discurso em análise, isto é, o público idoso, o que também nos permite avaliar a imagem desse sujeito enunciador. Dito de outra forma: o modo como o sujeito enunciador se refere ao público alvo de seu discurso pode revelar tanto a imagem do objeto a que se refere quanto a imagem de si mesmo.

### **1. Análise do *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade: modalidades e tons**

#### **1.1. Análise da obra *Envelhecer e ser feliz***

Conforme apresentado no capítulo anterior, na obra *Envelhecer e ser feliz*, predomina a expressão da modalidade deôntica, com enunciados que carregam um valor predominante de obrigação, como mostra o exemplo a seguir:

(1) Você **deve** praticar algum tipo de exercício físico, seja uma simples caminhada ou um treino de karatê, a depender do seu estado de saúde. Faça o que seu corpo aguentar, mas mantenha-se ativo.(ESF, 2001, p.14)

A predominância dos modais deônticos confere ao discurso um tom de maior autoridade, que é reforçado ainda mais pela alta frequência de modais deônticos expressivos de obrigação, por meio dos quais o falante instaura uma obrigação que deve ser cumprida pelo sujeito a quem o discurso se dirige.

A modalidade epistêmica também foi bastante frequente nos dados. Considerando que tal modalidade pode ser colocada em um *continuum* que vai desde um maior grau de incerteza até a certeza absoluta por parte do falante, verificamos que, na obra analisada, os elementos epistêmicos que predominam são os indicativos de certeza por parte do enunciador, com 37 ocorrências de um total de 54. Destacamos, em especial, o advérbio *realmente*, que ocorre no texto com frequência significativa, totalizando um total de 14 aparições, como mostra o seguinte exemplo:

(2) É **realmente** visível a admiração que a velhice impõe, você já reparou que quanto mais velha a pessoa, mais admirada ela é? (ESF, 2001, p.43)

A expressão da dúvida ou incerteza por parte do enunciador foi identificada em 17 ocorrências como se pode observar no seguinte exemplo:

(3) Em alguns momentos, **é possível** que você se sinta triste, achando que já viveu tudo o que tinha para viver (...). (ESF, 2001, p.33)

Esses dados nos mostram que o enunciador dessa obra procura não deixar margem para dúvida em relação ao conteúdo que enuncia, mostrando-se um sujeito bastante seguro de seu discurso.

As modalidades facultativa e volitiva, como já dito, são as que aparecem com menor frequência nessa obra. No caso da modalidade facultativa, a maioria das ocorrências mostra que a expressão da capacidade ou habilidade é atribuída ao participante que, no caso dessa obra, é, na maior parte das vezes, o próprio idoso, já que das 23 ocorrências de modais facultativos orientados para o participante, 15 tinham como sujeito a pessoa idosa, como mostra o exemplo a seguir:

(4) Se a pessoa velha não tiver nenhum problema de saúde que demande cuidados o tempo todo, **é capaz** de viver sozinha, sem precisar morar com os filhos. (ESF, 2001, p.41)

No exemplo 4, a pessoa idosa é colocada como um sujeito capaz de morar sozinho, caso não haja nenhum fator relacionado que impeça tal situação.

A modalidade facultativa orientada, majoritariamente, para o participante, que é, nessa obra, na maior parte das vezes, o idoso, indica que, segundo o discurso de autojanda para a terceira idade, a pessoa mais velha ainda tem capacidade de realização de diversas ações, que ela não é um ser incapaz como dita o senso comum.

Já no exemplo abaixo, relativo à modalidade volitiva, a expressão dessa modalidade diz respeito a um desejo da sociedade como um todo e não um desejo específico do idoso. Com o emprego do verbo na primeira pessoa do plural, o sujeito enunciador está entre as pessoas que desejam que a velhice seja a época do descanso.

(5) **Esperamos** que **a velhice seja a época do merecido descanso**, mas para que esse descanso venha acompanhado de paz e alegria, é necessário que se adube o terreno na juventude, para que se colha os frutos ao envelhecer. Referencia do exemplo

O tom autoritário dessa obra, ligado ao predomínio da modalidade deôntica, é reforçado pelo grande número de ocorrências de verbos no modo imperativo. Enquanto os modais deônticos apareceram 83 vezes em toda a obra, nesse livro, encontramos 63 ocorrências de enunciados com verbos no imperativo, com predomínio do imperativo afirmativo, direcionado não só para o idoso, mas para a sociedade como um todo, já que em 39 das 63 ocorrências de imperativo, o verbo está empregado na primeira pessoa do plural, o que inclui o sujeito enunciador entre as pessoas sobre as quais recai a ordem expressa:

(6) **Respeitemos** os direitos dos mais velhos, pois um dia seremos nós que precisaremos que respeitem nossos direitos (ESF, 2001, p. 44)

Essas ocorrências de imperativo, associadas ao emprego predominante da modalidade deôntica, reforçam o teor de orientação, ordem ou instrução que a obra, muitas vezes, apresenta.

Dadas essas ocorrências, podemos afirmar que o *ethos* do fiador desse livro é o de um sujeito que assume uma postura de maior autoridade com relação aos seus enunciados, autoridade marcada tanto pela modalidade deôntica como pelo emprego frequente do

imperativo. Mesmo nos casos de emprego da modalidade epistêmica, o que predomina são as formas que indicam certeza, o que reforça a tese de Brunelli (2004) de que o sujeito enunciador do discurso de autoajuda é um homem seguro de si, demonstrando essa segurança por meio do modo como constrói seus enunciados.

Podemos afirmar ainda que uso da modalidade epistêmica indicativa de certeza reforça a credibilidade do discurso de autoajuda, que é apresentado como uma espécie de sabedoria incontestável, isto é, como um assunto sobre o qual o sujeito enunciador tem absoluta certeza. Trata-se, assim, de um sujeito enunciador que ocupa a posição de um sujeito de saber, sujeito que parece entender muito bem sobre o objeto de que trata, que é, na maior parte das vezes, a própria velhice, como mostra o exemplo:

(7) **É certo** que nem sempre a velhice é acompanhada, ao contrário disso, muitas vezes é solitária e marginalizada. (ESF, 2001, p. 61)

Assim, podemos afirmar que, de modo geral, nessa obra, há o *ethos* de um fiador autoritário e confiante em relação ao modo de enunciar seu discurso.

## 1.2. Análise da obra *Os segredos da terceira idade*

Como verificamos, nessa obra, há o predomínio de modais epistêmicos, seguidos dos facultativos, deônticos e volitivos, em pequena quantidade, já que essa foi a obra que apresentou o menor número de ocorrências de modalizadores.

Tratando especificamente dos epistêmicos, a maior ocorrência foi de indicativos de dúvida (9 casos), que se referem a algum tipo de incerteza ou de probabilidade de ocorrência de determinado evento. Vejamos os seguintes enunciados:

(8) Caminhe todos os dias. **Pode** ser sacrificante inicialmente, mas os resultados são fantásticos. (STI, 2012, p. 17)

(9) **Talvez** você deseje ser melhor do que é, possuir mais vitalidade (...). (STI, 2012, p. 25)

A maior frequência de ocorrência de modalizadores indicativos de dúvida, nessa obra, contrasta com os enunciados das obras de autoajuda voltadas ao sucesso financeiro e profissional, analisadas por Brunelli (2004), já que a autora constatou, nessas obras, o

predomínio de enunciados assertivos, sem nenhum tipo de modal epistêmico, de modo que as afirmações dos enunciados fossem entendidas como verdades inquestionáveis.

No entanto, apesar de indicarem probabilidade, sua presença não descaracteriza o tom autoritário próprio ao discurso de autoajuda. A esse respeito, vale lembrarmos que se trata de uma obra de autoajuda, que, conforme descreve Rüdger (1996), serve como um amparo ao sujeito que está enfrentando algum tipo de problema, incluindo problemas relacionados à própria identidade.

Quanto à orientação da modalidade, de modo geral, o predomínio é de orientação para o evento, principalmente nos casos de modalidade epistêmica. No caso em que a modalidade volta-se para o participante, como ocorre nas ocorrências de modalidade facultativa, o participante é, majoritariamente, o próprio idoso, como mostra o exemplo a seguir, em que o idoso é colocado como um sujeito capaz de tornar suas noites de sábado tão alegres quanto eram no passado:

(10) Você **pode** tornar suas noites de sábado tão divertidas quanto eram na sua juventude, há inúmeros bailes destinados ao público idoso em grande parte das cidades do país. (STI, 2012, p.27)

Nessa obra, assim como na anterior, o fato de o próprio idoso ser enunciado como o participante mais frequente da modalidade facultativa pode ser considerado como uma tentativa do discurso de autoajuda de destacar as capacidades dos idosos, que não devem ser vistos como pessoas menos capacitadas apenas por conta da idade. Assim, podemos entender os casos de modalidade facultativa orientada para o idoso como uma forma de o discurso de autoajuda romper com os estereótipos negativos relacionados à velhice.

Também nos casos de modalidade deôntica, em que predomina a orientação voltada para o participante, as recomendações, ordens ou conselhos que representam a modalidade deôntica dirigem-se todas ao próprio idoso, como podemos notar no seguinte exemplo:

(11) Você **deve** agradecer por ter tido o privilégio de viver tantos anos, esse é o sonho de quase todo mundo. (STI, 2012, p. 22)

Ainda que a modalidade deôntica esteja entre as modalidades menos frequentes, não podemos afirmar que o fiador abra mão de enunciados que confirmam mais autoridade ao seu discurso, pois os enunciados deonticamente modalizados são reforçados pela presença de vários enunciados no modo imperativo no texto, tais como:

(12) **Concorde** carinhosamente com esses companheiros e companheiras que, de fato, há algumas peças um tanto gastas, que rangem doloridamente. (STI, 2012, p. 20)

(13) **Respeite** os vinagres da vida, mas **prefira** os bons vinhos enriquecidos pela idade. (STI, 2012, p. 21)

Por se tratar de obras de autoajuda, esses enunciados são mesmo esperados nesse discurso. Retomando as considerações de Rüdger (1996), vale lembrarmos que essas obras se colocam à sociedade como uma espécie de manual sobre o que deve ser feito para que as pessoas tenham uma vida melhor, com mais felicidade, daí o emprego dos imperativos.

Assim, a análise da modalidade dessa obra parece indicar que esse livro se distancia das outras obras do *cópus*, já que nela predomina a modalidade epistêmica indicativa de probabilidade. No entanto, a alta ocorrência de enunciados com o verbo na forma imperativa, somando um total de 15 enunciados, imprime à obra o mesmo tom autoritário encontrado nas outras obras do *cópus*, pois, o número de verbos na forma imperativa, nesse livro, é maior do que a número de modais deônticos (5 verbos), facultativos (8 verbos), volitivos (3 verbos) e até mesmo epistêmicos (12 verbos).

Assim, podemos afirmar que o *ethos* dessa obra é o de um sujeito que também assume uma postura autoritária em relação ao que enuncia, mas que acaba por ter o tom autoritário atenuado pelo frequente emprego de modais epistêmicos indicativos de incerteza. Por se tratar de obras de autoajuda, no entanto, não é possível dizer que os modais indicativos de dúvida se relacionem ao *ethos* de um sujeito inseguro acerca de seu discurso. Podemos pensar que os vocábulos expressivos de incerteza poderiam ser uma estratégia usada pelo enunciador para criar maior proximidade com o leitor, eufemizando a posição de “dono da verdade” que normalmente está associada a esse tipo de enunciador.

### 1.3. Análise da obra *A arte de envelhecer com sabedoria*

Do mesmo modo como ocorre no livro *Envelhecer e ser feliz*, os modais que ocorrem com maior frequência na obra *A arte de envelhecer com sabedoria* são os deônticos. Desse modo, podemos observar que, nessa obra, o tom autoritário também predomina, como mostra o exemplo a seguir, em que a modalização deôntica está marcada por meio do verbo *precisar*:



(14) Os idosos **precisam** procurar meios de minimizar o esquecimento. (AECS, 2012, p. 48)

Já a segunda modalidade mais frequente nessa obra foi a epistêmica, com predomínio de modais epistêmicos relacionados à atitude de certeza por parte do fiador, como *realmente*, *é certo*, *certamente*. Entre os modais identificados, destacamos o frequente emprego da locução adjetiva *é certo que*, como no exemplo:

(15) **É certo que** o corpo perde velocidade com o a chegada da velhice, mas é ainda mais certo que a mente ganha cada vez mais histórias incríveis para contar (AECS, 2000, p. 55)

O fato de os modalizadores epistêmicos mais utilizados nessa obra serem os indicativos de certeza reforça a imagem de um fiador seguro das afirmações que profere, o que é esperado do sujeito enunciador do discurso de autoajuda, que, como dissemos, serve ao propósito de transmitir um saber.

O terceiro tipo de modal mais frequente na obra, como vimos no capítulo anterior, foi o facultativo, com a expressão da capacidade ou habilidade relacionada, predominantemente, à pessoa idosa, como mostra o exemplo:

(16) O idoso aposentado ainda **pode** namorar, ter suas paqueras, a medicina atual permite que nossa vida sua vida sexual se estenda por tempo (AECS, 200, p. 22)

O predomínio da modalidade deôntica, seguida pela alta frequência da modalidade epistêmica, sugere um fiador bastante seguro do que enuncia e que assume, assim como na obra *Envelhecer e ser feliz*, um tom de autoridade em seu discurso. Esse tom autoritário é reforçado pelo grande número de ocorrências do modo imperativo, que somam um total de 98 ocorrências. A esse respeito, notamos que esse livro é o que conta com o maior número de ocorrências de verbos na forma imperativa.

A postura segura do fiador do discurso é reforçada pelo emprego frequente de modais epistêmicos indicadores de certeza. Assim, é possível verificarmos que o sujeito enunciador dessa obra se coloca com um sujeito detentor de um saber inquestionável, reforçando a característica típica do fiador do discurso de autoajuda.<sup>20</sup>

Assim como acontece nas obras anteriores, no livro *A arte de envelhecer com sabedoria*, o tipo modal menos frequente é o volitivo, com expressão de desejo mais

---

<sup>20</sup> Cf. Brunelli( 2004).

frequente por parte do enunciador, que expressa, em seus enunciados, algum desejo relacionado à pessoa idosa, como acontece no seguinte exemplo:

(17) **Espero** que você entenda que a felicidade não está associada à juventude, ela está associada ao bem-estar, à satisfação das conquistas pessoais (...). (AECS, 2000, p.54).

Quanto à orientação da modalidade, nessa obra, há praticamente um equilíbrio entre ocorrências de modalidade orientadas para o participante (68 casos) e ocorrências de modalidade orientadas para o evento (67 casos), o que indica que o objeto do discurso do enunciador dessa obra é tanto o idoso e as pessoas que com ele convivem, quanto questões como velhice, saúde, doença, aposentadoria, etc.

Nos casos de orientação para o participante, de maneira geral, é o idoso que aparece, na maior parte das vezes, como o sujeito para qual a modalidade se direciona como acontece no exemplo a seguir, representativo da modalidade facultativa:

(18) Pare de reclamar, você tem, dentro de si, a total **capacidade** de ser feliz, agradeça aos anjos pela vida longa que eles te proporcionaram. (AECS, 2000, p.75)

A orientação da modalidade facultativa incidindo sobre o próprio idoso sugere a imagem de um fiador que procura expor, ao longo da obra, a capacidade do idoso de realizar atividades que o façam feliz.

No caso da orientação para o evento, mais frequente nas modalidades epistêmica e volitiva, o evento foi representado por ações que caracterizam a terceira idade, como mostra o exemplo a seguir, representativo da modalidade volitiva:

(19) **É esperado que** a velhice traga toda a paz espiritual que o homem não consegue alcançar na juventude, ou porque não quer, ou porque as questões de trabalho não deixam. (AECS, 2000, p. 87)

Diante do exposto, identificamos, na obra em análise, o *ethos* de um sujeito enunciador autoritário. O fato de a modalidade epistêmica, principalmente a indicativa de certeza, constituir o segundo tipo mais frequente de modalidade faz com que o *ethos* desse sujeito tenha a segurança como uma característica bastante evidenciada.

## 2. Análise do *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade: capas, temas e léxico

Na primeira parte deste capítulo, verificamos que, de um modo geral, predominam, no discurso de autoajuda para a terceira idade, o tom autoritário e o tom de certeza, indicando uma postura de segurança por parte do sujeito enunciatador desse discurso.

Na obra *Envelhecer e ser feliz*, o tom sério, presente especialmente nos enunciados deonticamente modalizados, também se encontra nos enunciados que tratam de temas considerados sérios, por assim dizer, tais como saúde, aposentadoria, descaso e morte, conforme podemos observar nos exemplos a seguir:

(20) No velho, as doenças psicossomáticas são mais comuns porque ele, com as forças reduzidas, apesar de sua experiência de vida, está mais sujeito a não racionalizar seus problemas psicológicos do que uma pessoa mais moça, com maior grau de resistência. (ESF, 2001, p. 19)

(21) Ninguém tem paciência com os idosos, ouvi-los falar é tedioso para muitos. Esperá-los subir no ônibus é um sacrifício para motoristas insensíveis, que dão partida sem se importar se vão jogá-los no chão. (ESF, 2001, p. 25)

(22) O aposentado não recebe o merecido amparo oficial que lhe é devido pelo governo; e com a perda do poder aquisitivo dos seus proventos, cada dia mais defasados, logo vê-se obrigado a procurar um emprego - que dificilmente encontra, por ser discriminado pela idade em nosso preconceituoso mercado de trabalho. (ESF, 2001, p. 37)

(23) A morte e a existência de deus são dois temas que mais ocupam as divagações e as reflexões dos velhos. O mundo teve começo e terá fim? O que acontecerá conosco depois da morte? (ESF, 2001, p. 53)

O primeiro enunciado trata da maior vulnerabilidade do idoso de sofrer com doenças psicossomáticas, por causa de sua dificuldade em controlar seus conflitos psicológicos. A ocorrência (21), por sua vez, trata do descaso social sofrido pelos idosos, relacionado, principalmente, à falta de paciência da sociedade para com as pessoas pertencentes a esse grupo. Já a ocorrência (22) aborda o descaso do governo pelo idoso e o preconceito social sofrido por ele na tentativa de ingressar no mercado de trabalho. A citação (23) trata sobre a reflexão acerca do que ocorre após a morte.

Em alguns enunciados dessa obra, podemos observar até mesmo certo tom agressivo por parte do fiador, como é o caso do seguinte enunciado:

(24) O gênio irascível de certos velhos não poucas vezes é o responsável pelo isolamento em que os coloca sua própria família. Retribuem o carinho e a assistência que recebem com agressões injustificadas e insuportáveis (...). Esta espécie de idoso insiste em não admitir que sua energia está se exaurindo, num processo de desgaste natural, e se rebela contra tudo e contra todos, atribuindo-lhes a causa de seus males. (ESF, 2001, p. 29)

O enunciado acima discorre sobre a personalidade difícil e agressiva de alguns idosos que os coloca em situação de isolamento social; o emprego de adjetivos como *irascível* e *insuportável* imprimem um tom um pouco mais “seco” ao discurso. Contudo, esse tipo de enunciado é pouco frequente na obra em questão.

Em relação a outros tons, notamos que, embora não seja predominante, há, na obra, enunciados marcados por um tom de bom humor. Vejamos alguns exemplos:

(25) Bendito seja o comprimido azul, que veio para salvar a vida sexual do idoso, fazendo-o perceber que todo aquele “poder” da juventude ainda está dentro si e, agora, ainda melhor, pois esse poder está aliado à experiência. (ESF, 2001, p. 61)

(26) A morte não deve assustar o idoso. Aquela figura estranha com uma foice na mão pode aparecer para qualquer um, não precisa ser velho para receber uma visita dela. (ESF, 2001, p. 78)

No enunciado (25), o tom de bom humor se faz presente por meio da expressão *bendito seja* relacionada ao Viagra, medicamento usado para estimular o apetite sexual, e por meio do uso das aspas na palavra *poder*, que remete, de uma maneira bem-humorada, ao desejo sexual do idoso. Já o exemplo (26) cita a figura que representa, popularmente, a morte: uma figura sem rosto, que veste preto e segura uma foice em sua mão. Essa menção a essa figura popular imprime, ao enunciado, um tom menos sério e menos formal. Apesar disso, conforme já dissemos, predomina na obra *Envelhecer e ser feliz* o tom sério ligado ao caráter autoritário do sujeito enunciativo de saber do discurso de autoajuda. Se retomarmos os números dos subtipos da modalidade deôntica, vemos que 47 dos 83 casos de modais deônticos são indicativos de obrigação, com predomínio do uso do verbo *dever*. Isso reforça ainda mais o tom de autoridade presente nessas obras, já que o enunciativo utiliza-se dos modais deônticos para, principalmente, dar ordens aos seus interlocutores.

De fato, podemos encontrar essa imagem de autoridade na própria capa da obra em questão. Vejamos:



Figura 2: Capa da obra *Envelhecer e ser feliz* (COELHO, 2001)

Como podemos perceber pela imagem de capa da obra *Envelhecer e ser feliz*, há a presença de apenas três cores em toda a ilustração: branca, preta e vermelha. As cores branca e preta são as cores que predominam na capa e conferem à imagem um aspecto sério, pouco chamativo. No entanto, a cor vermelha também ocupa um lugar de destaque na imagem, já que aparece dentro de uma imagem geométrica de tamanho significativo, na qual está inserido o título do livro. Desse modo, a presença da cor vermelha parece quebrar a monotonia da imagem em preto e branco, fazendo com que o título da obra ganhe destaque.

A imagem (ou meia imagem) do homem na capa é a do próprio autor, Saldanha Coelho, que aparece com uma expressão de seriedade e vestindo uma camisa social de cor branca, em concordância com a cor branca bastante destacada na imagem. Sua expressão facial é de seriedade; sua boca encontra-se um tanto quanto aberta e seu olhar direciona-se para baixo. O fato de o autor deixar exposto somente um lado de seu rosto, faz com que sua imagem ganhe um ar de mistério que é reforçado pela sombra que esconde o outro lado de seu rosto.

Esse jogo de luz e sombras, que recobre a figura do autor, salienta as linhas de expressão contidas em sua testa e abaixo de seus olhos, o que confere ao sujeito a aparência de pessoa vivida e experiente, fatores primordiais para um sujeito enunciativo do discurso de autoajuda. A esse respeito, vale lembrarmos que o sujeito enunciativo desse discurso é um

sujeito de saber que tem a função de passar sua “sabedoria” para o leitor carente de orientações.

No título da obra, o adjetivo *feliz* aparece em tamanho maior do que as outras palavras, ocupando uma posição de destaque. Esse fato pode estar relacionado com o próprio propósito do discurso de autoajuda, isto é, de orientar os sujeitos para que tenham uma vida melhor.<sup>21</sup> Ainda que essa palavra esteja relacionada a um discurso mais otimista, sua presença não altera o tom sóbrio, sério dessa capa.

Do nosso ponto de vista, esse tom está perfeitamente de acordo com o tom do discurso, apreendido por meio da análise da modalidade, que demonstrou o predomínio de enunciados ordenativos na obra em questão. Esse tom sério é, inclusive, mencionado no próprio texto da contracapa do livro, em que se pode ler, como já mencionamos no primeiro capítulo desta pesquisa, a seguinte afirmação: “não se trata de um típico livro de autoajuda, mas de uma série de reflexões sérias, apesar de muitas vezes leves e bem humoradas (...)”. Por meio desse enunciado, que constitui uma ocorrência de *ethos* dito, podemos dizer que o sujeito enunciadador desse livro deverá prezar pela seriedade na construção de seu discurso, apesar da possibilidade de haver também em seu discurso algumas nuances cômicas.

A seguir, apresentamos a imagem da capa do livro *Os segredos da terceira idade*, que também consideraremos a análise do *ethos*. Vejamos:

---

<sup>21</sup> Cf. as considerações de Sobral (2007) a respeito do assunto, no capítulo 1.



Figura 3: capa da obra *Os segredos da terceira idade* (TREVISAN, 2012)

Como se pode observar, a capa do livro tem um tom bastante alegre, a começar pela cor verde, que predomina na imagem, de uma tonalidade bastante viva e alegre. O estilo da fonte do título é também bastante descontraído e, assim como ocorre com a citação presente abaixo do título, faz lembrar um estilo de fonte escrito à mão, fato comprovado pela assinatura do autor logo abaixo da citação.

Na parte superior da capa, ao lado esquerdo, encontra-se um pedaço de papel preso por um clipe, fazendo lembrar uma espécie de anotação ou de lembrete, que também remete a uma situação de informalidade, já que o papel usado na anotação parece ser um pedaço rasgado de uma folha de caderno. A cor azul que aparece ao lado esquerdo da capa também reforça o aspecto de informalidade conferido pela cor verde, pois se trata de uma mescla de dois tons de azul, um mais claro e um mais escuro que fazem lembrar um tipo de tecido *jeans*, vestimenta que está, normalmente, associada a situações de informalidade.

Também é possível pensar que a tonalidade azul faz alusão a uma folha de papel de caderno, já que preenche uma figura cuja parte superior parece estar dobrada. O tom descontraído da capa também está presente até mesmo no estilo da fonte do nome da editora, que aparece no canto inferior direito da capa.

Um fator que nos chama bastante a atenção no livro é o fato de ele conter uma espiral como forma de junção de suas páginas. O uso desse elemento faz com que o livro lembre um caderno. As figuras presentes na capa, como o pedaço de papel preso pelo clipe e a citação do autor da obra entre aspas seguida de sua assinatura fazem com esse caderno possa ser entendido como uma espécie de um diário pessoal, um caderno de anotações. Essa imagem que nos faz lembrar um diário de anotações pessoais é reforçada pelo próprio título da obra *Os segredos da terceira idade*. Esse título sugere que, dentro do livro, estão contidos todos os segredos que se fazem presentes nessa fase da vida.

A imagem semelhante a um diário é reforçada no interior da obra por meio de elementos como a moldura verde e trabalhada que envolve as páginas, o estilo de fonte dos títulos dos capítulos, que se assemelha ao estilo de fonte do título da obra, a cor verde desses títulos, e o círculo verde “emoldurado” no qual estão inseridos os números das páginas do livro. Vejamos:



Figura 4: interior da obra *Os segredos da terceira idade*

Diante do exposto, podemos dizer que, na obra em questão, constrói-se a cenografia de um diário, considerando-se, especialmente, seu projeto gráfico. Na verdade, os títulos dos



capítulos, que lembram anotações e/ou comentários pessoais, também colaboram para a instauração dessa cenografia.

Nos títulos, notamos, inclusive, um tom mais otimista, relativo a uma visão mais positiva da terceira idade: *Que idade mais linda; Não tenho saudade, tenho velhice; Dos prazeres da velhice; Velhice não é velhice, é juventude melhorada; Que vitalidade!*. Como podemos notar, trata-se de títulos que sempre remetem a um sentimento de alto astral e que servem para reforçar a autoestima das pessoas idosas, utilizando-se, para isso, de palavras de conotações positivas como *linda, prazeres, melhorada, vitalidade*, etc. No entanto, encontramos também enunciados que fazem referência a aspectos negativos da velhice, como podemos observar pelo exemplo:

(27) Pelo amor de Deus, não faça como aqueles idosos que plantaram, batalharam, cuidaram, economizaram, dedicaram imensos esforços durante o crescimento da lavoura e na hora da colheita desprezam tudo, viram as costas aos frutos e vão chorar lamentações nos muros da velhice mal-imaginada. (STI, 2012, p. 19)

No enunciado acima, o enunciador faz referência aos idosos que não aceitam a velhice, colocando-os como exemplos a não serem seguidos. No entanto, mesmo nesse discurso referente aos defeitos de determinados idosos, notamos um tom descontraído obtido por meio da expressão *pelo amor de Deus*, que inicia a frase.

Esse tom de descontração relativo à cenografia do diário também está presente na maior parte dos enunciados contidos no interior da obra, como podemos observar nos exemplos seguintes:

(28) Já viu algum jovem, ou quarentão, parar diante de um cachorrinho que está ladrando feliz, ou fazer um agrado para a criança que está naquele carrinho conduzido pela mãe? Reconheço que já vi, não quero ser exagerado. Mas muitos não conseguem, não têm tempo. (STI, 2012, p. 8)

(29) Você, que beleza! – está cercado daquilo que gosta, ao passo que os outros se veem normalmente cercados daquilo que os obriga. (STI, 2012, p. 8)

No primeiro enunciado, notamos o tom de descontração, já no início da frase, por meio do uso da expressão *quarentão*. Normalmente, essa expressão é usada em contextos informais; logo, seu emprego nesse enunciado confere ao discurso um tom mais informal. O enunciado seguinte rompe com as expectativas da pergunta contida no enunciado anterior. O fato de o enunciador reconhecer seu próprio exagero também confere um tom de

informalidade ao discurso, já que não esperamos de um discurso autoritário que ele se corrija a si mesmo. No segundo enunciado, o tom de informalidade fica por conta da expressão *que beleza*.

No entanto, há muitos enunciados sem qualquer marca de informalidade; observemos alguns exemplos:

(30) O cérebro continua a se desenvolver vitalmente em qualquer idade, desde que estimulado por atitudes que representem novidade ou desafio. (STI, 2012, p. 16)

(31) A mentalização tem importância em todas as idades pelo fato de que pensamentos e desejos interiorizados chegam ao subconsciente, abrindo caminho para a realização efetiva do conteúdo meditado. (STI, 2012, p. 26)

Ainda que esses enunciados mais formais apareçam no decorrer do texto, como já mencionamos, na obra em questão, ocorre o predomínio de enunciados com um tom menos formal. Desse modo, podemos afirmar que o *ethos* do fiador dessa obra é o de um sujeito descontraído, que tenta se afastar de uma postura mais formal. Essa atitude pode justificar o frequente emprego, por parte do enunciador, de modais epistêmicos indicativos de probabilidade, especialmente porque esses modais imprimem ao discurso um tom um pouco menos autoritário.

Na obra *A arte de envelhecer com sabedoria*, apesar do predomínio da modalidade deôntica, que confere um tom mais autoritário à obra, não notamos, em nenhum enunciado, um tom mais agressivo, mesmo quando o assunto está relacionado às características negativas do idoso, como ocorre no enunciado seguinte:

(32) Há dois tipos de idosos. Os que cuidam e os que não cuidam da saúde. Os primeiro são cordatos, lúcidos, têm consciência mais profunda dos problemas de sua idade e resistem mais às pressões e depressões do mundo paralelo em que vivem. Os outros, ao contrário são agressivos e intolerantes e vivem em conflito permanente com aqueles que o cercam. (AECS, 2000, p. 32)

Nesse enunciado, ainda que o enunciador trate dos defeitos dos idosos que não cuidam da própria saúde, não podemos afirmar que os adjetivos *agressivos* e *intolerantes* imprimam ao discurso um tom menos cordial, diferentemente do que ocorre com os adjetivos *irascível* e *insuportável*, empregados na obra *Envelhecer e ser feliz* para fazer referência à personalidade do idoso que não aceita a velhice.

Há também algumas citações de caráter romântico, como é o caso da citação que acompanha o capítulo *Os amores da vida*: “Amores que vem e que vão, foram escritos no coração e na alma” (MONTEVERDE, 1895 apud GRINBERG, 2000). No entanto, ainda que o uso dessas citações confirmam ao discurso um tom um pouco mais descontraído, o tom sério e formal é o que predomina na obra.

Além disso, notamos que, nessa obra, há poucos enunciados de tom cômico ou descontraído. Pelo contrário, predominam enunciados de tom bastante formal, como ocorre nos exemplos a seguir:

(33) Os idosos também são atingidos pela frustração - privados da satisfação de um desejo ou de uma necessidade - pelo ciúme, pelo desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, ou mesmo pela rivalidade ou inveja, remorso ou raiva destruidora. (AECS, 2000, p.21)

(34) É individualizada a maneira como os idosos enfrentam o problema da dor. Quando o cérebro está trabalhando, a dor tende a diminuir. Surgem várias substâncias naturais do corpo – as endorfinas – a pessoa lida melhor com a dor. (AECS, 2000, p.65)

O tom de formalidade dessa obra é ainda reforçado pelos títulos dos capítulos, o que podemos observar considerando não só o seu conteúdo, mas também a sua forma. Dentre alguns desses títulos, podemos citar *Nenhum ser vivo quer sofrer; Idoso ou Idosa; Velhice: maustratos e abandono; Passado e presente; Esquecimento*.

No entanto, há um elemento que rompe com o tom formal dos enunciados dessa obra: são as citações abaixo do título de cada capítulo. Trata-se de citações de autores reconhecidos, como filósofos, ex-presidentes e escritores reconhecidos. Essas citações conferem um tom mais descontraído ao livro, já que, normalmente, têm um caráter cômico.

Como exemplo, podemos mencionar o caso da citação que acompanha o capítulo denominado *Suicídio*, que trata da vontade de muitos idosos de por fim à própria vida por causa do descaso que sofrem por parte de seus familiares. Abaixo do título, encontra-se a citação *Gostaria de suicidar-me, mas é muito perigoso* (SOFOCLETO, 1926 apud GRINBERG, 2000, p.45), do escritor e humorista peruano Sofocleto. Outra citação do tipo é a de autoria do médico e autor americano Oliver Wendell Holmes; vejamos: *Ser um moço de setenta, é mais agradável e desejável que ser um velho de quarenta*. (HOLMES, 1871 apud GRINBERG, 2000, p.32). Como podemos observar, ambas citações gozam de certo tom humorístico, que acabam por iniciar o capítulo com um tom mais otimista.

## 2.1. O emprego dos vocábulos *velho* e *idoso* no discurso de autoajuda para a terceira idade

Conforme apresentamos na introdução deste capítulo, analisamos, nesta seção, o emprego dos vocábulos *velho* e *idoso* no discurso de autoajuda para a terceira idade, com o intuito de verificar qual a imagem que o sujeito enunciatador desse discurso projeta do idoso e, conseqüentemente, qual a imagem que projeta para si. Assim, estamos considerando que o modo como o sujeito enunciatador do discurso de autoajuda se refere ao seu público alvo revela também uma certa imagem de si. A esse respeito, remetemo-nos a Possenti (1993). Na obra em questão, entre outros aspectos, ao analisar expressões nominais empregadas alternativamente para retomar o mesmo objeto de discurso, o autor observa que essas expressões não cumprem única e exclusivamente função coesiva. Segundo Possenti, essas formas levam também a produção de inferências avaliadoras “tanto sobre o indivíduo de quem se fala quanto sobre o próprio sujeito do discurso” (POSSENTI, 1993, p. 107). Ainda a esse respeito, o autor afirma:

O jogo seletivo de formas alternativas é bem mais do que um simples fato estilístico no sentido de bom gosto, de boa linguagem. Sendo um fato de estilo, esta seleção mostra que o estilo não é apenas um jogo de formulações mais ou menos elegantes ou adequadas em termos de forma de um texto, **mas a demonstração de que a constituição alternativa de um discurso resulta numa representação do locutor, do interlocutor, e implica efeitos de sentido muito diversos**, mas depreensíveis na instância pragmática da enunciação. Fica evidente, além disso, **que não se trata apenas de formas diferentes de dizer a mesma coisa** (POSSENTI, 1993, p. 109; grifo nosso).

Diante do exposto, fizemos o levantamento do emprego de cada vocábulo nas obras do corpus a fim de verificarmos a imagem que o sujeito enunciatador do discurso de autoajuda projeta de si ao se referir ao seu público de uma determinada maneira.

Como foi dito no primeiro capítulo, segundo Silva (2008), o vocábulo *velho*, quando empregado para fazer referência a pessoas de mais idade, tem, muitas vezes, uma conotação negativa, pela sua associação a objetos de grande tempo de existência e de uso. Desse modo, segundo a afirmação do autor, o termo *idoso* deveria ser o vocábulo escolhido para denominar as pessoas da terceira idade, já que tem uma conotação mais positiva.

A análise lexical das palavras utilizadas para fazer referência ao idoso permitiu-nos constatar que, na obra *Envelhecer e ser feliz*, a menção feita às pessoas pertencentes à terceira idade varia frequentemente entre os vocábulos *idoso(s)* e *velho(s)*, assim como ocorre nos exemplos a seguir:

(35) O velho não é um ser descartável, é um ser humano útil. Por isso deve permanecer ativo, exercitando a memória e o físico. (ESF, 2001, p. 51)

(36) No velho, as doenças psicossomáticas são mais comuns porque ele, com as forças reduzidas, apesar de sua experiência de vida, está mais sujeito a não racionalizar seus problemas psicológicos (...). (ESF, 2001, p. 19)

(37) As decisões do idoso não são acatadas pelos jovens, que as questionam com ironia e pouco caso. (ESF, 2001, p. 26)

(38) Existem, também, os idosos que se revoltam contra a própria velhice, não se conformam com a perda gradual de suas concepções sensoriais, rebelam-se contra a redução de seu apetite sexual, sentem-se humilhados por não terem condições de competir com os moços no seu relacionamento social e agredem os parentes mais próximos. (ESF, 2001, p. 29)

Um levantamento da frequência de emprego dessa palavra, no livro em questão, revelou-nos que o total de ocorrências do vocábulo *velho* corresponde à metade do total de ocorrências do vocábulo *idoso*, pois, enquanto a palavra *idoso* foi empregada no texto 34 vezes, o vocábulo *velho* apareceu, em toda a obra, por 16 vezes. No entanto, ainda que o uso da palavra *velho* seja menos frequente do que o uso da palavra *idoso*, esse vocábulo tem significativa presença no livro em questão.

Já na obra *Os segredos da terceira idade*, podemos verificar o predomínio do vocábulo pronominal *idoso* em detrimento do elemento lexical *velho*. Nessa obra, o vocábulo *idoso* apresentou um número total de 11 ocorrências, enquanto o vocábulo *velho* apareceu por 4 vezes em todo o texto. Ainda que o vocábulo *idoso* seja empregado com mais frequência, o vocábulo *velho* também não deixa de aparecer no texto, sendo usado até mesmo no título de um dos capítulos do livro, a saber: *Velho não ama?*. Também é possível constatar sua presença em enunciados da obra como

(39) Os mal-avisados pensam que o **velho** é bananeira que já deu cacho. Nada mais equivocado. (STI, 2012, p. 11)

A palavra *idoso*, no entanto, aparece com mais frequência na obra para fazer referência ao idoso, por meio de exemplos como os que apresentamos a seguir:

(40) O **idoso** está na fase áurea do amor. Ama o seu existir. (STI, 2012, p. 9)

(41) De mais a mais, o **idoso** e a **idosa** sabem que a idade não impõe renúncia das atividades, pois fica-lhes o poder de escolher o que gostam de criar e produzir (STI, 2012, p. 11)

Na obra, *A arte de envelhecer com sabedoria* o vocábulo *velho* é utilizado 12 vezes em todo o livro, enquanto o vocábulo *idoso* aparece 71 vezes, em enunciados como:

(42) Os **idosos** não devem ser ociosos, só em condições que os impeçam de trabalhar. (ASCS, 2000. p. 53)

O fato de o termo *velho* ser empregado em todas as obras de autoajuda analisadas nesta pesquisa pode nos causar uma certa surpresa, já que, como mencionamos esta palavra está, normalmente, associada a discursos que desvalorizam o idoso. Poderíamos pensar na possibilidade de o emprego desse vocábulo estar associado a contextos que tratem das características negativas dos idosos, como ocorre no seguinte enunciado, em que o enunciador faz uma crítica ao idoso que não se adapta a mudanças:

(43) O velho que não aceita que os costumes mudam com o passar do tempo se torna demasiadamente crítico e acaba recebendo, com razão, o apelido de “crico”. (ESF, 2000, p. 76)

No entanto, o uso dessa expressão em enunciados que exaltam as características positivas dos idosos descartam a hipótese mencionada acima. Vejamos alguns exemplos:

(44) Dizem que o índice de desenvolvimento de um país está relacionado ao tamanho de sua população idosa. Se for assim, os velhos devem ser vistos como troféus vivos. (ESF, 2002, p. 67)

(45) O velho é um verdadeiro livro de história, só ele pode contar com detalhes os acontecimentos mais marcantes que ocorreram na história durante o período em que viveu. (ESF, 2012, p. 21)

(46) O velho é uma pessoa que foi abençoada com a vida longa. (STI, 2012, p. 45)

Do mesmo modo, também constatamos o emprego do vocábulo *idoso* em enunciados que tratam de algum aspecto negativo da terceira idade, como ocorre no exemplo (28), em que o enunciador discorre sobre a personalidade difícil dos idosos que não cuidam da própria saúde. Assim, podemos dizer que o vocábulo *velho* não está, necessariamente, sendo empregado como uma forma de desvalorizar o idoso. Nossa hipótese é a de que seu emprego

imprima um tom mais realista ao discurso de autojuda, que não evita esse tipo de referência à pessoa idosa; ao contrário, o discurso faz uso dessa referência sem assumir a conotação negativa normalmente associada ao seu emprego.

## Conclusões

Na análise que desenvolvemos acerca do *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade, identificamos especialmente três tipos de tons: o tom autoritário, o tom sério e o tom de otimismo.

A respeito do tom otimista, vale lembrarmos que, no *cópus* analisado, a modalidade facultativa foi a terceira mais recorrente em número de ocorrências. Na maioria dos casos, ela orienta-se para o participante, que é, majoritariamente, o idoso. Considerando-se que esse tipo de modalidade expressa algum tipo de capacidade, podemos afirmar, então, que o idoso é, segundo o discurso de autoajuda para a terceira idade, uma pessoa capaz de realizar diversas tarefas, o que colabora para a construção do tom otimista do discurso, que está, desse modo, contrariando o estereótipo do idoso como uma pessoa incapaz, débil.

Esse tom otimista cede lugar a um tom mais sério quando o assunto tratado é relativo à saúde ou ao comportamento do idoso. Além disso, a predominância da modalidade deôntica de uma maneira geral nos dados contribui para que o tom eufórico ceda lugar a um tom mais autoritário. Considerando esse tom autoritário, associado a enunciados deonticamente modalizados e ao emprego de verbos no modo imperativo, podemos dizer que o *ethos* desse discurso é um *ethos* especialmente autoritário. Com isso, verificamos que o discurso de autoajuda para a terceira idade é um discurso de caráter bastante instrutivo.

Esse resultado parece corroborar os de Brunelli (2004), no que diz respeito ao fato de o discurso de autoajuda prezar por enunciados que ditam regras a serem seguidas, em vez de estimular seus leitores a desenvolverem uma reflexão mais profunda a respeito dos temas tratados e das teses sustentadas pelo discurso.

O tom autoritário e seguro desse discurso condiz com as palavras que abrem a obra *A arte de envelhecer com sabedoria* (2000). Nessa obra, logo no início do primeiro capítulo, o sujeito enunciativo afirma que não pretende ser o dono da verdade, no entanto, os conhecimentos que acumulou ao longo de sua experiência com idosos o “autorizam” a discorrer sobre a terceira idade, como podemos notar no trecho abaixo, que se configura como um exemplo de *ethos* dito:

Não pretendo ser o dono da verdade, mas os conhecimentos que acumulei em anos de trabalho contínuo com adultos e idosos, permite-me transferir algo sobre nossa experiência por meio de *A Arte de Envelhecer com Sabedoria*. (GRINBERG, 2000, p. 14)



O tom de seriedade do discurso de autoajuda para a terceira idade, por sua vez, também está pré-anunciado numa das obras do *cópus*, isto é, *Envelhecer e ser feliz* (2001). Mais exatamente, na apresentação desta obra, encontramos o seguinte enunciado:

Não se trata de um típico livro de auto-ajuda (sic), mas de uma série de **reflexões sérias**, apesar de muitas vezes leves e bem humoradas, de alguém que lida há anos com as questões do envelhecimento, conhece o conjunto da bibliografia a respeito e tem a disposição (e a notável capacidade) de passá-la adiante. (COELHO, 2001; grifo nosso)

Ainda na apresentação da mesma obra, anunciam-se o tom realista (próprio dos enunciados que tratam das características negativas dos idosos) e o tom otimista, típico do discurso de autoajuda:

O objetivo desse livro é este: passar aos idosos **uma mensagem realista de otimismo**, mostrando-lhes que eles têm como enfrentar o mundo paralelo em que os colocam a sociedade, a família e seus próprios problemas. Se o conseguirmos, teremos provado a nós mesmo que somos capazes de concretizar um sonho. (COELHO, 2001, p. 8; grifo nosso)

Considerando ainda o tom autoritário que predomina no discurso de autoajuda para a terceira idade, podemos dizer que esse discurso diverge um pouco do discurso de autoajuda convencional. Se considerarmos, por exemplo, os trabalhos de Brunelli e Gasparini-Bastos (2008, 2011 e 2012), autoras que analisaram o verbo modal *poder* no discurso da autoajuda convencional, tanto em português como em espanhol, veremos que os dados das autoras apontam para um predomínio da modalidade facultativa, relacionada à capacidade e à habilidade do sujeito de executar a ação prevista no enunciado, o que, como já dito, colabora para a construção do tom otimista desse discurso.

Diferentemente, no discurso da autoajuda para a terceira idade, o predomínio da modalidade deôntica evidencia um sujeito enunciator mais autoritário, que se dirige ao público de maneira mais direta, esperando ações mais concretas.

Na análise desenvolvida, identificamos uma outra característica do discurso de autoajuda para a terceira idade: o sujeito enunciator, em vez de dirigir suas ordens apenas aos próprios idosos, as dirige também a outros membros da sociedade (algum familiar, alguma pessoa que se relaciona ao idoso). Logo, esse discurso não se destina somente ao idoso, mas também às pessoas que convivem com ele.

Essa constatação é, de certa forma, um pouco inesperada, pois, segundo Cortina (2007), o discurso de autoajuda se dirige a sujeitos individuais, pregando-lhes que a mudança

para uma vida melhor depende apenas de si. Já o discurso de autoajuda para a terceira idade, ao dirigir conselhos para a sociedade que convive com o idoso, acaba colaborando com a tese de que o “bem-viver” do idoso não depende somente dele, mas também de atitudes da própria sociedade para com ele.

Considerando conjuntamente esses resultados, podemos dizer que o alto índice de modais facultativos que têm como alvo o próprio idoso contrasta com a alta frequência de modais deônticos que dirigem ordens à sociedade de maneira geral. Ou seja, ainda que o discurso em questão afirme que o idoso seja capaz do ponto de vista físico e mental, as inúmeras ordenações dirigidas, por exemplo, aos familiares dos idosos indicam que muitas das necessidades relacionadas aos idosos devem partir de terceiros. Desse modo, acaba por haver, em parte, uma reprodução do senso comum de que os idosos são pessoas que, de certo modo, são dependentes de cuidados de outras pessoas, como familiares e políticos.

A predominância da modalidade orientada para o evento (dentre os quais podemos citar a velhice, a aposentadoria, a saúde e a morte) indica que essas obras não colocam, na maioria das vezes, o idoso como sujeito do enunciado, o que parece fazer com que o enunciador dessas obras, de certo modo, crie certo distanciamento de seu leitor.

O estudo do léxico empregado nessas obras permite-nos verificar que, curiosamente, em dois livros analisados, há um sujeito enunciador que se vale, em alguns momentos, de um tom pouco cordial, por meio de adjetivos pouco polidos para fazer referência à personalidade negativa de alguns tipos de idosos, e pede ao idoso que não se iguale àquele tipo de idoso que faz jus a tais adjetivos.

Esse tipo de enunciado também rompe com o tom otimista que normalmente é assumido pelo discurso de autoajuda. O discurso da autoajuda para a terceira idade, ao admitir que existem idosos considerados desagradáveis pela sociedade, acaba por admitir a existência de uma realidade pouco feliz vivida por tais idosos, e que pode se tornar a própria realidade do idoso leitor caso ele não coloque em prática as instruções passadas, o que lhe confere um tom mais sério.

O estudo lexical mostra-nos também que, nesse discurso, é frequente o emprego do vocábulo *velho* para fazer referência ao idoso, pois, como foi possível observar, essa palavra aparece em enunciados de todas as obras que compõem o cópulo da pesquisa. Contudo, ainda que seja uma palavra estigmatizada socialmente, tal vocábulo, no discurso de autoajuda para a terceira idade, não assume uma conotação negativa; ao contrário, sua função parece ser a de colocar a condição de velho como um motivo do qual o sujeito deve sentir orgulho, já que esta condição se relaciona à vida longa.

O emprego dessa palavra nessas obras caracteriza o fiador como um sujeito realista, que se utiliza de um vocábulo bastante usado socialmente para fazer referência aos idosos, ainda que, como já dito, seja um vocábulo estigmatizado. Desse modo, podemos dizer que o *ethos* do sujeito enunciador do discurso de autoajuda também é um *ethos* realista, que não procura eufemizar a velhice, até mesmo porque não haveria motivos para isso, já que, do ponto de vista desse discurso, a velhice também tem aspectos positivos.

Diante do exposto, podemos concluir que o *ethos* do discurso de autoajuda para a terceira idade não é exatamente o mesmo do discurso de autoajuda convencional. Apesar disso, como o sujeito enunciador desse discurso não deixa de assumir uma postura de segurança e de liderança, o *ethos* do discurso em questão atende, de um certo modo, às expectativas do *ethos* pré-discursivo relacionado ao discurso de autoajuda, pois, quando pensamos nesse discurso, forma-se mesmo a expectativa de um discurso que forneça orientações de modo seguro.

As diferenças mais significativas dizem respeito, então, ao tom otimista (mais evidente no discurso de autoajuda convencional e mais atenuado no discurso de autoajuda para a terceira idade) e ao tom realista (mais evidente no discurso de autoajuda para a terceira idade).

Desse modo, terminamos esta pesquisa concluindo que, apesar de o discurso de autoajuda convencional e o discurso de autoajuda para a terceira idade compartilharem certas características, o discurso de autoajuda para a terceira idade tem características que o diferenciam do discurso de autoajuda convencional. De acordo com os resultados que obtivemos na pesquisa, o discurso de autoajuda para a terceira idade é menos um discurso otimista que se destina a ensinar aos idosos as fórmulas para alcançar uma velhice feliz e mais um discurso autoritário que se destina a “ensinar” a sociedade de forma geral a ajudar e a entender a pessoa idosa.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, A. de. O discurso de auto-ajuda em revistas femininas: aspectos retóricos e discursivos. *Revista Percursos Linguísticos*, Vitória (ES), v. 3, n.1, p. 19-39. 2011.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* análise do discurso. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-23.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 2001.

Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos. *Brasil tem a maior taxa de crescimento percentual entre os top 10 mercados mundiais de hppc*. Disponível em: <http://www.abihpec.org.br/2012/04/brasil-tem-maior-taxa-de-crescimento-percentual-entre-os-top-10-mercados-mundiais-de-hppc/>. Acesso em: 6 de set. de 2012.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

BERTUOLO, C. Literatura de autoajuda: aproprio-me: logo existo. *Revista Memento*, Três Corações (MG), v. 2, n. 1, p. 77-94, jan./jun. 2011.

BUTLER, R. N. *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. 149f. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Os valores do verbo modal *poder* em português: da língua ao discurso. In: *XV Congreso Internacional de ALFAL, 2008, Montevideo-Uruguai. Actas*. Montevideo-Uruguai: ALFAL, 2008.

\_\_\_\_\_. O comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 1, p. 61-70, 2011.

\_\_\_\_\_. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo auxiliar *poder* em português e em espanhol: análise do discurso de autoajuda. *Signo & Señal*, v. 22, p. 165-180, 2012.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CERVONI, J. *A enunciação*. Tradução: L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

CÉSAR, K. M. L. *Fui moço: agora sou velho e daí?* Viçosa: Ultimato, 2000.

COELHO, S. *Envelhecer e Ser Feliz. Conversando Com a Terceira Idade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 2ª ed., 2001.

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ/Campinas: Pontes, 1991.

CORTINA, A. O leitor brasileiro contemporâneo e a auto-ajuda. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 42-50, 2007.

\_\_\_\_\_. A literatura de massa na perspectiva dialógica. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 133-150, 2011.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations*. Ed. Ophrys, Paris.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; BERLINK, R.; GUEDES, M.; OLIVEIRA, T. P. de (Org.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe*. Araraquara-SP: Cultura Acadêmica, v. 12, 2007. p. 103-145.

DEIRDRE, B. *Começar de novo: o divórcio na terceira idade*. São Paulo: Rocco, 2010.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. DUCROT, O. Les topoi dans la "Thorie de l'argumentation dans la langue", In: PLANTIN, C. (dir.). *Lieux communs. Topoi, strotypes, clichés*. Paris: Kimé, 1993. p. 233-248.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

FALCÃO, D. V. S., DIAS C. M. *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FREITAS, M. C. et al. *Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura*. Revista Latino-americana Enfermagem, vol. 10, p. 221-8. 2002.

FREITAS, E. V. de. De demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Ligia et al. (Org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 19-35.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOUVÊA, M. A. C. de. *Terceira idade: ainda é tempo de semear*. São Paulo: Vozes, 2002.

GRINBERG, A; *A arte de envelhecer com sabedoria*. São Paulo: Nobel, 2000.

GUDRUN, K. B. *Livres na terceira idade*. São Paulo: Antroposófica. 2011.

HADDAD, G. Ethos prévios e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 145-166.

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.) *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.1190-1201.

HENGEVELD, K. & MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Idosos*. 2014. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/idosos>>. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

LEMOS, R. P. S. et al. A fisioterapia no idoso e a legislação brasileira. *Revista MPMG Jurídico*, vol. 11, ano 03, n° 10, p. 67-68, out/nov/dez 2007.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, v. 2.

KERBRAT-ORECCHIONI. C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. *La enunciación- De la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Edicial S.A., 1997.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

\_\_\_\_\_. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto: 2006.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2008.

MARTHE, M. O alto-astral da auto-ajuda. *Revista Veja*, São Paulo, n. 45, p. 114-124, nov. 2002.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteira*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008, v.1.

NAVARRO, P. L.B.; BAZZA, A. B. A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia. *Rev. Estudos da Língua(gem)*, vol. 10, n° 2, p.143-158, 2012.

NARROG. H. *Modality, subjectivity, and semantic chance: A cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 2012.

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, I.G.V. (org.). *Gramática do português falado*. v. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996, p. 163-199.

\_\_\_\_. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, Hawthorne, v. 31, p. 933-69, 1993.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, M.; BARROS, L.; DEBERT, G.; PEIXOTO, C. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84.

PEREIRA, T. M. F. R. A. *Histórias de vidas de mulheres idosas: um estudo sobre o bem-estar subjetivo na velhice*. 2005. 261f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – CCHLA Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2005.

PERKINS, M. R. *Modal expressions in English*. London: Pinter, 1983.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. 1a. reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. 7.ed. London: Longman, 1985.

RÜDGER, F. *Literatura de Auto-Ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1996.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan./mar. 2008.

SOBRAL, A. U. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase parasitária de uma vertente do gênero de autoajuda*. 2006. 305f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUSA, A. *A persuasão: estratégias para uma comunicação influente*. 2000. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- BBCC/UBI, Universidade Beira Interior, Portugal, 2000.

TREVISAN, L. *Os segredos da terceira idade*. São Paulo: Editora da Mente, 2012.

Organização Pan-Americana da Saúde. Saúde dos Idosos. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra/saudedosidosos>>. Acesso em: 25 de set. de 2012.

VERAS, R. P. O anacronismo dos modelos sociais na área da saúde: mudar, inovar, desafios para o setor público e o privado. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Terceira Idade, Gestão Contemporânea em Saúde*. Rio de Janeiro: Relumbre Dumará: UNATI UERG, 2002, p.163-188.